

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EJA Caminhos e Possibilidades na Construção dos Currículos

SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO
Guarulhos/SP

Departamento de Orientações
Educativas e Pedagógicas - DOEP

Volume 5 de 25



FORMAÇÃO
2020

Prefeitura de Guarulhos
Secretaria de Educação

Gustavo Henric Costa
Prefeito de Guarulhos

Alex Viterale
Secretário de Educação

Fábia Aparecida Costa
Subsecretária de Educação

Solange Turgante Adamoli
Diretora do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas

FICHA TÉCNICA

Divisão de Formação

Seção Técnica de Educação de Jovens e Adultos

Autores: Alexandre Thadeu Nóbrega F. Coutinho, Jefferson Carvalho Pimenta, Miriam Teixeira de Souza, Mônica Herrero, Renata Calenti Freitas dos Santos, Sérgio Marcelino Júnior, Sílvia Elli Nunes, Sueli Maria de Souza Pereira, Tiago Cavalcante Guerra

Organizadores: Alexandre Thadeu Nóbrega F. Coutinho
Mônica Herrero, Tiago Cavalcante Guerra

Divisão Técnica de Publicações Educacionais

Projeto Gráfico: Anna Solano e Eduardo Calabria.

Fotografia: Camila Rhodes e Eduardo Calabria.

Colaboração: Bárbara Braz, Carla Maio, Danielle Chaves, Diego Alves, Maira Kami, Mateus Barboza, Rodolfo Santana e Rodrigo Medrado.

Secretaria de Educação

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo
Guarulhos/SP - CEP: 07113-040

Portal da Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos

<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>

Guarulhos, 2021



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS **EJA**

Caminhos e Possibilidades na
Construção dos Currículos



Educadores da Rede Municipal de Guarulhos

A formação permanente, em face das constantes mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, sobretudo com o avanço tecnológico que nos impulsiona a uma formação humana alinhada às necessidades do século XXI, notadamente, constitui um dos elementos centrais para o enfrentamento dos desafios que surgem.

Nos últimos tempos, sobretudo ante as problemáticas agravadas e impostas pela pandemia de Covid-19, tem sido inegável a função social da escola pública, não somente em assegurar conhecimentos considerados relevantes para a formação dos educandos, mas como lugar de aprendizagem dos sujeitos em sua integralidade, considerando as diversas dimensões do desenvolvimento humano, por meio de um processo educativo que viabilize o uso de diferentes espaços da escola e do território em que se encontra, e que também valorize as interações sociais estabelecidas, em busca da formação de cidadãos críticos e autônomos, capazes de fazerem uso dos conhecimentos aprendidos para o bem comum e para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Isso só é possível quando os profissionais da educação, trabalhando em conjunto, promovem ações que favoreçam o exercício de uma escuta ativa e a abertura de espaços de atuação participativa, que garantam aos educandos “vez e voz”, para que possam assumir seu papel de protagonistas no processo educativo.

As publicações que compõem esta coletânea são o resultado da sistematização da formação permanente realizada pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA Currículo, no ano de 2020, que compôs a jornada de trabalho dos servidores da Educação durante as medidas de combate e prevenção ao SARS-CoV-2, tais como o distanciamento físico das escolas e equipamentos de educação e o isolamento social, a fim de se manter o compromisso com a valorização profissional.

Assim, desejamos que essas publicações sejam parte da história coletiva da Rede Municipal, cujo sucesso se vê, de fato, no chão da escola, objetivo maior do nosso trabalho.

Boa leitura e reflexões!

Alex Viterale

SUMÁRIO

Apresentação.....9

Introdução13

Capítulo 1

Planejar e Replanejar: ações e reflexões necessárias a todas/os educadoras/es frente a novos desafios.....15

1.1 Tudo mudou, repensando o planejar.....17

1.2 A intencionalidade do planejamento.....20

1.3 A escola, o planejamento e os saberes atitudinais.....24

1.4 Saberes atitudinais: reflexões sobre a prática.....30

Referências36

Capítulo 2

Em busca da EJA emancipadora: a Vez e Voz dos (das) Estudantes.....37

2.1 Trajetória histórica da EJA e o perfil de seus estudantes no Brasil e em Guarulhos.....37

2.2 Pensando os sujeitos da EJA: identidades, saberes e diversidade.....48

2.3 A tessitura de conhecimentos na constituição das práticas docentes na EJA.....55

2.4 Currículo emancipatório e o protagonismo estudantil.....67

Referências.....77

Capítulo 3

Mundo do Trabalho na EJA e o emprego no século XXI.....79

3.1 Mundo do Trabalho na perspectiva da EJA: reflexões iniciais79

3.2 Singularidades da EJA e o Mundo do Trabalho82

3.3 As relações de trabalho, conquistas e desafios para garantir a proteção social87

3.4 Escola e trabalho: em busca de conciliações para as(os) estudantes da EJA	92
Referências.....	102

Capítulo 4

A tecnologia na Educação de Jovens e Adultos.....105

4.1 Tecnologia: conceitos e impactos na economia e sociedade.....	105
4.2 Tecnologia, consumismo e questões socioambientais: repensando práticas na sociedade.....	110
4.3 Os desafios e influências das redes sociais no cotidiano escolar.....	119
4.4 Tecnologia na educação e pandemia: desafios do reinventar.....	126

Referências.....139

Considerações Finais.....141

Fotos EJA - Guarulhos.....143

Anexo I – Pesquisa de Perfil de Estudantes da EJA149

Anexo II - Saiba Mais - Links utilizados na plataforma.....167



APRESENTAÇÃO

“Para mim, é impossível existir sem sonho”

Paulo Freire

É com satisfação que a Secretaria Municipal de Educação, por meio do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas - Seção Técnica de Educação de Jovens e Adultos, compartilha com todas e todos, educadoras e educadores da nossa rede, esta primeira publicação da Educação de Jovens e Adultos – EJA “Caminhos e Possibilidades na Construção dos Currículos”.

Em um momento mundial em que nos deparamos com algo totalmente inesperado, seguimos construindo ações para esta modalidade tão importante a nossa sociedade.

Este material é parte do resultado do trabalho desenvolvido junto as (aos) educadoras e educadores, neste período pandêmico por meio da formação EaD, na qual pudemos contar com a colaboração de diversos profissionais da nossa rede, envolvidos com a EJA, na valorização de seus trabalhos e territórios.

Mais que reconhecer a importância da Educação de Jovens e Adultos no nosso município e no nosso país, reconhecemos a necessidade da compreensão das especificidades desta modalidade de ensino, que vão além da garantia de vagas, mas da busca contínua pela qualidade da educação municipal, promovendo a permanência das (os) educandas (os), para que cada vez mais elas (es) possam iniciar ou retomar e concluir seus estudos em nossas escolas. Reafirmando-se assim, a EJA como direitos social e humano fundamentais, sob o olhar da educação inclusiva e da aprendizagem ao longo da vida.

Partindo da compreensão da Educação de Jovens e Adultos como espaço de acolhimento e respeito as diversidades, singularidades e pluralidades de seu público, o objetivo deste material é permitir que todas e todos educadoras (es) possam refletir e dialogar sobre suas práticas, subsidiando-as e fortalecendo-as em nosso fazer cotidiano.

Gostaríamos de agradecer a todas as equipes da Educação de Jovens e Adultos das escolas de nossa rede, as (aos) educadoras (es) por suas participações nas atividades “Territórios”, na qual prontamente compartilharam suas experiências e a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram para esta publicação.

Assim, convidamos as(es) educadoras(es) à leitura e desejamos, que esta publicação contribua de maneira significativa na constante busca pelo aprender e ensinar. E que não nos esqueçamos e nem deixemos de esperar!

Boa Leitura e sigamos na luta pela Educação de Jovens e Adultos!

DOEP - EJA



Canção Óbvia

Paulo Freire

*Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de quefazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso esperar, na forma em que esperas,
porquê esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.*

Genève, 1971

INTRODUÇÃO

“Todos os homens do mundo na medida em que se unem entre si em sociedade, trabalham, lutam e melhoram a si mesmos”.

Antônio Gramsci

A oportunidade de estudar, participar do processo de aprendizagem, de se formar, de trocar suas experiências e sua cultura, de se transformar pelo contato social promovido pela escola, movem constantemente pessoas em busca da educação formal. Porém, muitas dessas, em nosso país, não tiveram e ainda não têm a possibilidade de vivenciarem esta experiência e de obterem sua formação acadêmica garantida em uma unidade escolar básica na infância ou adolescência.

Isto não significa que no mundo contemporâneo, se pense em parar de estudar ou aprender continuamente, afinal vivemos num mundo cada vez mais técnico e que lida com um volume considerável de informações. Mas, privar pessoas da educação formal em sua tenra idade é sempre uma dificuldade maior em seu desenvolvimento, na integração na vida social, na empregabilidade e no exercício da cidadania.

Para tentar mitigar esse fenômeno, há algum tempo existe a proposta de oportunizar aos jovens e adultos, para chegarem à formação do ensino fundamental e médio, uma modalidade específica: a Educação de Jovens e Adultos -EJA.

Muitos são os obstáculos para a conclusão do curso por grande parte dos(as) educandos(as) que se matriculam na EJA, como constantemente narrado pela comunidade escolar: dificuldades no retorno a vida escolar; responsabilidades com a família; conciliação com os horários de trabalho; etc. Nota-se, que quem o conclui, geralmente vence vários obstáculos, principalmente devido às mazelas sociais.

Os(As) educadores(as) relatam seus esforços para a motivação constante a estes sujeitos, objetivando antes de tudo, um trabalho pedagógico que cative e ajude esses(as) educandos(as) a concluírem sua formação. Para promover a reflexão de alguns pontos importantes que cercam a vida dos(as) educandos(as) hoje, auxiliando educadores(as) no trabalho em direção a formação integral do(a) educando(a), a equipe que compõe a Seção Técnica de Educação de Jovens e Adultos (EJA) elaborou este documento, tendo como norte a proposta curricular da rede municipal de educação, no denominado Quadro de Saberes Necessários – QSN (2019) para EJA.

Esta publicação está organizada em quatro capítulos, com temas pertinentes a aprendizagem do(a) educando(a).

No primeiro, “Planejar e Replanejar: ações e reflexões necessárias a

todas(os) educadoras(es) frente a novos desafios”, desenvolve-se este importante tema as(aos) profissionais de educação, com significativo propósito, que é o da reorganização, tanto nesse momento pandêmico, como também, na realização de ações que garantam o processo educativo.

No segundo, “Em busca da EJA emancipadora: a Vez e Voz dos Estudantes”, apresenta-se a importante tarefa de conhecer e reconhecer os(as) educandos(as), oportunizando e evidenciando a busca contínua pelo diálogo e o protagonismo das(os) educandos(as).

No terceiro, “Mundo do Trabalho na EJA e o emprego no século XXI”, o(a) educando(a) e o mundo do trabalho, são os temas de discussão considerando as perspectivas por meio das inúmeras situações e contradições no mundo e em nosso país.

E o quarto capítulo, “A tecnologia na Educação de Jovens e Adultos”, trará vários exemplos de como, no decorrer da história, a sociedade vem mudando a forma de ver e interagir consigo e com o mundo através das tecnologias. Um olhar especial para as tecnologias da informação é dado, pois a influência nos processos de ensino e aprendizagem é potencializado à medida que esta se dinamiza.

Tais temas, desenvolvidos baseados no QSN, são uma fração de outros pertinentes a formação do(a) educando(a). Sua apresentação foi pensada pela interdisciplinaridade, como verifica-se por exemplo: em todas as citações de Arte permeando eixos como Natureza e Sociedade, Ciências da Natureza e Língua e Cultura Portuguesa. Além disso, este trabalho não pretende encerrar os assuntos tratados aqui para nossa rede, trata-se de um recorte para análise e reflexão.

Espera-se, que com o trabalho apresentado a rede possa caminhar para a construção de uma educação integral, pensando sempre no acolhimento e desenvolvimento destes(as) educandos(as), em sua jornada de aprimoramento e a consolidação de sua autonomia e da cidadania.

CAPÍTULO 1

Planejar e Replanejar: ações e reflexões necessárias a todas/os educadoras/es frente a novos desafios

A arte sempre é capaz de apoiar com reflexões os mais diversos momentos. Não seria diferente diante desse inesperado evento mundial, a Pandemia Covid-19, que de maneira abrupta impeliu todas e todos a parar e repensar todo cotidiano.

O Dia em que a Terra Parou

Raul Seixas / Cláudio Roberto

Essa noite eu tive um sonho de sonhador
Maluco que sou, eu sonhei
Com o dia em que a Terra parou
com o dia em que a Terra parou
Foi assim
No dia em que todas as pessoas
Do planeta inteiro
Resolveram que ninguém ia sair de casa
Como que se fosse combinado em todo o planeta
Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém, ninguém
O empregado não saiu pro seu trabalho
Pois sabia que o patrão também não tava lá
Dona de casa não saiu pra comprar pão
Pois sabia que o padeiro também não tava lá
E o guarda não saiu para prender
Pois sabia que o ladrão, também não tava lá
e o ladrão não saiu para roubar
Pois sabia que não ia ter onde gastar
No dia em que a Terra parou (Êêê)
No dia em que a Terra parou (Ôôô)
No dia em que a Terra parou (Ôôô)
No dia em que a Terra parou
E nas Igrejas nem um sino a badalar
Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá
E os fiéis não saíram pra rezar
Pois sabiam que o padre também não tava lá
E o aluno não saiu para estudar
E o professor não saiu pra lecionar
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar

No dia em que a Terra parou (Ôôôô)
No dia em que a Terra parou (Ôôô)
No dia em que a Terra parou (Uuu)
No dia em que a Terra parou
O comandante não saiu para o quartel
Pois sabia que o soldado também não tava lá
E o soldado não saiu pra ir pra guerra
Pois sabia que o inimigo também não tava lá
E o paciente não saiu pra se tratar
Pois sabia que o doutor também não tava lá
E o doutor não saiu pra medicar
Pois sabia que não tinha mais doença pra curar
No dia em que a Terra parou (Oh Yeeeah)
No dia em que a Terra parou (Foi tudo)
No dia em que a Terra parou (Ôôôô)
No dia em que a Terra parou
Essa noite eu tive um sonho de sonhador
Maluco que sou, acordei
No dia em que a Terra parou (Oh Yeeeah)
No dia em que a Terra parou (Ôôô)
No dia em que a Terra parou (Eu acordei)
No dia em que a Terra parou (Acordei)
No dia em que a Terra parou (Justamente)
No dia em que a Terra parou
(Eu não sonhei acordado)
No dia em que a Terra parou (Êêêêêêêêê...)
No dia em que a Terra parou
(No dia em que a terra parou)

Já que a “Terra parou”, como apontou o grande compositor Raul Seixas, que sem imaginar o que o mundo passaria atualmente há quarenta e três anos atrás, compôs essa música, seguiu-se a pergunta: o que é possível fazer agora? A resposta pode estar nos versos do poema “Reinvenção” de Cecília Meireles, que permite refletir, de maneira delicada e inspiradora, sobre reinventar-se.

Reinvenção

Cecília Meireles

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só – no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só – na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

1.1 Tudo mudou e agora? Repensando o planejar

“O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo”.
Paulo Freire

O momento que o mundo enfrenta, além de totalmente inesperado, é chocante, pois colocou em xeque tudo o que pensava-se e imaginava-se, e na escola, tudo o que fazia-se, o que foi planejado para o semestre letivo. Então restou repensar, reinventar. Mas partir de qual olhar? Para iniciar cabe uma reflexão: Somos os mesmos que éramos antes desta pandemia?

Nesse período de distanciamento físico, o sentimento de fragilidade diante do conhecido, porém invisível, pegou a todos e todas de surpresa, deixando toda a população mundial a mercê de notícias, orientações muitas vezes desconstruídas, desinteressadas do esclarecimento efetivo, movimento próprio desta época de informações frenéticas e das “Fake News”. Só soube-se que todos devem ficar em casa, não devem ir mais para a escola, não seria mais o dia do projeto planejado e nem teria mais o cafezinho que o pessoal da EJA sempre prepara. A ordem agora é esperar.... esperar.... e quantas vezes no mundo contemporâneo até outro dia desses, alguém esperaria? Essa inércia tomou conta inicialmente de todos, mas logo entendeu-se que não teria mais as respostas cotidianas, estava-se diante de um futuro de incertezas e era preciso se reinventar, repensando as ações e replanejando o que fazer.

Quando se pensa em planejar ou replanejar em nas escolas, é necessário olhar em primeiro lugar para quem são esses estudantes, suas histórias e conhecimentos prévios. Não há como pensar qualquer plano em que os sujeitos, que fazem parte dele, não sejam reconhecidos. Nesse momento que se encara o inesperado, passa-se o que nunca ninguém imaginaria, é imprescindível olhar para esses sujeitos e suas histórias, e acolher! A “palavra de ordem” é ACOLHA, faça com que esses estudantes entendam e se sintam efetivamente parte da escola.

De acordo com alguns dos significados do dicionário Houaiss, acolher é “receber alguém; hospedar, agasalhar; ter alguma coisa em consideração, em atenção”. Entendemos, assim, que acolhimento está além da adaptação, pois adaptar-se está apenas centrada na ação do educando com relação aos outros, ao momento, ao espaço; enquanto o acolher está focado na importância e necessidade de aceitação do sujeito que está para ser inserido em um novo processo, do qual é preciso ser precedido de escuta ativa, de reconhecimento de sua individualidade, de respeito às suas singularidades, sendo necessário um olhar sensível e cuidadoso para que a escola seja um ambiente acolhedor para os profissionais, as famílias e os educandos. (Acolhimento – SME Guarulhos 2020)

Quantas histórias não terão para contar? O que vivenciaram esses sujeitos em suas vidas, suas famílias? Quais assuntos (conteúdos) são realmente pertinentes neste momento? O que todos aprendem juntos nesse período de distanciamento físico? O quanto é importante estar presencialmente junto novamente? O diálogo, através da escuta ativa e do olhar atento mais do que nunca são primordiais.

Afinal, a lição que se pode aprender frente a esse fato, foi que ninguém substitui o(a) professor(a), a presença dos(as) estudantes, a escola e sua interação. Os computadores, sejam eles os mais modernos e avançados podem ser ótimas ferramentas de trabalho, as quais usa-se cada vez mais no cotidiano devido a necessidade do distanciamento, seja para a comunicação, seja para cursos em plataformas, entre outras possibilidades. Mas, todas essas facilidades tecnológicas não substituem o aprendizado social, que só a vida em grupo pode proporcionar. Só esta experiência desperta, de forma tão evidente, o conhecimento sobre os sentidos e as emoções para com os outros.

Que vontade de recuperar, assim que possível, o abraço, o aperto de mão. Poder ouvir e falar novamente para essa turma o: Boa noite! Como você está? Você precisa de ajuda? E ouvir de volta: Obrigado(a) professor(a)! Isso tudo, que é de conhecimento daqueles que vivenciam a Educação de Jovens e Adultos de forma tão forte, faz parte do cotidiano, é definitivamente insubstituível.

Assim, diante desse cenário onde um dos maiores aprendizados foi o de “respeitar e valorizar as relações humanas”, é que se pensará o ‘planejar’. Enfatizando novamente, que o centro do trabalho é o estudante. Para isso, o planejamento deve ser diversificado e flexível; que leve em conta e respeite toda a diversidade de estudantes da EJA e que tenha como base, os princípios éticos, políticos e estéticos do QSN/2019.

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: do direito de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2010, p. 16). (QSN 2019 p.10 e 11)

Esses princípios reforçam e expõem, o que os educadores e as educadoras trilham na rede municipal de Guarulhos. E a última pergunta: “Mas, e a vida a partir de agora?”

“...a vida, a vida só é possível reinventada...” (Cecília Meireles)

Planejar ou improvisar?

“Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar, sabe lá” “Esquinas” - Djavan

As características do planejamento escolar são sistematizar, organizar ações, pensar no contexto da aprendizagem em que todos os envolvidos estejam alinhados quanto a sua construção, diante de fatos que possam causar impactos na vida da sociedade, as ações educativas devem ser repensadas e ajustadas. Hoje a pandemia por COVID-19 desperta atenção por parte dos envolvidos em educação, pois além do evento maior, que é o impacto na saúde pública, deve-se estar atento a suas outras consequências, como a recuperação emocional das famílias que perderam entes queridos e o impacto socioeconômico, numa sociedade que em grande parte já se encontra fragilizada ao longo de sua história.

Cabe agora o replanejamento pedagógico, ação criativa com o objetivo de reinventar as práticas cognitivas diante do cenário atual, colocando as habilidades em prol da reconstrução, para muitos, de seus valores e de suas perspectivas. Para tal, é fundamental conhecer os estudantes e seus interesses, e promover um planejamento significativo.



Territórios – Contribuição da Professora Coordenadora Pedagógica Edina de Souza Barreira Piologo

Olá educadores!

Tudo bem com vocês? Espero que estejam todos bem, convido vocês para uma conversa hoje sobre este momento tão difícil que nós estamos vivendo uma rotina nunca vivenciada por nós.

As aulas foram paralisadas e os educadores e educandos estão todos em casa com as suas famílias e com essa mudança de rotina veio o medo, veio a preocupação e veio a angústia também.

De um dia para outro a sua casa se transformou na sala de aula de seus filhos, no ambiente de trabalho de seu esposo ou da esposa e na sala dos professores ... e isso foi mudando a nossa vida...está mudando a nossa vida. Aquela correria que a gente tinha de levantar cedo para ir trabalhar, preocupado com o horário, preocupado com a placa do carro se poderia rodar na marginal...e tem professores que a gente tem conhecimento que atravessa São Paulo para poder trabalhar. E aquela preocupação vou chegar no horário? ...Aí! meu Deus!!! Será que vai dar tempo? Não tomar um café, sai correndo, porque nossa vida é corrida, não é que a gente que a vida seja assim, é que é corrida mesmo! Para o professor a vida é corrida!

Atravessamos cidades preocupados com o horário, com tudo! Essa preocupação, ela cessou por nesse momento agora, nós não temos mais a preocupação. Levantar cedo, sair correndo de uma escola para outra, chegar cedo na nossa escola para ver se a digital vai dar tempo? Se vai ficar com falta, se vai ficar atrasado, aquela loucura deu uma cessada agora. Apareceu outra inquietação, estamos vivendo um momento único ... nós nunca vivemos isso, e você está preocupado que eu sei!... Você está preocupado, você é compromissado ... como vai ser daqui para frente? E surgem novos trabalhos, surge o teletrabalho, os saberes em casa, atividades remotas e você está se perguntando será

que vou dar conta? Que a gente sabe que existem professores que estão muito atarefados e muito cobrados, os professores estão sobrecarregados e também está em uma situação nova...ele nunca vivenciou essa aula online, nunca vivenciou ter que ficar postando atividades, nós não vivenciamos isso ainda, tudo é novidade, e a novidade traz medo, insegurança e cansaço mental também. Mas por outro lado, como será que estão as famílias dos educandos, você já parou para pensar? Eles devem estar angustiados... Nossa! Eu nunca parei para dar aula para meu filho! E agora como vai funcionar isso??? E essa atividade como eu faço? Como fazer com meu filho??? Aí! Cadê o professor??? Cadê a escola que não volta? Aí meu Deus!!...estão angustiadíssimos também, mas é um momento que estamos vivendo, certo.

É com esse papo assim, que eu quero dizer uma coisa para vocês; professor desacelera um pouquinho, pense em você, para e pensa em você, que nunca teve este tempo para parar, respirar e olhar para você, porque a sua vida é muito corrida. Então, eu sugiro que você saia na varanda do seu apartamento, saia no quintal de sua casa, tome um sol, observe as coisas que você há muito tempo não observa o que tem na sua casa no seu quintal, plante uma flor, regue, cuide dessa flor, toque um instrumento musical. Cante uma música (que você sabe), a música é muito importante, a música manifesta todos os afetos da sua alma... como você está angustiado...Ah! Não sei tocar um instrumento, então canta! Você tem uma voz que é seu instrumento. Viva este momento mais leve... faça deste momento mais leve...desacelere um pouquinho, cuide de você, está bem!?

Nós estamos preocupados porque você vai ter que tratar esta resiliência emocional sua Você pode estar perguntando.... Nossa! Será que é um vídeo de autoajuda? Não é um vídeo de autoajuda. É um vídeo para você parar um pouquinho e olhar para você e a sua importância, como você está fazendo falta, com essa nova rotina vivenciada por todos, como você é primordial professor! Eu tenho orgulho de ser professora e tenho orgulho de vocês, estão fazendo muita falta, mas se cuidem para quando voltarem estarem fortes. Transforme este momento para que fique mais leve. Tem professores, tem escolas, estamos vendo o esforço na comunicação com a família... Criar no Facebook, no WhatsApp, este estreitamento é importante também porque o aluno quer saber como você está, se lembra dele, o aluno também está questionando. Este meio de comunicação foi muito importante com as escolas para que a gente vá acalmando as famílias, porque eles estão angustiados e nesse momento professor, o que eu queria com este vídeo bem curtinho, e dizer para vocês: Que são muito importantes! E quero que vocês se cuidem, hein! As nossas demandas nós vamos fazer, nós temos cobranças, porém tem que se organizar, não deixar assim acumular muita coisa, porque sei com a vida está louca, não tem horário para levantar, para dormir e comer, está tudo desorganizado, nós não estamos acostumados com isso, então tenta fazer uma organização para não ficar tão atarefado, para não ficar sobrecarregado, o faça com carinho e cuidado, mas se cuida... tá!? O recado desse vídeo hoje é: Se cuide. Fique em casa, cuide-se. Aproveite todos os momentos que está vivendo agora com sua família, que você não tinha esta oportunidade, que a vida é muito corrida. Abraços a todos!

1.2 A intencionalidade do planejamento

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.
Paulo Freire

Quem tem intenção tem um propósito, uma finalidade. Qual ou quais as principais intenções agora? Elas são as mesmas do início do ano letivo antes da pandemia? Certamente essas questões surgirão junto à todas as equipes escolares da EJA. Assim, é importante refletir sobre a intenção do trabalho pedagógico, principalmente nesse

momento em que todos e todas estão aprendendo a aprender de novas maneiras.

Serão mantidas, ainda, depois de toda essa situação intempestiva, as mesmas formas de ensinar e aprender ou serão repensadas as ações e as intenções?

Por vezes, na prática cotidiana na EJA fala-se: Os alunos precisam aprender a aprender diferente. Mas, eles não gostam de realizar projetos, querem as aulas tradicionais. Será?

Sabemos, que um número de estudantes insiste, realmente, na aula focada na lousa e no caderno. Mas, também se sabe que as escolas e educadores(as) têm mudado isso. Mudam porque acreditam nos projetos que desenvolvem, e esses são repletos de intencionalidades transformadas em ações.

Se no planejamento forem propostas como estratégias, aulas voltadas apenas uma vez ou outra para leituras compartilhadas, vídeos, rodas de conversas e, na sua extensa maioria as aulas forem centradas na lousa, no caderno e no lápis; os alunos entenderão que lousa e cadernos cheios, como muitos já aprenderam em suas trajetórias educacionais pregressas, representam a aprendizagem. O(A) professor(a) que apresentar uma proposta diferenciada, muitas vezes, não terá a participação de todos (as) estudantes.

Faz-se necessário pensar qual educador(a) pretende-se ser para os estudantes: aquele que reproduz a escola secular ou a que transforma? Qual a intenção? Paulo Freire dizia “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Freire, 2018 p.25). Essa construção acontece quando a educação é libertadora, na qual o(a) estudante não apenas recebe a transferência de conhecimento, com conteúdos prontos, sem reflexão, aquela que Freire denominou como Educação Bancária, mas sim aquela em que o(a) estudante tem a oportunidade de vivenciar o processo ensino-aprendizagem mediado pelo diálogo, através da ação-reflexão-ação.

O importante, do ponto de vista da educação libertadora, e não ‘bancária’, é que [...] os homens se sintam sujeitos do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros (FREIRE, 2014, p. 166).

Haja visto, que os projetos exitosos da Educação de Jovens e Adultos são aqueles focados no protagonismo estudantil. Projetos com intencionalidade explícita, no qual o estudante tem oportunidade de dialogar, criar, refletir e encontrar significado nas aprendizagens propostas.

Por conta do pioneirismo, em 2016, a Escola C com o projeto Autonomia do Saber foi premiada com a Medalha Paulo Freire¹⁴. Para a coordenadora, os educandos: Foram além dos muros da escola. Eles foram apresentar na

Secretaria. Foi aí que o pessoal da medalha Paulo Freire veio justamente nessa época em que a gente estava fazendo as apresentações, já fazia uma semana de apresentação e foi aí que eles viram realmente. Quando a moça chegou, ela ficou meio assim passada essa anarquia, um grupo aqui um grupo ali e ela estava avaliando tudo dentro da escola. E era uma bagunça tão organizada que ela conseguia se situar em cada espaço, porque a gente usava todos os espaços da escola, já não era mais dentro da sala de aula. Então quando ela viu aquilo ela virou e falou assim uma coisa que até o próprio Secretário da Educação falou. Se existe alguma referência de Paulo Freire está aqui. (Coordenadora C)” (Tiago C. Guerra, 2018, p.44)

Quando se fala em transformação, fala-se na intencionalidade do fazer pedagógico diferente, o fazer que realmente está baseado nas necessidades das turmas, dos(as) estudantes e possa contribuir com efetiva aprendizagem. Definitivamente, não adianta um planejamento incrível que não saia do papel, pois sabe-se que o papel aceita tudo. Mas, e a prática pedagógica? Está efetivamente voltada para as necessidades destes estudantes? Planeja-se realmente, enquanto educadores e equipe, para atender as necessidades observadas junto a esses estudantes?

O planejamento constitui-se, assim, num espaço privilegiado para o exercício de participação democrática e a reflexão sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem com observação dos avanços e dos desafios inerentes a ele. O planejamento participativo tem como intenção que todos conheçam, discutam, partilhem e reflitam sobre as ações do dia a dia à luz da proposta curricular.” (SME Guarulhos – Planejamento 2020)

É preciso entender que os princípios das ações não são espontâneos, nem acidentais. As ações dos professores e coordenadores são intencionais. Ações baseadas no improviso e na intuição levam ao fracasso.

Portanto, é basilar para EJA com foco na aprendizagem das(os) estudantes: organizar a equipe; visitar o Projeto Político Pedagógico - PPP da Unidade Escolar; continuar a tomar ciência da nova proposta curricular (QSN - 2019); dialogar coletivamente sobre quais projetos serão desenvolvidos no semestre e suas intencionalidades. Soma-se a estas ações a perspectiva de uma sociedade com um cenário diferenciado em comparação a última vez que se atuou. A descrição realista deste panorama, é importantíssima na retomada do trabalho.

Qualquer caminho serve?

Alice perguntou: Gato Cheshire... pode me dizer qual o caminho que eu devo tomar?

Isso depende muito de para onde você quer ir – disse o Gato.

Não me importo muito para onde! – Retrucou Alice.

Então não importa o caminho que você escolha, disse o Gato.

Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll

O trecho citado promove uma grande reflexão quando se pensa na importância do planejar, de saber aonde se quer chegar, considerando os diferentes olhares, opiniões e necessidades das(os) estudantes. O trabalho individual deve dar lugar ao trabalho em equipe, no qual todos compreendam que a atividade intelectual não é menos importante que a mecânica e no qual o trabalho interdisciplinar esteja em foco.



Territórios – Contribuição do Professor Vicente Alves Batista

Olá educadores e educadoras da EJA!

Sou o professor Vicente e é um prazer falar com vocês meus colegas, minhas colegas na área da Língua e Cultura Portuguesa na EJA.

Agradecimento a todos os educadores e educadoras pelo trabalho realizado junto a EJA. Incluo todos neste processo, pois a educação não acontece apenas por um sujeito, mas por vários sujeitos, por isso a valorização de todos neste processo.

Fui convidado para falar um pouco sobre o planejamento e a intencionalidade pedagógica, o que tem a ver o planejamento e a intencionalidade pedagógica? Então, a primeira fala vai no sentido de um questionamento, o que são? Quem são os adolescentes, jovens e adultos da EJA?

Porque quando a gente fala em planejar não podemos esquecer de qual sujeitos estamos trabalhando, quem é esse público, que está lá no contexto da escola, qual é este território.

Então por que eu falo adolescentes, jovens e adultos? Porque a gente não pode esquecer das fazes da vida como dizia Miguel Arroyo. Nós temos, portanto, o adolescente entrando cada vez mais cedo, entre 15 e 18 anos, nós temos os jovens na faixa entre 20 e 35 anos e nós temos os adultos. Inclusive minha aluna mais nova tem 85 anos!

Então nós não podemos esquecer esta questão de pensar quem são estes sujeitos. Quando vamos elaborar nosso trabalho, nossas práticas pedagógicas, então, quais as nossas intenções? Como a gente vê esses sujeitos?

Porque nenhuma educação é neutra, a gente tem intenções. Como (os educandos) são vistos? Como sujeitos com voz? Protagonistas? Isto é muito importante, essa reflexão é muito importante. Porque estamos fazendo uma reflexão sobre o homem, seu modo de vida, seus aspectos culturais, porque como falava Paulo Freire, nenhuma educação é neutra, ela tem objetivos, tem intenções, então quando se pensa em EJA, a gente não pode esquecer da marca histórica pela qual esses sujeitos são afetados.

Como dizia Marta Kohl, nós temos na verdade três campos importantes para pensar na EJA:

1- A condição de não crianças: a gente não pode planejar pensando tal qual se pensa para crianças. Quando eu penso na área de língua portuguesa, não posso pensar numa leitura, num exercício, tal qual eu penso para uma criança. Eles não são crianças, então eu tenho que pensar na questão que eles vêm com muita bagagem cultural, muito conhecimento prévio, então no meu exercício, no meu planejar, tem que pensar nestes conhecimentos prévios, eles têm trajetórias de vida, então isso é muito importante, isso é a condição de não criança.

2- A condição de excluídos da escola: muitas vezes, a gente não pode esquecer na trajetória deles, nós ainda temos muitos jovens e adultos que foram excluídos por condições diversas, sociais, do trabalho. Nós ainda temos a geração dos anos 70, 80, que, ou eles escolhiam o trabalho para sustentar a família, ajudar em casa, ou a escola. Isso é muito importante, nós não podemos esquecer disso.

3- O terceiro campo é que eles são membros de determinados grupos culturais, eles têm sua

cultura, sua bagagem cultural, cada vez mais a gente tem que observar o público diverso, heterogêneo, essa diversidade, então temos a questão dos migrantes chegando a EJA, temos que pensar esta questão, essa multiculturalidade que envolve a EJA e cada vez mais tem envolvido, cada vez mais tem aparecido pessoas de diversos países, de diversas etnias, então como eles aparecem na EJA?

Então estes três campos são importantes, da condição de não criança, da condição que eles foram excluídos em determinados momentos da escola, e da riqueza cultural, a riqueza multicultural da EJA.

Isso é muito importante no planejar, porque aí minha intenção vai no sentido de procurar no meu exercício, nas minhas tarefas, na minha prática. Tentar compreender, então as minhas intenções. Elas vão até a sala de aula, quando estou no meu planejamento, se eu observar isso, vai repercutir na sala de aula.

A gente tem que entender que esse público da EJA é um público que necessita da observação de todas as suas dimensões, pensando na questão da educação integral, pensando no corpo, na mente, nas relações sociais. Então no planejamento isto tem que aparecer, a questão da educação integral.

Porque a educação é muito ampla, envolve muitas dimensões, isso é muito importante.

No ato de planejar, como eu vejo esse sujeito? Nas minhas ações como esse sujeito múltiplo aparece? A minha intenção, como eu olho esse sujeito e como ele aparece no meu planejamento e nas minhas atividades? É muito importante.

Este sujeito aprende de diversas formas e diversas maneiras, a gente tem um grupo muito heterogêneo, pessoas em tempos diferentes, em ritmos diferentes, será que nosso planejamento consegue abarcar isso? Nosso planejamento consegue entender esses ritmos? Esses tempos, esses momentos tão diferenciados?

Isso é algo muito importante, a questão do tempo, dos ritmos de aprendizagem. Então nossa intenção pedagógica deve ser voltada para isso, numa mesma atividade eu não posso muitas vezes, avaliar da mesma forma, eu tenho que entender que eles estão em processos diferentes, então isto é muito importante. Dá a entender que sujeitos eles estão, em tempos e ritmos diferenciados.

Outro ponto importante, quando se fala na EJA e no planejar: será que no nosso fazer há espaço para a voz dos educandos? Será que tem espaço para o protagonismo deles? Isso a gente não pode esquecer na hora de pensar a ação pedagógica.

Isso é um pouco do que eu queria falar com vocês.

Agradeço a escuta e vamos firmes e fortes na Educação de Jovens e Adultos. Um grande abraço a todos e todas!

1.3 A escola, o planejamento e os saberes atitudinais

A Proposta Curricular do município evidencia a educação integral, para o pensar o estudante como um todo, dentro do processo ensino e aprendizagem significativo. Para isso, é fundamental compreender que todos saberes são igualmente importantes e indissociáveis.

A capacidade de lidar com as emoções, com as atitudes, com as situações de conflitos, entre outras, são essenciais e visam o desenvolvimento das dimensões comportamental (atitudinal) e relacional dos indivíduos.

Dessa forma, é preciso compreender que os saberes significam junções de aprendizagens conceituais, atitudinais e procedimentais (VASCONCELLOS,

2008; GUARULHOS, 2009). A apropriação dos saberes se constrói ao longo dos ciclos de formação, que devem também considerar o conjunto de saberes da experiência cotidiana dos educandos, seus tempos de vida, os jeitos de aprender e sua cultura local. A apropriação dos saberes pode se dar em tempos e ritmos diferenciados considerando as especificidades e necessidades dos sujeitos..." (QSN Introdutório, p.58)



Disponível em <https://tirasarmandinho.tumblr.com/search/amor%20essencial> acesso em 10/06/2020

Será que as escolas planejam ações em que o(a) estudante possa desenvolver: autoconhecimento, autocontrole, determinação, responsabilidade, curiosidade, motivação, criatividade, respeito, colaboração, diálogo, empatia, cooperação? Deve-se refletir um pouco e, talvez, repensar os planejamentos.

Os saberes atitudinais e o (a) estudante da EJA

A EJA é a modalidade de ensino na qual se encontra grande diversidade de estudantes, composta em sua maioria, por pessoas com experiências educacionais progressas. Porém, sabe-se que muitos não tiveram oportunidades de vivenciar situações de reflexão, diálogo, tomada de decisão, solidariedade, etc.

Importante lembrar, que o mercado de trabalho cada vez mais busca, além, da capacidade intelectual, pessoas que saibam como trabalhar em equipe e que tenham autonomia, empatia, senso de cooperação, entre outros.

Portanto, planejar ações em que esses saberes sejam contemplados e o(a) estudante seja protagonista, são essenciais para a aprendizagem efetiva e que faça a diferença e traga sentido na sua vida cotidiana. Devem, sob outro ponto de vista, serem pensados como qualidades, pois vão além de atender a um ofício, ajudarão o(a) estudante em toda a sua vida.

É preciso reinventar a escola a cada momento e fazer dela um espaço de relações construtivas em que os educandos possam vivenciar relações de amor, afeto, companheirismo e solidariedade. Para educar no sentido de promover reflexão e criticidade, é preciso incentivar e contribuir com

o desenvolvimento de valores éticos, como honestidade e lealdade, em contraposição a um mundo que prioriza a acumulação de riquezas materiais em detrimento do bem-estar de todos os seres humanos. (QSN, 2019, p.11)

Para proporcionar uma reflexão sobre a experiência de muitos educadores (as) em torno da realidade do cotidiano escolar, propomos a leitura do conto apresentado a seguir:

Docência e o coração de Perseu

Alexandre Coutinho

Perseu viveu uma infância não muito tranquila. A dificuldade econômica e a tumultuada relação dos pais foram situações recorrentes em sua trajetória até a maioridade.

Na tenra idade de um garoto tímido, nos anos 70, era introspectivo, hoje seria considerado um verdadeiro nerd, dividido entre suas tarefas na escola, histórias em quadrinhos e seriados de ficção científica, que passavam naquela velha televisão da família, ainda transmitindo imagens em preto e branco.

Esforçava-se para ir bem na escola e seguir as recomendações dos pais, que não tiveram essa oportunidade. Eles falavam que o estudo era a única forma de escalada social, de arrumar um bom emprego e sonhar com o futuro. E, seguindo sua existência, ele escutou suas aspirações e optou pela carreira docente.

Como esse garoto vislumbraria que poderia encarar mais tarde turmas de dezenas de pessoas em sua frente? Muitas vezes ansiosas pelo trabalho de um profissional do ensino, mas também de um conciliador, motivador, mediador e mais. Teria Perseu uma vocação tão abrangente?

Na sua introspecção, descobriu que dispunha de algo que o fortalecia: um coração com duas grandes qualidades – coragem e empatia. Particularidades que o faziam enfrentar desafios e acolher pessoas.

Os anos de experiência como professor lhe fizeram bem como pessoa e profissional, mas ele sabia que o convívio com os alunos seria um aprendizado constante.

Recentemente, Perseu começou a lecionar na Educação de Jovens e Adultos. Outro desafio em sua vida. Afinal, é um público que mistura adolescentes e idosos. Com quantas faixas etárias ele se depararia? Quantas particularidades? Quantos comportamentos diferenciados? Encarou a nova perspectiva e em pouco tempo teve seu trabalho reconhecido.

Outro dia ele se sentiu mais uma vez ansioso, porque ficou sabendo que a comunidade escolar enfrentava uma questão de impacto social local. Outros professores fizeram contato com ele, alertando que os estudantes estavam inseguros e intempestivos.

Foi nesse momento que ele pensou que não bastavam os desafios do cotidiano, às vezes o destino nos coloca mais e maiores imposições. Mesmo assim, ele procurou um jeito de não só auxiliar essa comunidade já vulnerável a superar esses novos desafios, como também um meio de acalantar essas almas e encorajá-las.

Apesar da preocupação, Perseu retomou o equilíbrio da situação. Ele sabia que tinha algo que o estimulou a sempre superar os obstáculos e que o ajudou a construir a pessoa que é hoje: seu coração destemido e acolhedor.



Territórios – *Contribuição da supervisora escolar Patrícia de Oliveira Antônio*

Olá!

Professoras (es) da EJA da nossa rede municipal de Educação de Guarulhos.

Meu nome é Patrícia atuo como Supervisora Escolar aqui na rede e estou muito honrada de estar aqui para compartilhar com vocês um pouco das minhas inquietações com relação a função social da educação, o nosso papel, nossas práticas como educadoras (es) da rede pública e também da retomada, a ressignificação do nosso trabalho nesse novo cenário de tantas incertezas.

Meu convite é para que a gente olhe um pouquinho para esse novo contexto pessoal e social diante dessa pandemia e refletir quais são os saberes necessários para nós e educandas (os) da nossa rede.

O intuito é conseguirmos encontrar e reequilibrar um fio de normalidade entre tantas impossibilidades e tantas possibilidades que essa possibilidade nos traz.

Para essa nossa conversa eu trago como base da minha fala minhas leituras da nossa proposta curricular o QSN, da BNCC e da educação em Direitos Humanos e em especial dois temas do meu interesse que é a justiça restaurativa e a comunicação não violenta que são as tecnologias sociais que nos ajudam aprimorar nossas relações e agir de forma não tão violenta sem reproduzir os conflitos de desigualdade e desrespeito que permeia os conflitos e as violências.

Minha fala o tempo todo ela diz de nós indivíduos e como coletivo profissional da educação e diz também aos educandos da comunidade que nós direcionamos nosso trabalho.

A proposta dessa conversa é que nós possamos pensar criticamente a educação e o processo ensino aprendizagem a partir do reconhecimento de si e do outro de forma enfática.

Nós estamos falando de conceitos que nos são familiares, que estão presentes em nosso QSN, educação integral, intencionalidade de prática, planejamento escolar, trabalho em equipe, relações respeitosas e democráticas. Nós estamos falando em especial de ir além das competências cognitivas e considerar também as competências socioemocionais, nossas e dos estudantes que atendemos.

É sempre esse movimento de pensar em nós como indivíduo e como coletivo docente e em educandos (as) como indivíduos e como coletivo discente e como comunidade atendida.

Eu vou ler um trecho da introdução do QSN da EJA.

Ele traz a proposta da EJA é provável a formação integral do ser humano reconhecendo e respeitando sua trajetória de vida, saberes, experiências, vivências, culturas, valores, bem como a realidade política e social da qual faz parte.

É essa realidade política e da qual fazemos parte, o nosso ponto de partida para pensarmos quais são os saberes necessários que nós colocamos para os estudantes de nossas escolas que cada um de vocês atende.

Nesse novo cenário é imperativa a afirmação do QSN da EJA: é fundamental propiciar situações de aprendizagem que considere as histórias de vida dos educandos que os coloquem como protagonistas e produtores de conhecimento, possibilitando novos caminhos e escolhas pautados nos princípios da educação integral e inclusiva.

Se a proposta é pensar em nós, pensar nos educandos, pensarmos na sua formação integral, reconhecimento e respeito a sua história de vida, saberes, vivências, experiências, culturas, valores, realidades políticas.

Quais são as situações de aprendizagem que podem ser realizadas considerando a sua história de vida e que coloque você como protagonista e produtos de conhecimento, que te possibilite novas escolhas e caminhos pautados nos princípios da educação integral e inclusiva.

Isso porque nós não podemos dar o que não temos e se nós queremos realizar uma educação humanizada é preciso reconhecer a humanidade que me liga ao outro para que possa ter a empatia e o encurtamento das contradições do que nós falamos e fazemos.

Dessa forma imprimir de um modo mais consciente e verdadeiro a intencionalidade em nossas práticas.

Um entre tantos caminhos para aprendermos ou reaprendermos ou ressignificar as formas de relacionar com mais empatia e de forma mais humanizada e respeitosa, passa pelo nosso desenvolvimento das nossas competências socioemocionais se revelam em você e na execução do seu planejamento e execução de sua prática.

Considerando minha trajetória os estudos do meu interesse relacionado a educação em direitos humanos e a confraria da paz alguns pontos de forma sucinta e provocativa para nossa reflexão que podem ajudar na consideração dessas competências socioemocionais em nós e em nosso planejamento, na nossa prática pedagógica para os estudantes e a comunidade.

Primeiro ponto de destaque está relacionado ao conhecimento de si, como a história te constitui?

O que te agrada e desagrada?

Quais são seus talentos?

Quais são seus limites e intolerâncias?

O que te dá prazer?

No que você é bom de verdade?

Não vale dizer que eu não tolero injustiça?

O que você conhece do seu lado mais iluminado e também do lado mais sombrio?

Esse autoconhecimento é essencial para criar consciência de si e as suas fragilidades.

Com isso lidar melhor com as fragilidades do outro.

O autoconhecimento e a consciência de si são necessários para se conhecer e reconhecer o outro.

Educandas (os), colegas de trabalho, nos chegam com histórias, valores, atitudes, precisamos conhecer para saber o que traz proximidade ou distanciamento do outro.

Segundo ponto. Como você lida com quem você é?

O que te estressa? Em que circunstâncias você perde a linha? Ou nunca perde?

Você costuma reagir de forma agressiva ou mais passiva?

Você engole tudo ou não leva desaforo para casa?

Você consegue definir seus objetivos e manter a disciplina para alcançá-los.

As pessoas agem e reagem diferentes e ter essa consciência de si e do outro ajuda a definir caminhos que vão motivar ou desmotivar para ajudar a propor ações desafiadoras possíveis levando o grupo a se conhecer e respeitar seja o grupo de professores numa hora atividade definindo uma ação coletiva da escola ou grupo de estudantes trabalhando em sala de aula.

A sua leitura de mundo, sua trajetória, vivência, caminhos, oportunidades, escolhas, sua história de vida conduz a uma leitura de mundo e nessa infinidade de histórias que se cruzam cotidianamente no processo educacional escolarizado muitas visões de mundo estão lá presentes se complementando, problematizando e entrando em conflito.

O que é justiça para você?

Você reage as injustiças mesmo que eles não atinjam você? Lamenta? Se cala?

Acredita que o sucesso ou fracasso depende do esforço de cada pessoa ou é uma construção social?

A desigualdade, a pobreza, são carmas, destino, falta de esforço, vontade de Deus?

Reflexo do sistema financeiro e social de privilégio há alguns grupos e classes.

Você é atuante na sua categoria profissional ou de um grupo maior que sua individualidade.

Acredita que a escola pública deve atender a todos e todas independente de qualquer diferença.

Essas visões de mundo elas moldam nossas ações e julgamentos tenhamos nós consciência ou não.

Nos levam a valorizar determinados estudantes em detrimento de outras formas plenamente justificável, podem nos embasar em processos excludentes para silenciar, desqualificar, compreender determinadas injustiças e até mesmo reproduzir violência.

Podem favorecer a uma escuta ativa, verdadeira, empatia, prática pedagógica mais crítica e confronto as injustiças, promovendo equidade, ajude construir e reconstruir uma história mais justa e vida mais feliz ou uma sociedade mais resistente a injustiça e desigualdade.

Conhecimento de si, a auto-gestão e a consciência crítica estão associadas as competências socioemocionais sempre presentes no complexo mundo educacional sobretudo na educação pública que tem uma função social extremamente relevante.

Um parêntese destacando que a função da atuação docente, a prática pedagógica crítica, consciente não se constituem da prática individual ou boa vontade, é coletiva, um investimento de políticas públicas de formação, valorização profissional, condições de trabalho, mas não podemos

parar e esperar as condições de trabalho, mas não podemos parar e esperar as condições ideais para agir chegarem.

A atuação cidadã compõe a formação integral acontece de forma concomitante, nos formamos, atuamos, transformamos educadoras (es) que se educam enquanto educam.

Entende-se que os estudantes conseguem elevar a escolaridade e os educadores (as) quando conseguem dar sua formação continuada podem participar ativamente da sua comunidade nas definições de suas políticas públicas transformando a realidade e se transformando como sujeito social em busca de uma sociedade mais humana, justa, democrática, inclusiva.

Esse momento é um mar de possibilidades de mostrarmos com as práticas pedagógicas que uma educação mais humana, com equidade, pautada na educação de direitos humanos é um caminho possível que ajuda na construção de uma sociedade mais humana, justa, democrática, inclusiva como consta no QSN.

Qual seria o passo adiante da sua equipe: de que forma podem ser mais conscientes, colaborativos, críticos, criativos com relação as suas práticas e intencionalidades.

Como envolver os educadores (as) nossas reflexões valorizando suas trajetórias, forma de vida com criticidade sem romantizar ou reiterar a meritocracia, as desigualdades, ou injustiças sociais.

Pensar quais situações de aprendizagem podem propiciar para educadoras (es) sejam mais protagonistas e progressivamente mais autônomos, com relação a construção do conhecimento.

Como fazer desse contexto social e político que estamos vivendo uma oportunidade para aproximarmos a comunidade das nossas pautas e da construção de uma proposta educacional socialmente referenciada e valorizada?

São essas algumas das minhas inquietações e que me mobilizam e que eu espero que desperte novas inquietações em vocês e que os mobilizem também.

Com isso eu me despeço, agradecendo imensamente a oportunidade de ter compartilhado com vocês algumas de minhas inquietações e essa oportunidade de aprendizagem, para mim também. E desejando a você muita esperança, muita criticidade, inspiração, estudo, resiliência e atitude. Cuidem-se, cuidem dos outros e até uma próxima oportunidade!

1.4 Saberes atitudinais: reflexões sobre a prática

*Temos duas mentes: uma que pensa e outra que sente.
Daniel Goleman*

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem uma diversidade de público ímpar. São diferentes faixas etárias, prevendo de antemão situações diferentes tanto no processo de desenvolvimento intelectual como no emocional.

Um estudo realizado por Schneider e Fonseca (2013), com o objetivo inicial de identificar a percepção dos professores sobre a inserção de jovens na EJA, identificou que as práticas escolares se caracterizam como espaços de inclusão e de exclusão de jovens e adultos da educação básica,

sendo que esse processo configura-se pelas tensões entre jovens e adultos no ambiente escolar. (GESSER, et al., 2016, p.390)

Vê-se, muitas vezes, que os conflitos, antes de se atuar, estão dentro do ambiente escolar, entre os próprios(as) estudantes. Trabalha-se com uma gama tão variada de pessoas e interações, que se aprende a mediar na prática diária.

O preparo do professor(a) em termos emocionais sempre foi solicitado. Tende-se a empatia. Fazer da expressão corporal a forma de atenção ao estudante, ouvir, partir para a explicação e, se acontecer o acirramento dos ânimos, adotar a conciliação.

As equipes escolares se deparam com as mais diferentes formas de educação em valores vindos de famílias distintas e de culturas diversas.

Estar diante de uma sociedade com diferentes oportunidades de acessos a infraestrutura e ao poder aquisitivo e de comunidades marcadas pela diferença socioeconômica, condição que também, constantemente, vê-se afetar comportamentos e humores dentro da sala de aula.

Assim, a passagem de uma concepção de professor de uma perspectiva intelectual para uma perspectiva afetiva evidencia a necessidade de uma restauração da afetividade no domínio escolar, ou seja, na relação humana, inclusive na relação professor-aluno, não há como separar mais a razão dos sentimentos e das emoções. (SILVA, 2004, p.6)

Com todo esse quadro de sentimentos e emoções, professores(as) atuam com uma motivação contagiante, sendo reconhecidos pelos(as) estudantes pela aprendizagem e o desenvolvendo de grandes projetos interdisciplinares nas escolas.

Mas, às vezes a sobrecarga de eventos severos, que impactam essa sociedade de várias maneiras, deixam nossos(as) estudantes mais inquietos(as) e ansiosos(as) por respostas e soluções para problemas atuais e vindouros. Como o(a) professor(a) irá conduzir para conseguir as condições socioemocionais para efetivar o aprendizado?

Para trabalhar em situações em que o grupo a nossa frente parece estressado e inquieto, os procedimentos são: acalmar os ânimos, buscar o diálogo e a reflexão e até mesmo tentar chegar novamente à alegria.

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido cri-la nos educandos. Mas preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar. (FREIRE, 2002, p.29)

Sabe-se que o papel de mediador(a) de conflitos do(a) professor(a) é vital, e só terá êxito se este(a) se encontrar em devido equilíbrio emocional. Portanto, no momento do planejamento, do esforço para um recomeço da prática pedagógica presencial, indica-se a proposta de realização para reflexão de todos e todas, ligados a comunidade escolar, em busca de autoconhecimento, autocontrole e aumento do discernimento interpessoal, para que se possa lidar com as próprias emoções e com as do próximo.



Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/search/diferen%C3%A7as> acesso em 10/06/2020

Para que serve a escola?

Essa pergunta é sem dúvida desafiadora e oportuniza muitas reflexões. A proposta curricular – QSN/2019 provoca o repensar este espaço e como os(as) educandos(as) precisam se reconhecer nele. Pensando a escola além de seus muros. Uma escola que alavanque o diálogo, o exercício da tolerância, empatia e afeto promovendo a inclusão de todos e todas e a transformação dos sujeitos.

Nossa proposta se diferencia da organização escolar em Ciclos de Aprendizagem, pois esta confere às instituições de ensino apenas seu lugar como espaço de aquisição de aprendizagem. Essa diferenciação provoca um deslocamento no modo de pensarmos a escola, porque reconhece o educando como sujeito capaz de estabelecer diálogo com seus pares e possibilita-lhe o enfrentamento dos

desafios encontrados em seu tempo, propondo a articulação dos diversos e diferentes saberes, valores e atitudes que são construídos dentro e fora das paredes da escola [...]” (QSN – Introductório 2019, p. 52).



Disponível em <https://tirasarmandinho.tumblr.com/search/escola> acesso em 10/06/2020

Territórios – Contribuição da Professora Coordenadora Pedagógica Silvana Souza de Mendonça Santos

Meu nome é Silvana Souza de Mendonça Santos, estou na coordenação da EPG Mario Lago desde 2014.

Em nossa escola procuramos fazer um trabalho em equipe, onde gestores, coordenadores, professores e funcionários envolvem-se em diálogos e ações para uma escola de melhor qualidade, como coordenadora procuro sempre acolher o professor, o aluno e a comunidade, isso faz com que ocorra o sentimento de pertencimento. No dia a dia organizo reflexões, estudos de caso, auxílio no desenvolvimento de projetos, no PPP e no planejamento e nos estudos do QSN. Estimular o professor a uma consciência reflexiva e propiciar a ele condições para sua prática pedagógica, são alguns desafios. Quando conseguimos que esse profissional acredite que ele faz a diferença, tudo fica mais fácil. Em todos esses anos na coordenação criamos ações em que os resultados foram positivos, todo início de semestre realizamos sondagem, e nelas conhecemos os alunos que chegam, verificamos sua defasagem, seus desejos e a partir disto, nosso projeto passa a ser discutido em horas atividades, organizado e passa a ser realizado.

Sabemos que o aluno da EJA apresenta uma certa resistência ao rompimento de padrões tradicionais. Há também uma certa resistência com a questão geracional, por isso trabalhamos com a auto estima, com amabilidade, com a empatia, com o respeito e com a autonomia do aluno. Realizamos oficinas, palestras, rodas de conversas, atividades culturais, que nos envolvem a todo momento. No início alguns são resistentes, mas com o trabalho de conscientização por parte da nossa equipe, eles mudam essa postura.

Tenho exemplo de alguns alunos: Um deles chegou no 8º ano, dizendo que no Estado em que morava a professora disse que ele não seria alfabetizado, que seria um fracassado pelo resto da vida, essas são palavras do aluno. Isso me incomodou e também a equipe de professores. Começamos a realizar um trabalho de alfabetização e autoestima. Hoje ele está lendo, realiza as atividades, pede auxílio e já não é um fracassado.

Outro caso foi de uma aluna que não fazia nada, entrava na sala, ficava mexendo no celular ou dormia. Descobri que ela tinha certa habilidade em uma das ações da escola no dia da família, pedi a ela que viesse nos ajudar, com uma oficina daquilo que ela conhecia, a partir desse dia sua postura

mudou, ela começou a ser participativa, envolvia-se em tudo na escola, realizava todas as atividades propostas, começou a estimular os alunos. A autoestima dela foi valorizada, o desenvolvimento de um olhar reflexivo e uma escuta ativa foi essencial para mim como coordenadora.

Vamos lembrar de uma fala de Paulo Freire: “ Não se pode falar de educação sem amor”.

Contribuições das(os) Educadoras(es) nos Fóruns realizados



Neste momento estamos nos reinventando, descobrindo e aprendendo todos os dias. Apesar das dificuldades, esse momento está sendo de grande aprendizagem para todos nós. Não somente nós educadores, mas os nossos alunos também estão se adaptando neste novo cenário. A Pandemia mudou e transformou as novas formas de aprender e ensinar. Não dá mais para ensinarmos nem aprendermos como antes acontecia. As aulas foram interrompidas e foram substituídas pelo ensino remoto. Tivemos que nos adaptar a essa nova realidade. A palavra que se resume a esse período em que estamos vivendo é o desafio. Desafio de “Aprender a Aprender, Aprender a Fazer e Aprender a Ser”. Os desafios apareceram e estamos nos renovando dia a dia. A pandemia está reformulando a maneira como nos relacionamos com o mundo, com os outros e com nós mesmos.
PCP Rozane Karolis Ramos

“Quando não se sabe ..., qualquer caminho serve”, essa frase do filme Alice no país das maravilhas não cabe de forma alguma no planejamento. O ato de planejar envolve objetivos - O que quero? Para que? Para quem? Como fazer? (são as 4 perguntas que norteiam o planejamento), envolve escolhas, que sejam pertinentes às necessidades da escola e do meu público-alvo - alunos da Educação de Jovens e Adultos. Quando a equipe pedagógica planeja suas ações para o ano letivo, sempre analisa e reflete quem são os alunos, de onde vieram, quais as suas expectativas, respeitar a história de vida de cada educando, qual a melhor maneira de ensinar, de forma que haja interação e troca de saberes. Portanto a intencionalidade do planejamento é essencial, precisamos ter sempre claras as nossas metas e como desejamos alcançá-las com resultados satisfatórios”.
Prof.^a Lilian Maria Martinelli

Acredito que a frase de Alice não cabe dentro das ações do professor em sala de aula. Sem um bom planejamento não haverá boas experiências de aprendizagens. O educador, ao planejar, faz escolhas intencionais visando um objetivo, traça um caminho onde quer chegar. Assim, as ações pedagógicas baseadas em um bom planejamento certamente resultarão em boas práticas, e experiências de aprendizagens significativas entre educadores e educandos. Prof.^a Arlete Egawa

Pois é, Alice teve complicações no caminho escolhido, sim, isto foi necessário “Passar por caminhos tortuosos” para lá na frente conseguir a conquista. Trazendo isto para nossa realidade, não é diferente. O caminho tortuoso é aquela dificuldade que temos que enfrentar numa elaboração de um planejamento pós diagnóstico e mesmo errando, ora acertando, pois tudo isto faz parte também do nosso aprendizado e experiência, pois ninguém é suficiente o bastante para ter só acertos, porque daí teremos maturidade para ver onde errou e o que pode ser feito para melhorar cada vez mais, conhecer nossos educandos é imprescindível para elaborar um planejamento que vai de encontro com aprendizagem deles. Prof.^a Iracema Helena De Macedo Santos

As diversas formas de organização no trabalho são de extrema importância para colaboração da construção das diversas aprendizagens dos alunos e uma educação equânime e integral. É preciso que haja um planejamento que possibilite isso, o qual deve ocorrer a partir das realidades, anseios e necessidades dos educandos e que este se debruce nas trocas, na ampliação e descobertas de experiências entre educandos e/ou entre eles e seus educadores. Nesse sentido, é crucial que as atividades propostas sejam realizadas de diferentes maneiras, para que de modo que os discentes possam alcançar seus focos de competências. É importante ressaltar que os conhecimentos prévios dos estudantes devem ser considerados constantemente e que sempre haja dialogicidade entre todos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Enfim, é necessário que haja sempre um movimento de reflexão-ação-reflexão de maneira que reformule, sempre que preciso, as estratégias e metodologias, ou seja, o desenvolvimento pedagógico colocado em questão, para que todos os sujeitos alcancem os saberes necessários para uma formação crítica, humanizadora, democrática e com justiça social. Prof.^a Maria Alessandra Antonio Dias

Eu gostaria muito nesse momento de poder levantar a bandeira que o planejar se sobrepõe ao improvisar, ressaltando a importância em se ter tudo traçado com antecedência, como já aprendemos em diferentes cursos e momentos da nossa vida acadêmica e profissional, porém todo professor sabe que o improviso também faz parte da nossa rotina e que muitas vezes precisamos deixar o planejamento de lado e olhar para a necessidade que surgiu no momento, muitas vezes de modo inesperado: vivemos isso nesse exato momento, onde todos os setores tiveram que se reinventar, olhar de modo diferente, adquirir novas aprendizagens, usar novas ferramentas, cuidar de si e do outro ao mesmo tempo, misturar a família com o trabalho e ver com carinho cada detalhe. Como diz na música em questão “só eu sei os desertos que atravessei.” Prof.^a Elenita Aparecida Dos Santos



Inovar e reinventar, na minha visão, é sempre necessário. Digo isso porque o ser humano está sempre em processo, nunca é um ser acabado, sendo, portanto, um sujeito em constante mutação. Se todos nós mudamos, como é possível manter sempre a mesma opinião sobre todas as coisas, sem espaço para as dúvidas e questionamentos? Essa pandemia veio reforçar essa necessidade de ouvir, de repensar, de questionar, sobretudo na educação. Percebo que na EJA a inovação sempre surgiu como uma proposta dos educadores. Temos esse desejo forte de transformação social, procuramos formar alunos novos, que sejam agentes de mudança na sociedade. Temos uma forte crença no nosso educando, muitas vezes tão socialmente marginalizado. E, diante desse novo cenário que vivemos, aprendemos que repensar, recriar é uma necessidade ainda mais urgente. Prof.^a Daiane Lino Salvador



Referências

CAROLL, J. Alice no país das maravilhas. Edição comentada e ilustrada (Clássicos Zahar). Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2013

CORTELA, M.S. Nós e a Escola – Agonias e Alegrias. São Paulo: Editora Vozes, 2018

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GESSER, M., BOLIS, A., CORD, D., OLTRAMARI, L. C., PEREIRA, R. (2016). Educação de Jovens e Adultos e Psicologia: Intervenções e saberes. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 11 (2), 388-398. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v11n2/09.pdf> acesso em 04 de mai.2020

GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional – A Teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

Guarulhos (SP). Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas. Quadro de Saberes Necessários – em implementação. Guarulhos: SME 2019

Guarulhos (SP). Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas. Planejamento: um trabalho de todos. Guarulhos: SME 2020

Guarulhos (SP). Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas. Acolhimento. Guarulhos: SME 2020

PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento Dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Gidélia Alencar (2012). A Educação emocional e o preparo do Profissional Docente. Revista Fundação Visconde de Cairu. 2/1, 5-15. Disponível em: https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2012_2/1_EDUCACAO_EMOCIONAL_PREPARO_PROFSSIONAL_DOCENTE_Gidelia_Silva_p_5_15.pdf acesso em 15 de mai. 2020.

CAPÍTULO 2

Em busca da EJA emancipadora: a Vez e Voz dos (das) Estudantes

Falar em EJA emancipatória é falar em protagonismo estudantil, é buscar compreender as condições sociais do (a) educando(a), suas vulnerabilidades, as novas oportunidades de retomar os estudos, valorizando seus conhecimentos prévios, compreendendo que esses sujeitos não são crianças e que possuem voz.

É fundante a todos e todas profissionais que atuem na EJA conhecer e valorizar sua trajetória, pois a EJA – Educação de Jovens e Adultos e não o EJA – referindo-se a Ensino, como leigos a chamam; é sem dúvida a modalidade de maior relevância na inclusão social, sendo muitas vezes a única oportunidade que muitas e muitos possuem de aprender a ler e escrever, tendo a possibilidade da transformação social.

2.1 Trajetória histórica da EJA e o perfil de seus estudantes no Brasil e em Guarulhos

Paulo Freire e Guarulhos

O que Paulo Freire tem a ver com Guarulhos? Além de algumas escolas que levam o nome do Patrono da Educação brasileira, o episódio a seguir remonta a relação de importante movimento social da cidade com o educador após os anos de exílio. Revela o papel pioneiro da comunidade da Vila Fátima na educação popular, precisamente, na alfabetização de adultos. É a história que vamos conhecer.

Na década de 1980, o Brasil vivia uma época de muitas tensões pela iminência do fim da Ditadura Militar em 1985. A ascensão de movimentos populares e organizações da sociedade civil potencializaram a derrocada dos militares em torno de grandes mobilizações como as greves do ABC e a campanha pelas Diretas Já em 1984, e no ressurgimento dos partidos políticos em 1980. Além de toda tragédia social, os números ostentados pela educação eram assustadores. Por exemplo: quase 25% da população com 18 anos ou mais era analfabeta; 33% das crianças e adolescentes estavam fora da escola; a taxa de matriculados no 2º grau (atual ensino médio), era de 14% do total de jovens entre 15 e 17 anos. Para alguns é duro admitir que mesmo não estando ainda entre os melhores do mundo, é certo dizer que a educação brasileira avançou muito, basta apenas consultar os dados mais recentes do IBGE (Censo 2010).

Na virada dos anos 1980, o quadro a pouco emulado se somava ao grande

número de adultos analfabetos nas grandes cidades. Apesar de não haver números confiáveis, é possível supor que Guarulhos estivesse nesta margem de 25% ou mais. A partir dos anos 80, o projeto que toma corpo é o liderado pela Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Surgido em 1977 centrado em turmas de alfabetização de adultos junto às favelas de Divinolândia, Vila Flórida, Bela Vista e Vila Fátima - bairros das periferias de Guarulhos, nos barracões comunitários e em casas de membros das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Coordenado por experientes educadores, como o professor Hélio de Souza Reis, o Grupo de Educação Popular objetivava construir barracões comunitários, realizar visitas familiares, encaminhamentos de saúde, educação infantil e alfabetização de adultos. Uma outra ação permanente foi a criação de grupos de compras com a participação de 50 famílias, com o objetivo de dirimir os custos dela com uma saída coletiva. Essas ações eram interligadas pelo grupo de alfabetização.

O professor Hélio Reis coordenava o grupo naquele tempo e prestava todas as assessorias na parte da alfabetização. A oportunidade de ter formação com Paulo Freire era a chance de conhecer aquele que dava nome ao método que era aplicado na Vila Fátima, produzindo impactos positivos naquela região. O grupo de Educação Popular foi um dos primeiros a receber o apoio direto do educador Paulo Freire após o seu retorno do exílio, em 1980. Segundo a pesquisadora Patrícia Cláudia da Costa, “depois de tantos anos de exílio, Paulo Freire falava em reaprender o Brasil e no desejo, de conhecer as CEBs, movimento que se destacava na época”.

Os encontros foram realizados no bairro de Perdizes, com a participação do educador e de membros do grupo da Vila Fátima. As reuniões ocorreram entre agosto e dezembro de 1980, e foram gravadas em cassete e transcritas por Hélio Reis. Nesses encontros houveram muitas descobertas de ambas as partes: para Paulo Freire foi a chance de recuperar a experiência abreviada com o golpe de 1964, recebendo toda as indagações e experiências daqueles educadores; por outro lado, o pessoal da Vila Fátima além de desfrutar da generosidade e conhecimento do mais importante educador do Brasil, pode receber um elogio que não era pouca coisa: para Paulo Freire, se referindo a experiência em Guarulhos “o que vocês estão fazendo com esses grupos é exatamente conhecer e reconhecer com eles. Vocês estão fazendo teoria do conhecimento em prática. E isso é educação”.

Após estes encontros, Paulo Freire receberia outros grupos de educação popular. Se integrou como docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que ainda hoje dispõe de uma cátedra em homenagem ao professor. Participou ativamente do desenvolvimento do MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos) em São Paulo como secretário da educação da prefeitura Luiza Erundina. Em 1997, faleceria de ataque cardíaco. Já o professor Hélio Reis atuou na formação de grupos de alfabetização na periferia de Guarulhos, mantendo uma carreira de professor da rede estadual até 2004. Depois integrou o grupo de coordenação

pedagógica do MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos) em Guarulhos levando a frente o legado freiriano na terra dos Guarus.



Territórios – Contribuindo para nossa compreensão dessa trajetória, apresentamos os relatos da educadora Francisca Inácia de Alencar C. Barros e do educador Hélio de Souza Reis.

Prof.^a Francisca Inácia de Alencar C. Barros

Olá, eu sou Professora Inácia, estou na rede Municipal de Guarulhos desde 1999, amo o que eu faço e tenho orgulho desta Rede!

Fiz o concurso para a educação de jovens e adultos em 1999 e logo foi chamada, trabalhei em várias escolas. Em 2002 fui convidada a compor a equipe Gestora do Mova em Guarulhos, Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos. Nestes 17 anos de Educação de Jovens e Adultos posso dizer que mais aprendi do que ensinei!

O MOVA foi uma parceria da Prefeitura Municipal de Guarulhos através da Secretaria de Educação com as entidades sociais juridicamente constituídas, Associação de moradores de bairros, igrejas dentre outras entidades.

O MOVA é uma educação não formal, foi a porta de entrada para mulheres e homens se alfabetizarem. O MOVA foi aos lugares periféricos da nossa Guarulhos. O educando não foi a sala de aula, a sala de aula foi ao educando, o que sem dúvida fez toda a diferença.

Alfabetizamos aproximadamente 10.000 educandas e educandos. Quando me refiro a educandas, porque a nossa demanda maior eram mulheres, eram senhoras.

Alfabetizar jovens, adultos e idosos com a concepção de Paulo Freire, que é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia Mundial, que dizia:

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, alfabetizar partindo do conhecimento prévio do que é significativo para educandas e educandos faz a diferença!”

Fiquei lisonjeada com educandos e educandas que se alfabetizaram no MOVA, passaram pela nossa EJA regular de Guarulhos e fizeram o ensino médio e enfim chegaram à Universidade.

Não se tem ideia do que isso representa, para aqueles homens e mulheres que com tanta dificuldade que não tem sequer o que comer, o que vestir, e conseguiram ir até a escola para se alfabetizar.

Lembro-me como se fosse hoje aquelas senhoras a me contar as suas histórias de vida:

“Nunca fui à escola porque meu pai dizia que a escola não era lugar para meninas, com tempo, me casei, e aí meu esposo dizia que lugar de mulher era na cozinha cozinhando, lavando, passando e criando os filhos, para que estudar?”, diziam elas. Lembro-me ainda que o sonho de Dona Josefa era de ir à escola para aprender a ler e escrever, a contar, a fazer amigos, para trocar receitas, sair de casa, e ser reconhecida como estudante. O sonho dela só se realizaria aos 73 anos, quando ficou viúva.

Eu vou recitar para vocês o Hino do MOVA Guarulhos, que foi escrito por José Genaro de Carvalho,

um dos educadores do MOVA, juntamente com a sua sala de aula. Ele pertencia a Igreja Batista Peniel, que diz:

Quando criança não deu pra estudar
Pois logo cedo eu fui trabalhar
Pra ajudar os meus pais, criar meus irmãos
E assim não vi o tempo passar
Mas, eu confesso, não era feliz
Era uma planta que não tinha raiz
Mas eu sabia que um dia iria encontrar
Alguma forma da forma da gente pra me ensinar
Depois do MOVA minha vida mudou
Eu só amava e hoje escrevo amor
E se você quer mudar pra ser mais feliz
Venha pro MOVA, mude o nosso país
Mas o destino eu posso mudar
E o segredo é só estudar
Pois a história do mundo a gente que faz
Dos animais aos animais racionais
Eu só queria dizer que o MOVA surgiu
Pra descobrir você
Pro nosso Brasil

O Hino do MOVA, foi composto em uma sala de aula, foi uma composição com a realidade de cada aluno ali presente, que contava sua história de vida, e que sempre achava que estudar era algo fundamental, até mesmo para arrumar um emprego melhor, ir para ser um cidadão de direito, o ler e o escrever, dignifica o homem, então o Hino do MOVA teve esse momento tão lindo.

Quando o MOVA completou 10 anos, foi feito um Almanaque do MOVA, e o Almanaque conta toda a história do MOVA.

Nós tínhamos uma aluna que se chamava Dona Rosa, ela tinha 95 anos e não se pode dimensionar a alegria de Dona Rosa, quando ela pegou pela primeira vez um livro, quando pegou pela primeira vez um caderno, um lápis, para ela era um orgulho de tamanha grandeza! Apesar da idade dela ela não faltava às aulas, Dona Rosa era um exemplo de uma senhora que saiu lá da Bahia, pobre e que veio aqui para São Paulo, e somente depois de seus 90 anos foi cursar, foi frequentar uma sala de aula. São histórias inusitadas para serem contadas de educandas que passaram pelo MOVA Guarulhos. Mais uma vez eu repito a palavra educandas, porque a grande maioria eram mulheres!

Eu concluo dizendo uma frase de Paulo Freire: "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda!" Beijinhos, espero ter contribuído, MOVA sempre !!!!

Hélio de Souza Reis

Eu sou Hélio de Souza Reis, professor aposentado do Estado no ensino médio. Lecionava Língua Portuguesa, Inglês e Literatura com especialização de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire.

É uma alegria e um prazer atender ao convite da professora Sueli da EJA nesse tempo de pandemia e de lamento.

Eu vou falar um pouco sobre a experiência de Educação de Adultos, falando um pouco sobre Paulo Freire, sobre o método Paulo Freire e sobre o Mova Guarulhos. Eu queria dizer que eu tive o primeiro contato com o método Paulo Freire em 1969, quando morava em Campinas, numa grande república de estudantes e seminaristas. E lá tive a oportunidade de fazer aparecer esse curso sobre o método Paulo Freire. Eu e mais um colega fomos fazer esse curso. Foi muito interessante, muito rico e nessa época a fama de Paulo Freire já corria o mundo, ele estava exilado no Chile.



Prof. Hélio em reuniões com Paulo Freire

É muito interessante que o método Paulo Freire parte da realidade do aluno, na verdade Paulo Freire nem chamava isso de método, na verdade sua proposta é uma filosofia que ensina a pensar criticamente a realidade. Era uma antropologia, uma concepção do homem como sujeito, também seria uma teoria do conhecimento, uma busca, ele fala do ser mais, ser mais gente, ser mais cidadão.

O principal do método, uma característica é o diálogo, o debate. Para Paulo Freire ninguém aprende sozinho, nós aprendemos no diálogo, em comunhão, ninguém sabe tudo. A pessoa mais humilde também tem seu saber, sua sabedoria e sua experiência de vida. Para Paulo Freire alfabetização é conscientização, supõe compromisso, opção e decisão.

Em 1970 nós fomos para Araguaia a convite de Dom Pedro Casaldáliga para trabalhar como professores de alfabetização de adultos. Lá nós chegamos e aplicamos o nosso curso. Primeiro requer uma pesquisa, fiz uma pesquisa abrangente com mais de 100 famílias e nessa pesquisa tínhamos que levantar o universo vocabular da cidadezinha de São Felix, justamente as chamadas palavras geradoras, porque eram palavras significativas, que contemplasse também os fonemas e as sílabas da Língua Portuguesa. E essas palavras geradoras, por exemplo lá a palavra rio, então lá na Araguaia o rio era muito significativo, rio era o meio de transporte, o rio era fonte de alimento (o peixe), rio era também lazer, as mulheres lavavam as roupas no rio. Então o rio era riquíssimo de sentido naquela época.

E depois elaboramos o roteiro, o material, os slides. Levamos para lá projetores de slides à pílha, naquela época era a tecnologia de ponta, e implantamos em toda a região do Araguaia, na cidade de São Felix, núcleo de alfabetização. Foi muito interessante, muito rico. Em 73 tive que retornar para Guarulhos para acabar a faculdade e logo depois me engajei na Paróquia da Vila Fátima a convite do Pe. Raimundo e da irmã Monica, para que fizesse um projeto de alfabetização na favela da Divinolândia, ali pertinho do João do Pulo, para quem conhece, então lá fizemos o primeiro projeto.

Em 1980 com a irmã Margarida, nós fizemos para toda favela da região e nessa época 1980 Paulo Freire voltou do exílio e nós tínhamos um trabalho não só de alfabetização, a gente tinha um trabalho compras comunitárias, tinha trabalhos, movimento que reivindicava água, educação, então era um movimento muito grande na Vila Fátima. Então fomos atrás de Paulo Freire para nos ajudar, nos assessorar, e realmente ele nos recebeu muito bem. No segundo semestre, de agosto a dezembro nós íamos em São Paulo ou na casa, no apartamento dele perto da PUC ou no convento dos dominicanos,

uma experiência muito rica. Eu cheguei até gravar uma reunião que há pouco tempo eu transcrevi e foi muito interessante, até serviu de um artigo na revista pedagógica, essa transcrição.

Em 1990 o nosso projeto de alfabetização que todos eram voluntários ligados a Caritas, e ampliamos o projeto para toda a Diocese de Guarulhos, para todas as Paróquias de Guarulhos. Nós chegamos a ter 76 núcleos nas Paróquias, aproximadamente 1.500 alunos.

Em 2002 fui convidado para participar do projeto Mova Guarulhos, para participar da equipe pedagógica. Foi um ótimo projeto, milhares de pessoas foram alfabetizadas. Era um projeto que era uma parceria entre a secretaria da educação e as entidades sociais. A prefeitura entrava com a parte pedagógica, com ajuda de custo e as entidades entravam com os educadores e o espaço para que se concretizasse o trabalho. E foi um trabalho muito interessante. Eu acho que o Mova Guarulhos fez a diferença, porque o Mova foi aonde o povo estava, parafraseando Milton Nascimento. Então as nossas salas eram nas igrejas, nas entidades, na casa do educador, se tinha espaço na garagem lá, nas fábricas, nas escolas, até no INPS a gente tinha sala do Mova. Então, uma experiência realmente muito rica, abrangia toda cidade, geralmente as periferias. A gente tinha sala desde a Água Azul até o Cabuçu, aula do Pimentas até o Novo Recreio lá na Serra da Cantareira. Então foi muito interessante, foi muito rico essa nossa experiência do Mova, que na verdade o Mova é um tipo de EJA, uma EJA popular. A gente pedia o ensino médio para os educadores e com ajuda de custo e eram 10 aulas semanais, não era uma escola formal, rígida, e os alunos se sentiam muito bem, muito bem acolhidos e o fato de a sala ser lá no local, lá na comunidade foi essa grande diferença. Muitas pessoas jamais seriam alfabetizadas se não fosse realmente as salas nas comunidades, nos locais onde as pessoas moravam.

A professora Inácia também vai complementar, realmente ela tem mais conhecimento, mais experiência e ficou até o final do projeto.

Muito obrigado pela atenção.

Trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e em Guarulhos

Para refletir sobre a trajetória da EJA de Guarulhos, a partir das políticas públicas implementadas no Brasil e no município, voltadas ao atendimento do público jovem e adulto, relacionando às experiências de educação popular presentes na periferia da cidade, apontam-se:

Educação de adultos e a questão do analfabetismo

- A partir da década de 1930 é que a educação de jovens e adultos efetivamente começa a se destacar no cenário educacional do país, quando em 1934, o governo cria o Plano Nacional de Educação

- Através da campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947, abre-se a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil

- Nos anos 50 é realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA)

Década de 1960 – De Freire ao Golpe

- Criação do Conselho Federal de Educação (CFE), por meio da lei 4024/61
- Jan/1964 - Plano Nacional de Alfabetização. Tratava-se da sistematização em formato nacional da experiência trazida pelas experiências de Paulo Freire em Angicos-RN. Interrompido com o golpe cívico-militar.
- Set/1967 – é criada a Fundação Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização)

MOBRAL e década de 1980

- 1970 – Instituição do Mobral em Guarulhos, com bastante atuação durante a década de 1970
- 1971 – Criado o ensino supletivo por meio da LDBEN (5.692/71)
- 1977 – Surgimento de grupos de alfabetização de adultos em torno das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), em especial na Paróquia da Vila Fátima
- 1986 – Em lugar do Mobral, extinto, é instituída a Fundação Educar que atua em nível municipal com parcerias na sociedade civil.
- Década de 1990 – LDBEN e diretrizes curriculares
- 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)
- 1997 – Implantação do Projeto de Educação e Valorização do Adulto – PEVA, voltado para alfabetização dos servidores públicos.
- 2000 – Parecer CNE/CEB nº 11/2000 que estabelece as Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos
- Reforma da EJA em Guarulhos – pilares
- 2001 – Decreto Municipal 21.208, de 26 de março. A EJA é organizada como Ensino Fundamental: começa a receber recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação.
- Incorporação da Educação Profissional no ensino regular de Jovens e Adultos.
- Criação do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos na secretaria.
- Organização da EJA em três ciclos: Ciclo I (1ª a 2ª série); Ciclo II (3ª a 4ª série); Ciclo III (5ª e 8ª série), este último, inicialmente, voltado para servidores públicos (“Projeto Servidores”)

Criação do Mova e elaboração do 1º programa curricular

- 2002 – Criação do MOVA por meio do decreto 21.544, de 14 de março
- 1ª mostra EJA: “Quem é EJA que apareça”
- 2003 – Implementação de três classes de Ciclo III (5ª e 8ª série) compostas por um professor de Educação Básica e um formador de políticas públicas, cujo público-alvo eram os servidores municipais, servidores do SAAE da PROGUARU.
- 2004 – Publicação pelo Grupo de Construção Curricular da EJA do material “Caderno do Educador” e “Caderno do Educando”

PROJOVEM, CICLO III e PROEJA/FIC

- 2006 – Implantação em nível municipal do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) com a finalidade de incluir na educação fundamental de 5ª a 8ª série jovens que não tiveram oportunidade de cursar a etapa no tempo adequado.
- Projeto Piloto do Ciclo III é implantado em cinco escolas municipais com blocos modulares, funcionando a partir de 2007
- 2009 - Parceria com Instituto Federal de São Paulo por meio do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Formação Inicial Continuada (Proeja/FIC)
- Decreto 26.963/2009, organização da EJA em quatro ciclos. Ciclo I (1º a 2º anos); Ciclo II (3º a 4º anos); Ciclo III (5º e 6º anos); Ciclo IV (7º e 8º anos)

Implantação do QSN – 2ª Reforma Curricular

- 2009 – Elaboração do Quadro de Saberes Necessários (QSN)
- 2010 – Implantação do Quadro de Saberes Necessários (QSN)
- Nos ciclos III e IV são inseridos: Língua Estrangeira, Artes e Meio Ambiente/Ciências.
- 2011 – Alunos recebem a coleção escolhida no PNLD de 2009, além de formação dos educadores para o uso da coleção e do QSN.

Última reorganização da EJA e 3ª reforma curricular

- 2011 - Foi incorporado ao módulo de profissionais da escola, um PCP para atender as 29 escolas com a modalidade EJA.
- 2013 – Decreto 31.321, de 24 de outubro. Reorganização da EJA em dois ciclos, denominados de Anos Iniciais e Anos Finais, sendo que cada ciclo é composto por quatro semestres.
- 2014 – Início do Projeto Autonomia do Saber na EPG Gabriela Mistral e, no ano seguinte, na EPG Sílvia de Cássia Matias e EPG Dorival Caymmi.
- Início da Educação Física na modalidade, possibilitando a prática de atividade física a centenas de educandos.
- 2018 – Início da reorganização da Proposta Curricular da EJA.

Guarulhos polo de atração de pessoas ao longo do tempo

Por meio da fotografia e do texto, é possível realizar uma reflexão sobre o progresso urbano no município de Guarulhos e o seu desenvolvimento socioeconômico revelado através da arquitetura. Essas mudanças ocorrem e influenciam diretamente na mão de obra, necessitando que muitos jovens e adultos retornem as escolas, pois precisam de qualificação e certificação, para poderem disputar vagas no mercado de trabalho local e regional.



Foto 1

Foto1 – Na imagem podemos ver parte dos funcionários e alguns com a família, em frente ao prédio da antiga Fábrica de Casimiras Adamastor no ano de 1962.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/w/index.php?sort=relevance&search=Centro+Municipal+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+Adamastor&title=Special:Search&profile=advanced&fulltext=1&advancedSearchcurrent=%7B%7D&ns0=1&ns6=1&ns12=1&ns14=1&ns100=1&ns106=1#/media/File:Fotografia_hist%C3%B3rica_de_Guarulhos_38.jpg



Foto 2

documento arquitetônico do início do processo de industrialização do município. (Fonte: Secretaria Municipal da Cultura de Guarulhos. Disponível em: <http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/espaco/13241/> Acesso em: 08/06/2020)

Sediada na Avenida Monteiro Lobato, nº 690, Macedo, próxima à rodovia Presidente Dutra, a antiga fábrica de Casimiras Adamastor, atualmente um centro educacional e cultural, foi à primeira indústria de grande porte da cidade de Guarulhos. A tecelagem foi responsável por produzir, segundo alguns relatos, um dos melhores tecidos vendidos no país. Além de estar na memória da população local, seu edifício é hoje o último importante

O prédio da antiga fábrica Adamastor foi tombado como patrimônio público no ano de 2000. Depois, com o projeto do arquiteto Ruy Othake, foi inaugurado em 2003 um complexo arquitetônico público, adaptando o prédio da fábrica, principalmente para servir a Secretaria Municipal da Educação.

No município de Guarulhos, seguindo a dinâmica da região metropolitana, foi visto ao longo das últimas décadas, que vários prédios que tinham sido construídos para uma determinada função, foram sendo adaptados para realizarem outras atividades.

O espaço do qual um dos componentes, a paisagem, é... o resultado de uma acumulação, na qual algumas construções permanecem intactas ou modificadas, enquanto outras desaparecem para ceder lugar a novas edificações. (SANTOS ,1997, p. 67)

Tal fenômeno permitiu também um registro da variação maior de atividades socioeconômicas dentro do município. Partindo de uma economia centrada mais na indústria, para uma economia industrial e de serviços, ainda, portanto, atraindo pessoas pelas oportunidades de trabalho para residir em seu território, ora motivado pela dinâmica da metrópole, ora pela economia do próprio município. À medida que esta mudança ocorria, a ocupação das periferias da cidade continuava a se expandir, muitas vezes, com uma arquitetura frágil e vulnerável.

Foto 2 – Fachada do Centro Municipal de Educação Adamastor em 2019. Fonte: <https://www.guarulhos.sp.gov.br/article/apresentacoes-musicais-e-sorteio-de-brindes-marcam-o-dia-do-servidor> Acesso em: 08/06/2020.

Pesquisa de Perfil dos Estudantes da EJA

A Pesquisa de perfil¹ dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA Guarulhos, elaborada pela Equipe DOEP – EJA em 2018, onde por meio de dados coletados junto as pesquisas enviadas as Unidades Escolares e do sistema CPQD do mesmo ano, delineou quem são nossos(as) estudantes, naturalidade, faixa etária, sexo, estado civil, entre outros vários indicadores que nos permitem compreender a nossa EJA.

Minha vez de ler

Alexandre Coutinho

Sou Miguel vim lá do Nordeste
Ôxe! pisei em rodoviária cheia
Essa era a tal da metrópole
Para alguns uma terra feia
Tanto concreto quem fez?
Senti que era a minha vez
Vontade pulsava na veia.

Saí do interior de Pernambuco
Garanhuns o nome da cidade
Arretado, fui me embora
Dezoito é a minha idade
Força para buscar mais sorte
Não temam pela minha morte
Aqui tem mais oportunidade

O cabra foi para um canto
Casa precária feita de entulhos
Aos poucos vou melhorar
Muita inhaca, mil barulhos
Sem leseira, sem manha
Estranho na terra estranha
Que se chama Guarulhos

Logo comecei a trabalhar
No mercado como repositor
Avexado fui atrás de estudo
Painho falava: saber era o motor
A chave da transformação!
A esperança me tocou o coração
De até um dia virar doutor

Fui na escola que chamavam de EJA
Depois de uma missão lutadora
Amigo encontrei, na janta tinha xerém
Professor, diretor, coordenadora
Percebi que antes de bocas pra falar
Carecia de ouvidos para me escutar
Aprendi com essa gente acolhedora

Hoje depois de meses
A professora me fez poeta
Pedi e li um cordel sem vexame
Saudade tem hora que afeta
Mas com a cabeça a pensar
E o meu peito a pulsar
Aprender sempre é a meta!

¹ Pesquisa disponível em Anexo I

2.2 Pensando os sujeitos da EJA: identidades, saberes e diversidade

Quem são esses sujeitos e seus saberes?

Pensar nos sujeitos da EJA é pensar em pluralidade e numa escola que compreenda a diversidade desses sujeitos, como propulsora na construção de um espaço de transformação social.

Importante compreender, que parte da nossa sociedade pensa a escola mais voltada para crianças, e os sujeitos da EJA não são crianças, são sujeitos de diversas faixas etárias, excluídos da escola e membros de grupos culturais. São adultos, idosos, jovens, e pessoas com deficiência e cada vez mais adolescentes a partir de 15 anos; todos com suas histórias, conhecimentos prévios e vozes.

Não se pode mais aceitar que esses sujeitos sejam vistos de maneira rotulada como evadidos, repetentes, marginais. Há tristes exemplos, ainda, que educadores(as) identificam alguns desses sujeitos como “L.A.”, denominação dada ao estudante em Liberdade Assistida – medida socioeducativa prevista na Lei 8069/1990.

Lembrem-se: todos(as) estudantes têm identidade e respeitá-las é fundamental. Não se pode contribuir, direta ou indiretamente, para que sejam excluídos mais uma vez e se evadam.

É preciso, enquanto educadores(as), mediante as semelhanças e diferenças desses sujeitos, reconhecer e compreender a necessidade de propostas pedagógicas diferenciadas e significativas, que deem vez e voz a esses sujeitos.

Segundo Arroyo (2013), quanto maior a presença nas escolas e na sociedade, de toda diversidade cultural e social dos coletivos na luta pela emancipação social, maiores serão as pressões pelo reconhecimento como atores sociais.

Diversidade e Inclusão: a EJA como espaço de todas e todos

Não há como falar em Educação de Jovens e Adultos, sem falar em diversidade e inclusão, como já evidenciado, falar em EJA é falar em pluralidade. Por isso, é fundante refletir e repensar as práticas educativas, as quais devem ser centradas nos(as) estudantes. É importante salientar, que incluir é basear-se nas identidades em que estudantes são percebidos, seja na questão social, econômica, etária, de gênero, cultural etc.

Repensar todo o conceito ou o preconceito em que a EJA está envolta e encarar uma nova forma de atuação nesta modalidade de ensino, por meio de uma valorização de seus atributos culturais, é parte dos grandes desafios. Destacando

os significados que cada aluno carrega consigo e orquestrando suas personalidades e individualidades a um plano de ensino inovador que procure um fim no aluno, onde consiga compreender seu papel como agente histórico, pertencente ao meio em que vive e atuante nas esferas públicas como um cidadão educado e capaz.

A Inclusão Educacional, erroneamente entendida como destinada apenas aos estudantes com deficiência, compreende de fato o compromisso com a promoção da educação de qualidade. Portanto, diz respeito a todas e todos. Pauta-se na equidade, com vista à igualdade de oportunidades, e objetiva a garantia do direito humano fundamental de acesso à educação. Assim, preocupa-se tanto com o ingresso quanto com a permanência dos estudantes no sistema educacional, aspirando à transformação social para uma sociedade mais justa, participativa e igualitária. Para tal, pressupõe a valorização das diferenças humanas, considerando as diversidades étnicas, sociais, culturais, intelectuais, físicas, sensoriais, de gênero e de identidade dos seres humanos, sem exceções. (QSN – Introdução 2019, p.31)

A exemplo da EJA como espaço de todos e todas, contamos com os relatos de dois ex-educandos, como segue:



Territórios - Contribuições de educandos da EPG Crispiniano Soares

Oi! Eu sou Crevanês Raimundo de Oliveira, tenho 48 anos de idade e hoje vim falar aqui um pouquinho sobre meu retorno aos estudos.

Aos 11 anos de idade eu precisei fazer uma escolha entre trabalhar e estudar e claro que resolvi trabalhar, por situações financeiras não consegui terminar os meus estudos. Vim trabalhando até aqui achando que não tinha necessidade nunca de ter estudo para fazer o que eu fazia, sendo que eu trabalho de pedreiro, sou pedreiro até hoje, mas trabalhando como pedreiro eu precisei fazer algumas “eletricidades” e eu vi que eu não tinha muito conhecimento na área. Precisei fazer um curso de eletricista e para fazer esse curso eu tive que fazer uma prova para fazer esse curso. Era uma prova e essa prova eram 20 questões de matemática, quando eu cheguei nessas 20 questões eu me deparei com um grande problema: não conseguia resolver a maioria delas. Então saí de lá e procurei a EJA, o Crispiniano Soares. Me matriculei, minha esposa me incentivou a voltar a estudar, e me matriculei no Crispiniano.

Bom, chegando no Crispiniano encontrei professores muito competentes muito profissionais, os professores me ajudaram muito, tive assim uma relação muito boa com eles, pois eles gostavam do que faziam e eu queria aprender. E foi aí que a gente começou a se dar bem, eu e os professores. Os alunos também me davam muito bem com eles todos eles eram amigos, eram companheiros, que todos estavam ali naquela mesma situação que eu, alguns pararam por algum motivo. Eu, por esse motivo, por situação financeira, fui obrigado a parar de estudar e hoje eu consegui estar na escola.

Estou estudando e quero agradecer muito aos professores que me ajudaram, que me

deram maior força, que foram lutadores junto comigo. Hoje ainda continuo estudando, e quero agradecer a equipe do Crispiniano, que me valorizou como um aluno, e eu também os valorizei como cada profissional e quero agradecer a todos: a equipe do Crispiniano, agradecer a EJA por existir, por ter essa oportunidade agora de voltar às aulas. Fica aqui uma grande aprendizagem, aprendi muito com os professores.



Boa tarde!

Meu nome é Romilda Aparecida Branco de Andrade, eu tenho 58 anos.

Vim estudar no Crispiniano Soares, na EJA.

Quando fiquei sabendo fui até lá fazer minha inscrição, que era minha vontade de estudar.

Terminar meu ginásio, meu colegial e desde então entrei na sexta série do Ensino Fundamental e hoje já estou no Ensino Médio terminando o colegial.

Para mim foi uma vitória, porque eu achava que com 58 anos estava muito tarde para estudar, mas eu amei estudar.

Gosto muito do que faço, tenho vontade de fazer faculdade.

Ainda vou fazer faculdade, não sei do que, mas vou fazer faculdade e a EJA para mim foi tudo na minha vida.

Foi uma divisão de águas, de conhecer novos amigos, professores, diretoria.

Tudo assim, pessoas excelentes.

É gostei muito das festas, festas juninas. Adoro tudo isso e pra nós foi muito bom, muito bom mesmo.

A nossa colação no Crispiniano foi linda, maravilhosa e assim continua, né?

Então agora esse ano eu termino o Ensino Médio.

Pra mim foi tudo muito bom, muito lindo. Novas amizades com os professores, com os amigos, foi muito bom mesmo.

Muito obrigado.

Diversidade Geracional: a “Juvenilização” da EJA

Segundo o último Censo Escolar, pesquisa organizado pelo INEP, a modalidade EJA tem o seu número de alunos matriculados estabilizados nos últimos anos, variando uma taxa de 2% para mais ou para menos os matriculados

(http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf).

Nesse sentido, a EJA está muito longe de se tornar uma modalidade de ensino desnecessária por falta de candidatos e parece que a juventude tem se tornado um público constante. A presença de jovens na rede municipal de ensino é uma realidade muito presente nas escolas, também observável, como visto no levantamento de perfil na unidade anterior. Hoje esse grupo perfaz por volta de 30% dos alunos matriculados no Ciclo II das escolas da rede. Parte deste público é suprido pelos jovens recém-saídos da escola públicas da cidade. Em outra pesquisa revelada pelo INEP, a que trata sobre o fluxo da educação básica em uma série histórica de dez anos, é indicado um crescimento na migração de alunos para a EJA oriundos dos anos finais do ensino regular. Segundo esse levantamento, os alunos dos 7º e 8º anos a migração aumentou 3,2% e 3,1% respectivamente nos últimos dez anos, indicando um possível aumento no número de jovens matriculados (http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inepdivulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206).

São muitas razões que podem explicar isso. Uma hipótese aventada é aquela defendida em artigo na revista Nova Escola denominado “Por que jovens de 15 a 17 anos estão na EJA” <https://novaescola.org.br/conteudo/2882/por-que-jovens-de-15-a-17-anos-estao-na-eja>. Os autores apontam três grandes questões sociais que associadas ou não, contribuem para o fluxo desses jovens: a vulnerabilidade social, o trabalho e a gravidez precoce. Esses componentes, na visão dos autores, ao impactar a juventude de maneiras diferentes (a violência urbana, a necessidade de trabalho devido a crise econômica e a gravidez na adolescência) impedem que a juventude de 15 a 17 anos conclua o Ensino Fundamental na idade correta. Por último, os dados apresentados na publicação Síntese de Indicadores Sociais 2019, do IBGE revelam que em São Paulo uma parte significativa (12,6%) da juventude entre 15 e 17 anos encontra-se fora da escola, acima da taxa nacional (11,8%).

Pensando essa situação, a permanência dessa condição é determinante para que a “juvenilização” da EJA não seja imaginada como no passado, passageira, mas sim permanente, tendo como consequência a obrigação de caminhar para a produção de espaços escolares culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens, histórica e territorialmente situados e impossíveis de conhecer a partir de definições gerais e abstratas. Neste sentido, seria preciso abandonar toda a pretensão de elaboração de conteúdos únicos e arquiteturas curriculares rigidamente estabelecidas para os “jovens da EJA”, mas pensar o multiverso de perfis como uma constante que permite uma riqueza de conteúdo. A aposta – e por extensão também o risco – estaria na realização do inventário permanente das trajetórias de vida (Bordieu, 1996) e escolarização e na atenção necessária aos reais interesses e necessidades de aprendizagem e interação desses sujeitos com os quais os(as) educadores(as) estão comprometidos no tabuleiro escolar da

“segunda chance” que é a EJA. Desta forma, a articulação do processo educativo dos jovens da EJA deixaria de ser vista apenas como escolarização e assumiria toda a radicalidade da noção de diálogo da qual nos fala Paulo Freire (CARRANO, 2007, p.2)

Evasão

A evasão na Educação de Jovens e Adultos, talvez, seja um dos temas de maior preocupação de gestores e professores quando se planeja o ano letivo que se inicia. A pergunta fica no ar e as dúvidas cercam o período de planejamento: “Como vamos evitar as saídas que virão?”. Em conversas informais ou reuniões formativas, é interessante observar que os gestores, em conjunto com os docentes da unidade, procuram, criam e traçam estratégias que amenizem essa “sangria”. Desde criar grupos de WhatsApp, flexibilizar o controle de entrada temporariamente e mapear individualmente situações potenciais. Se é verdade que cada escola ou rede deve criar formas de mapear essa situação, não se pode abrir mão de políticas públicas que pensem essa condição da Educação de Jovens e Adultos. Não há estudos mais gerais que tematizem a evasão na EJA, até pela dificuldade de coletar esses dados de maneira nacional, por exemplo, sem fazer as mediações particulares. Principalmente devido às características locais desta situação, encontram-se estudos de casos que procuram abordar e situar a evasão a partir de dinâmicas mais regionalizadas, sejam municipais, sejam estaduais. Por outro lado, pensar a evasão da EJA sem contextualizá-la no quadro maior da frequência em todo o sistema educacional, assim como as oscilações econômicas e dimensões mais culturais, parece um equívoco. A seguir será apresentado um esboço de análise para corroborar tal proposição.

Primeiro deve-se observar para a taxa de frequência dos alunos, por faixa etária nas modalidades de ensino. Na publicação a seguir não existe um campo específico EJA, mas é possível buscar o público-alvo da Educação de Jovens e Adultos. Olhando a publicação Síntese de Indicadores Sociais 2019, do IBGE, observa-se que a taxa de frequência de jovens entre 15 e 17 anos é a mais baixa, considerando que é uma idade obrigatória (88,2%). Chama a atenção outro dado da pesquisa: aquele que apresenta a adequação idade-etapa para pessoas, segundo grupos de idade e nível de ensino. Na faixa entre 15 e 17 anos encontra-se a maior taxa de matriculados fora da etapa adequada (23,1%), podendo revelar para os profissionais que atuam na EJA, uma demanda quase frequente de jovens que precisam de uma escola fora da sua idade-etapa. Por último, considerando a mesma pesquisa, a taxa de adultos (25 anos ou +) com Fundamental Incompleto ou sem escolarização é de 40%.

Ao olhar a pesquisa de perfil feita pela nossa rede, observamos que a taxa de evasão da EJA na rede municipal está em menos de 30% na série de cinco anos, com uma queda no 2º semestre de 2018 para menos de 20%. Enfocando talvez algumas estratégias acertadas ou mesmo informações que escapam, devemos pon-

tuar a melhora desses índices na série histórica de 5 anos. A principal reforma neste período no caso da EJA - Guarulhos foi a que tornou o curso semestral, causando um impacto positivo.

Há outro componente importante para se pensar a questão da evasão, o que trata sobre o reconhecimento social. Segundo, Carmo (2010) existem questões pertinentes para avançarmos a discussão sobre a evasão escolar da EJA, como por exemplo, discutindo-a no interior do que se chama de crise da educação no fim do século vinte, onde se mostra que a evasão escolar está presente em qualquer lugar onde esteja estabelecida a educação escolarizada, em todas as faixas etárias, em maior ou menor grau, conforme a classe econômica do aluno ou sua família. Ou seja, o fenômeno do fracasso e da evasão escolar não é exclusiva da EJA.

Ainda, referente a Carmo (2010), a evasão especificamente na EJA, seria uma forma de não reconhecimento deste público enquanto sujeito de direitos. No espaço público, essas forças criam situações talvez paradoxais: ao mesmo tempo em que se apresenta a volta aos estudos como uma oportunidade, essa “oportunidade” não se realiza no tempo desejado e no molde esperado. A sensibilidade para o momento propício de realizar a continuidade na educação também parece ser diferente. Para jovens a memória da escola era aquela em que ele se viu expelido, por razões diferentes, mas um espaço que poderia ou não ter controle, com sujeitos da sua idade. Para os mais velhos, a escola é uma superação, por isso ela precisa imitar aquela do passado em que “fracassei”, com professores que necessitam ser “iguais” aquele imaginário. Nos adultos, há a necessidade de se correr para garantir uma formação que se escapa, pois, o mercado de trabalho vai lhe cobrar. É necessária uma escola que produza reconhecimento em tempos, que por si já são diferentes, mas que no espaço público em que todos têm fala, eles podem produzir tensões variadas, projetando situações de não reconhecimento.



Territórios – Contribuições da Supervisora Escolar Lidiane Siqueira

Olá! Eu sou a supervisora Lidiane e hoje eu vim aqui para gente conversar sobre os direitos subjetivos do educando da EJA.

A gente que estuda a história da educação de jovens e adultos, a gente sabe como que foi difícil concretizar esses direitos. Ele aparece mais firmemente, mais legalmente na LDB de 1996, depois de vários movimentos no sentido na Educação de Jovens e Adultos que você também deve conhecer.

Bom, a lei ela traz para gente que a educação de jovens e adultos é uma modalidade da Educação Básica, como em seu artigo 4, o dever do Estado é garantir a educação básica, é claro que a educação de jovens e adultos também tem que ser garantida, não é mesmo? A lei também vai trazer a sessão 5 todinha só comentando Educação de Jovens e Adultos, vai trazer para gente quem tem esses direitos de estar na Educação de Jovens e Adultos, que são aqueles que não conseguiram concluir na idade correta. Vai dizer que preferencialmente deve-se ter essa educação concomitante a

uma educação profissional, vai falar também sobre os exames que os alunos podem estar prestando para concluir o ensino fundamental e o ensino médio.

Então a lei gente, ela além de trazer o direito a esse acesso, também vai nos levar a refletir sobre a permanência desse educando nas nossas escolas. Então como que a gente vai garantir essa permanência? Com didáticas, com metodologias, com o recebimento desse aluno de forma a respeitar as especificidades dele. Nós não podemos garantir só o acesso, a gente tem que garantir a permanência também.

Às vezes a gente escuta as pessoas falando assim: é porque é na EJA; ah tem que ser a EJA né? Mas tem que ser a EJA e é a EJA porque tem lei que garante isso para EJA, que garante isso para os educandos da EJA, porque a finalidade da EJA é que eles recuperem o tempo que eles perderam.

A oferta desse ensino de forma irregular, lá no artigo quinto pode levar até o Ministério Público acionar quem é que está ministrando esse direito de forma incorreta. Então vamos sempre fazer o nosso melhor enquanto professores, enquanto secretaria, enquanto gestão. Eles já perderam muito tempo para ainda ser prejudicados, não é mesmo?

Beijos gente, até a próxima.

DO VELHO AO JOVEM

Conceição Evaristo

Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.

Na face do jovem
o frescor da pele
e o brilho dos olhos
são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas
de ambos,
o velho tempo
funde-se ao novo,
e as falas silenciadas
explodem.

O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.

E não há quem ponha
um ponto final na história
Infinitas são as personagens...
Vovó Kalinda, Tia Mambene,

Primo Sendó, Ya Tapuli,
Menina Meká, Menino Kambi,
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,
Piter do Estácio, Cris de Acari,
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra,
E também de Santana e de
Belô
e mais e mais, outras e
outros...

Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas
histórias.
e não há quem ponha
um ponto final no rap
É preciso eternizar as palavras
da liberdade ainda e agora...

2.3 A tessitura de conhecimentos na constituição das práticas docentes na EJA

Educadores da EJA: Quem somos nós?

Os profissionais são empenhados(as), preocupados(as) com os(as) estudantes, militantes pela Educação de Jovens e Adultos e com experiências diferenciadas da grande maioria dos(as) educadores(as). Não se diz isso no sentido de superioridade, absolutamente não. Mas, no sentido dos desafios específicos encontrados no cotidiano da EJA; desafios explanados em na última unidade a qual se aponta a diversidade e a complexidade destes estudantes e a gama de especificidades que implicam nessa diversidade ao trabalho nas escolas.

As formações iniciais, sejam do magistério, da graduação em Pedagogia ou as demais áreas do conhecimento, na grande maioria foi insuficiente e pouco foram voltadas para essa modalidade, fazendo com que muitos educadores(as) tanto na função de professores(as) como coordenadores(as), muitas vezes tenham receio de atuarem na EJA, pois ainda a desconhecem e orientados(as) muitas vezes, apenas pelo que simplesmente ouvem dizer: “a EJA é difícil”, “as salas são misturadas”, “tem estudantes perigosos”. Enfim, um mar de equívocos e pré-conceitos que também cabem aos profissionais atuantes desconstruírem e mostrarem a real face da EJA.

Quando os(as) educadores(as) chegam na EJA com esse misto de desconhecimento e até um certo receio, encontram algo muito diferente. Encontram gente que precisa de gente para ensinar e aprender junto. E a partir daí, o único e grande risco que todos e todas os(as) educadores(as) correm, é o de não querer mais sair da EJA.

Afinal, por traz de todo e toda profissional há uma pessoa, que assim como acolhe também é acolhido(a) por esses estudantes. Como dizia Paulo Freire (1996, p.94) “Nos movemos enquanto educadores porque primeiro nos movemos como gente”.

Pensar na história da formação do educador da EJA

Os desafios para a formação de professores na Educação de Jovens e Adultos são diversos. Passa, primeiro, pela pouca oferta de cursos voltados para a formação de professores na EJA. A formação de professores é normalmente voltada para a atuação com crianças e adolescentes. São reduzidas as disciplinas específicas nos currículos de Formação Inicial de Pedagogia e apenas recentemente começamos a olhar estágios de estudantes nas escolas de jovens e adultos, com uma importante exceção aqui em Guarulhos com o Projeto de Residência Pedagógica da Unifesp. No universo de formação das licenciaturas dos bacharéis, conta-se nos dedos as experiências de estagiar na educação de adultos. Muito provavelmente, o professor que atua na EJA de Guarulhos, se não todos, a maioria não teve contato na sua formação inicial com uma dimensão formativa para esta modalidade.

Esta lacuna na formação inicial é preenchida por diretrizes nacionais que fortalecem uma visão de que, na ausência de disciplinas específicas no início, é necessário investir na formação continuada, mas principalmente a partir da prática docente cotidiana, ou a formação em serviço.

O Parecer CNE/CP nº 2/2015, contendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica destaca que é necessário reafirmar as bases comuns de formação continuada, estabelecendo logo na primeira diretriz que esta envolve:

I - Atividades formativas organizadas pelos sistemas, redes e instituições de educação básica incluindo desenvolvimento de projetos, inovações pedagógicas, entre outros.

O texto sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA indica também elementos para superar a defasagem formativa inicial:

O preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista, e sim um docente que se nutra do geral e das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (BRASIL, 2000, p.56).

O entendimento do diferencial desta modalidade de ensino parece ser um componente essencial para a construção da identidade docente do profissional que trabalha na EJA. Aparentemente, o contato com a realidade acaba sendo o espaço não apenas ideal, mas o que resta para formar os professores que vão trabalhar nessa modalidade. Neste caso, uma formação que se faz centrada na realidade da escola, aproximando teoria e prática é essencial.

Para Antonio Novoa (2011), pode-se definir cinco fases constituinte da formação do professor: a experiência do professor quando aluno na educação básica; a sua formação inicial; o estágio supervisionado; os primeiros anos de atuação e a formação continuada. Elas se combinam, mas pode-se reforçar, talvez, um componente que perpassa a todas as fases: a escola. A escola se consolidou, para alguns autores (Alarcão, 2011; Domingues, 2009; Tardif, 2011), como o espaço privilegiado para a formação docente, devido a sua proximidade com a prática. A experiência do trabalho docente é a fonte inesgotável para a construção do saber-ensinar do docente.

O papel da formação é contribuir para a elaboração de conhecimentos ou saberes necessários para a prática dos professores. Esta dimensão da formação

ganha outros contornos se pensar as particularidades que envolvem a Educação de Jovens e Adultos. Não será de outra maneira que alguns autores enfatizam o aspecto do olhar permanente sobre a prática como pressuposto para formação de professores na EJA. Para José Carlos Miguel (2006), um dos aspectos de desenvolvimento profissional, quando pensar na EJA, é o entendimento da prática docente e o que o professor traz das suas experiências, combinando-as, modulando-as com a realidade da escola manifestada no currículo, na gestão escolar, no PPP e nos educandos. Essa possível combinação e encadeamento pode refletir na definição de pautas formativas mais condizentes e a elaboração de melhores práticas em sala de aula.

Por fim, quando se pensa na constituição da identidade docente do professor da EJA, em quais bases se conformam essa identidade profissional? Uma pista possível é a apresentada por Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin (2012). A pesquisadora enfatiza dimensões importantes a serem consideradas na constituição do profissional docente que atua na EJA, sendo a prática como responsável por produzir novos conhecimentos e traçar caminhos possíveis para o processo de aprendizagem de jovens e adultos. Tais práticas que coadunam vivências e educadores e a trajetória de educandos, elucidam as diferenças desta modalidade em relação as demais, pois os ritmos de aprendizagem ficam mais explícitos e se compreendido assim, potencializam novas modelagens curriculares pautadas na flexibilidade.

A identidade do docente da EJA em permanente construção

São duas as situações mais comuns do que se imagina quando se fala sobre educadores que trabalham na EJA e que de maneira elas atuam com força na constituição da identidade docente. A primeira situação é a herança de uma perspectiva infantilizada na modalidade. A outra situação é o caráter complementar da carreira profissional que a educação de jovens e adultos assumem para alguns profissionais. Com cuidado de não generalizar tais situações, vamos articulá-las indicando suas possíveis implicações para a conformação de um perfil docente e como caminhar para a reafirmação (ou edificação) de outros postulados.

Na primeira situação é muito bem ilustrada por Vera Masagão Ribeiro (1999) em uma pesquisa sobre aspectos de formação de professores na EJA. Visitando uma escola de jovens e adultos, a pesquisadora percebeu um descuido da professora que a recebeu na escola. Quando apresentou seus educandos, todos adultos calejados pela vida, ela disse com aparente condescendência: “estas são as minhas crianças”. Um certo constrangimento e desconforto ficou no ar, logo depois com a afirmativa sendo corrigida pela professora. A pesquisadora atribuiu outros significados a esta frase, até mesmo a relativizando no contexto em que foi apresentada. Talvez mais um gesto de carinho da docente do que propriamente o sentido denotativo da sentença. Entretanto ela não deixou de observar que mesmo em

um deslize, a perspectiva assistencialista e infantilizadora da educação de jovens e adultos ainda é muito presente. É um fator que se materializa na constituição do ambiente escolar, desde a arquitetura e organização das salas, passando pela prática do currículo e chegando na ação docente. Novamente sem fazer generalizações, a sensação de educadores e educandos na EJA ao entrar numa escola da rede é de “invadir” um espaço moldado para receber crianças.

Outra situação comum é a condição muitas vezes precária que o trabalho docente na EJA assume para alguns profissionais. Como complemento a sua jornada de trabalho, já extenuante, juntamente com a necessidade da renda, a atuação de jovens e adultos concorre com a docência em outros períodos do dia, na maioria das vezes, com crianças e adolescentes. No topo da lista de prioridade, a atuação com crianças e adolescentes assume a centralidade de suas preocupações devido, principalmente, aos desafios quase inerentes, a ponto que a atuação com os adultos e jovens é secundária. Há um desafio propedêutico posto aqui e que para muitos professores se materializa no dia a dia: geralmente, na atuação com crianças e adolescentes devido a uma tradição de formação bacharelesca a perspectiva que se adota é que o ensino se hierarquiza com a apresentação de conceitos e depois o exercício das práticas ou de uma maneira mais direta “primeiro se assimila, depois se aplica”. A ponto que com jovens e adultos esta premissa comum na prática de sala de aula é desafiada por combinações ambíguas entre os dois movimentos, trazido pelas experiências e urgências da vida dos educandos. Na vida adulta você é tomado pela necessidade de colocar a mão na massa antes de formular aprendizado sobre, basta imaginar o imperativo que assume a necessidade do trabalho e a busca de renda para perceber a força que tem isto para jovens e adultos. A inadequação de se aproveitar as mesmas atividades para crianças e adultos é explícito. A necessidade de dotar a escola de uma arquitetura condizente com a situação de jovens e adultos também. Pensar a ação docente a partir da combinação da experiência dos educandos, das demandas das propostas curriculares, da intervenção da coordenação pedagógica e dos saberes profissionais trazidos pelos docentes é quase um imperativo necessário. Mas outros postulados devem ser observados na constituição da identidade deste docente que atua na Educação de Jovens e Adultos.



Territórios - Contribuições das Professoras Silvana Maria Barbosa de Santana e Andréa Regina Assad Brandão

Olá, sou a professora Silvana do ciclo I da EJA, trabalho na escola Deucélia Adegas Pera, fui convidada para falar sobre minhas experiências sobre os desafios que enfrento, as dificuldades e alegrias, por que não alegrias né? O professor da EJA ele tem vários momentos, tem essas alegrias, temos os momentos de alegrias com certeza. Entrei na rede municipal de Guarulhos em 1991, isso há 29 anos. Em 2003/2004 tive a oportunidade de ir para a EJA e permaneço até hoje. Presente de Deus, tenho isso em mente, porque me identifiquei bastante com essa modalidade de ensino. Trabalhar na EJA tem suas dificuldades e suas alegrias como eu falei e grandes desafios.

Para iniciar vou falar sobre os desafios que enfrento. Desafios: não é novidade para nenhum professor aqui, que nós trabalhamos com turmas multisseriadas, nessas turmas multisseriadas nós encontramos alunos que nunca foram para a escola, que não conseguem copiar o nome, não sabem usar um caderno, e tem aquele aluno está querendo muito mais, então suga sim o professor. E o professor precisa ter esse olhar para esse aluno, ter essa empatia, ajudar da melhor forma possível. Fora isso, tem a questão da autoestima, eles vêm com a autoestima muito baixa, eles não têm o apoio da família, tem aluna que chega e fala: “Pro, meu marido falou o que eu estou fazendo na escola agora? Pela idade que tem, devia ficar em casa, que está procurando o que fazer, que eu não vou aprender mais. Às vezes eu acho que não vou aprender mais”. E você tem que trabalhar isso com o aluno, trabalhar essa autoestima dele e ele tem capacidade sim e você tem que mostrar que você acredita nesse potencial, que eles têm esse potencial. E muito mais, nós temos também aqueles que tem a preocupação com o filho, com o trabalho, contas a pagar. Então tudo isso são desafios que você enfrenta como educadora da EJA.

Tem as dificuldades, quais seriam as dificuldades? As dificuldades no meu caso, a maior dificuldade que eu senti, que eu sinto, é trabalhar as especificidades de cada um, porque como eu falei e como todos vocês sabem, nossas turmas são multisseriadas, então você quer ajudar aquele aluno de um modo geral, você faz a explicação geral, mas cada um tem dificuldade em uma determinada matéria e você precisa ajudar. Tem aluno que foi a escola para realmente sair um pouco de casa, às vezes sair de casa conhecer amigos, parece que isso daí já está satisfazendo para ele, então você também tem que mostrar, mas realmente tem aquele outro que quer lousa cheia, caderno cheio, que se o professor passar um filme, ele tem que por exemplo que acompanhar esse filme, assistir o filme com o aluno, não basta o professor ter a intencionalidade e saber quais são as habilidades que ele quer conseguir só para ele, ele tem que mostrar para seu aluno o que ele quer que ele aprenda com isso, para que ele mostre o interesse e ele vê que realmente você se importa com ele. E terminou o filme, por exemplo, gente, as crianças para elas tudo é festa, filme, jogo, sair da sala, para eles tudo é novidade, tudo é alegria. O aluno da EJA não, o aluno da EJA você precisa convencer, você precisa mostrar para ele que um filme é aula sim, que a escola não é só lousa cheia, não é só o caderno, a escola é um lugar que eles tem para não só se valorizar ou conseguir ter uma vida melhor, mas para ele melhorar como cidadão, para ele saber dos seus direitos, seus deveres, para eles terem esse poder de voz. O professor ele tem que realmente oportunizar ao seu aluno esse momento. Outra dificuldade que tenho também, que enfrento como educadora é quando eu passo um reforço ou uma ajuda, uma atividade extra para esse aluno fazer em casa, eles não tem essa disponibilidade, não tem tempo, é o trabalho, eles vem para a escola cansados, eles vem para a escola sem tomar um banho muitas vezes, com fome, com sono, e você vai fazer o que? Você tem que ter esse entendimento. Eu me identifico bastante, eu tenho essa empatia como educadora da EJA, eu me exponho todo início de ano quando começam as aulas, eu conto um pouco da minha vida, de tudo que eu passei para que eles se sintam bem à vontade comigo, e a partir daí, fluir.

Eu acredito que é isso que tenho para falar, ser educador da EJA não é para qualquer um, é para quem realmente acredita no potencial desse aluno, é para quem acredita no poder da transformação, é muito gratificante você ver os olhinhos deles brilhando cada vez que eles aprendem uma coisa nova, ou que: “Ai professora olha agora eu consigo fazer” não tem dinheiro, não tem preço que pague, é muito, muito gratificante. E é isso que eu tenho para falar para vocês, não vá para a EJA só porque acha que vai ser menos trabalho, trabalhar na EJA não quer dizer menos trabalho, muito pelo contrário, você tem que planejar suas aulas com muita intencionalidade, você tem que ter muito prazer com isso e é muito gostoso trabalhar com a EJA.



Olá, caros colegas!

Eu sou a professora Andrea. Professora de Educação de Jovens e Adultos do Ciclo I.

Eu fui convidada para falar um pouquinho com vocês sobre a importância do professor na EJA.

O professor da EJA precisa ter consciência de que ele é em primeiro lugar acolhedor.

Ele precisa ser acolhedor porque o aluno que vem para EJA, principalmente Ciclo I, muitas vezes, ou nunca pisaram na escola ou estão pisando na escola depois de muitos e muitos anos. Então eles carregam alguns medos, alguns traumas, e se o professor não for acolhedor o aluno pode desistir da escola.

Logo que eu comecei a dar aula na EJA, eu tinha uma dinâmica onde eu perguntava para eles: Que situações fizeram com que eles voltassem para a escola?

E eu percebi que isso era um tiro no pé, que isso trazia à tona muitos traumas nesses alunos e que muitas vezes eles nem voltavam no dia seguinte.

Então eu tive que ter a sensibilidade que eu precisava ter muito cuidado com esse aluno para não trazer à tona esses traumas e para que eles se sentissem confortáveis e acolhidos dentro da escola.

A partir de quando você começa a criar vínculos com esse aluno na escola, ele fica mais aberto a aprendizagem. Então, esse é um papel fundamental do professor da EJA.

Ter essa sensibilidade, essa empatia com o aluno para que ele possa se sentir confortável e só assim demonstrar se ele está ou não aprendendo, se ele tem dúvidas, se te faz perguntas, porque senão ele fica muito retraído e acaba não desenvolvendo o ensino aprendizagem que ele foi buscar ali na escola.

É muito importante o professor perceber e conhecer melhor cada um dos seus alunos. Uma das coisas que eu acho mais importantes na EJA é quando a gente está muito tempo numa escola, a gente começa a conhecer cada um dos alunos.

Aqueles que vão e voltam por diversos motivos: doença na família, emprego. Então você conhecendo aquela comunidade, conhecendo aquele aluno fica mais fácil para você atingir o aluno para que ele se desenvolva em sua totalidade.

O aluno da EJA vem com grande aprendizagem de vida, mas ele não tem consciência disso e nem acha que isso tem valor. Então o professor tem que ser mediador disso, para que esse aluno consiga perceber que ele tem sim grande conhecimento e que ele precisa só desenvolver algumas técnicas dentro da escola. O professor da EJA precisa ter empatia com o aluno.

Pessoal, é um pouquinho da minha experiência. Espero ter contribuído para esse momento de formação, espero que todos continuem com saúde e espero que possamos voltar em breve com os nossos alunos jovens, adultos e idosos também com muita saúde.

Um grande abraço!

Trajétoria da formação permanente de professores em Guarulhos

A formação permanente de professores

A política de formação de professores em Guarulhos está organizada em duas publicações institucionais que demarcam sua trajetória e inserção como política pública permanente na cidade. A publicação Formação Permanente, de 2010 e a mais recente, Saberes em Rede, de 2016.

Em Guarulhos, no documento intitulado Formação Permanente se consagrou uma concepção de formação que define a escola como locus privilegiado desta ação:

A formação está vinculada à potencialização do processo de aprendizagem e desenvolvimento não só do educando, mas também do educador e de toda a equipe escolar. Nas relações que se estabelecem na escola, a formação se dá de maneira necessária, pois ela é o resultado do cultivo de hábitos, valores e atitudes sócio historicamente construídos. Daí ser a escola o espaço de formação por excelência (FORMAÇÃO PERMANENTE, 2010, p.26)

Enquanto espaços de formação, cabe descrever a estrutura de formação da Prefeitura de Guarulhos dividida em três dimensões: cursos, formação continuada e eventos, conforme a publicação, com o objetivo de “potencializar o processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, a qualidade social da educação, entendida como o sucesso escolar de nossos educandos (FORMAÇÃO PERMANENTE, 2010, p.31).

Não deixou de ser observada pelos professores que participaram desta pesquisa a ocorrência desses espaços de formação nas demais modalidades de ensino, sendo a EJA, um pouco mais prejudicada.

Passei pelo ensino fundamental e pela EJA. Eu percebo que há uma preocupação maior da prefeitura com o Fundamental, com a formação dos professores de ensino fundamental, então estando no ensino fundamental você participa de várias formações, tem semanas destinadas para isto, o que não acontece na EJA (Professora B1)

Com a definição da EJA como política pública desde 2001 na cidade e a ampliação do número de educandos no decorrer da década de 2000, no arco das medidas implementadas pela gestão que assume a partir de 2001, identificamos uma primeira tentativa de pensar a formação dos professores da EJA da cidade em 2001, a partir de uma formação chamada “Formação inicial dos Professores do Ensino Fundamental de Jovens e Adultos”. Organizado pela SE, conforme Nogueira (2004) tinha o objetivo de traçar o perfil do corpo docente de EJA no município. Afinal,

uma das propostas iniciais feita aos professores foi que eles diagnosticassem os seus alunos, para conhecer melhor a realidade do educando, seu universo cultural, sua bagagem de conhecimentos.

Esta iniciativa é documentada na dissertação **Reflexões sobre a Política de Formação Docente em Guarulhos: com a palavra os professores de EJA**, da pesquisadora Renata Menezes Nogueira, na qual se relata uma série de iniciativas, ao nosso ver pioneiras, no sentido de pensar a prática particular dos professores da EJA. Dissertação produzida quando algumas iniciativas estavam tomando corpo, podemos indicar duas atividades que se relacionam diretamente ao escopo deste trabalho. A edição em 2003 do Caderno do Educador e do Educando, material resultante dos encontros, reuniões e formações realizadas até aquele momento, em especial o Grupo de Construção Curricular iniciado em 2002.

O Professor Coordenador Pedagógico

Outro marco da formação de professores da Educação de Jovens e Adultos em Guarulhos está diretamente associado à criação da função de Professor Coordenador Pedagógico (PCP), em 2011, função esta até então inexistente. Conforme a publicação *Saberes em Rede*, houve uma transição de concepções de formação dos coordenadores, perpassando de temas de desenvolvimento pessoal e profissional, para a constituição de grupos de trabalhos.

Foi após muito diálogo e sugestões de mudança que chegamos a um “novo” formato. Nele, as discussões partem de demandas mais efetivas, com temas para aperfeiçoarmos, pesquisarmos e irmos à prática, demonstrando assim que o processo de construção dos saberes busca fazer-se de maneira dialógica e democrática, promovendo uma constante reflexão e tendo em vista a intervenção, ou seja, a “pesquisa-ação”. (SABERES EM REDE, 2016, p.66)

Ao se debruçar sobre o tópico presente na publicação e que especifica as ações de formação dos coordenadores da EJA de Guarulhos, percebe-se algumas lacunas que podem ser exploradas, como a ausência de discussões sobre a concepção de EJA e os papéis de jovens e adultos na construção da escola. Valendo salientar os limites que a própria publicação traz por ser institucional.

Nesta publicação, a responsabilidade pela formação de professores da EJA assim como dos seus coordenadores é do Núcleo Técnico da EJA, organizado no interior da Divisão Técnica de Educação Básica. Mas percebemos que o enfoque é dado principalmente na chamada formação contínua ou continuada dos professores.

(O) foco está na melhoria da relação ensino-aprendizagem, em estreito encadeamento com o desenvolvimento profissional dos educadores, que indicarão as necessidades da formação contínua de professores em serviço, aquela mediada pela construção coletiva e permanente do PPP e pelo trabalho de liderança curricular democrática do coordenador. (SABERES EM REDE, 2016, p.55)

Até 2018, o coordenador pedagógico da rede de Guarulhos acessava a função mediante realização de concurso interno que se constituía como pré-requisito para tal. Após a seletiva, os coordenadores apresentavam, conforme seu desejo, os projetos de trabalho na escola de interesse que procediam a eleição (PORTARIA Nº 80/2014 – SE). Atualmente não há mais o concurso interno e as determinações para acessar a função constam na Portaria nº 36/2018 – SE.

Ao revisar as teorias em torno do coordenador pedagógico, uma das funções atribuídas é o de mediar os muitos saberes e visões dos professores, tendo como fio condutor as ações a serem executadas na escola, contemplando observação do trabalho dos professores, orientação dos processos que envolvem o ensino, ofertar espaços de formação, acompanhamento e avaliação da aprendizagem dos alunos.

Pode-se notar, em documentos oficiais, uma definição completa sobre a função do coordenador pedagógico:

O trabalho do professor coordenador pedagógico congrega o esforço de mobilizar os próprios saberes de sua formação inicial, os saberes experienciais vividos na sua carreira profissional, as orientações oriundas da secretaria de educação e os saberes/conhecimentos dos educadores com os quais trabalha, considerando a singularidade de cada realidade, o que torna, reafirmamos, cada projeto e ação inéditos em cada território. (SABERES EM REDE, 2016; pp 53-54)

Este trecho faz parte de um compêndio de textos elaborados a partir da formação dos coordenadores pedagógicos da Rede Municipal de Guarulhos entre os anos de 2009 e 2016. O Programa Saberes em Rede, da Secretaria Municipal de Educação do Município de Guarulhos é pioneiro, pois desde 2011 atuou de maneira regular na formação dos PCPs.

Para finalizar, conforme o excerto, é prerrogativa dos coordenadores organizar os espaços de formação dos professores na unidade escolar, sendo então a hora-atividade, o espaço privilegiado para que estas formações ocorram.

Professor Coordenador Pedagógico (PCP), enquanto formador, visa auxiliar com base teórica nas mediações e intervenções dentro da Unidade Escolar que perpassa na elaboração e no acompanhamento do planejamento, orientações das demandas da Rede, bem como a reorganização dos espaços e ações coletivas, que se revela de modo especial nos momentos formativos, sobretudo durante a hora-atividade (HA). (SABERES EM REDE, 2016, p. 4)

Ensinar e aprender frente as adversidades

A reflexão parte da própria rotina dos educadores (as) da EJA. Ao chegar no final da tarde, muitas vezes de acúmulos em outros cargos de outras redes de ensino, por quantas adversidades somente naquele dia já não foram deparadas? Desafios diários que a grande maioria dos(as) educadores(as) de nosso país enfrentam, aponta-se esse fato não como fator conformista, mas exatamente ao contrário, como fator que delinea as lutas de cada um.

O cotidiano é permeado por várias adversidades, pois sabe-se que educação não se faz apenas com uma sala de aula cheia de estudantes sentados enfileirados, identificados por um número na frequência colhida e registrada diariamente no diário escolar. Enfrenta-se adversidades como falta de materiais, equipamentos muitas vezes em manutenção, estudantes com diferentes necessidades, entre tantas.

Frente a esse cenário, é fundante pensar nos ensinamentos de Paulo Freire que apontam para a questão de que educar implica em indignar-se com o que está aí, acreditando que a mudança é possível. E para tal, é preciso compreender a percepção do inacabamento e que se aprende o tempo todo, que somente na ação-reflexão-ação baseada na escuta ativa e no olhar atento é que promove a comunhão, ou seja, reconhecer o outro e se reconhecer através do outro.

Segundo Freire (1996, p. 96), quando a postura do professor e dos educandos é dialógica, indagadora, que se assumem curiosos pelo aprender, a aula deve ser um desafio não uma “canção de ninar”.

Assim, frente aos desafios e adversidades é necessário pensar na formação emancipatória, voltada para temas abrangentes e de acordo com cada território, com diversidade étnico-racial, diversidade de gênero, imigração e migração, inclusão social, pré-conceitos linguísticos, entre outros. Lembrando sempre, que aprendizagem deve ser contextualizada, problematizada e sistematizada frente as necessidades das turmas atendidas, tornando-a significativa.



Territórios – Contribuições da(o) Professor (a) Coordenador(a) Pedagógico(a) *Karla Bianca da Silva e Rafael Pereira de Souza.*

Olá educadoras e educadores da EJA! Espero que estejam bem!

Eu sou a Karla, professora coordenadora pedagógica da EPG Celso Furtado.

Hoje vou conversar um pouquinho sobre o papel do coordenador. Nosso papel que é de transformar, formar, articular e mediar dentro do ambiente escolar.

Dentro da modalidade EJA, nos deparamos com diversos desafios, mas o maior deles é a questão da evasão escolar.

Os nossos alunos que já vem com diversas dificuldades por essa escolarização tardia: seja a dificuldade de aprendizagem, seja o cansaço físico, os conflitos familiares, as vezes conciliação de horário com o trabalho, que os levam a desistência.

O que nós enquanto escola podemos fazer para garantir a permanência deste aluno conosco?

Junto com meu grupo de professores desenvolvo um trabalho em equipe, tudo o que nós pensamos para nossa EJA, é pensado no coletivo, todas as ações e projetos nós refletimos, discutimos e construímos juntos, de forma a atender as necessidades dos nossos alunos.

Então, nós estabelecemos uma escuta ativa e atenta e também estabelecemos o diálogo com nossos alunos, porque a partir deste diálogo nós conseguimos planejar as ações e os projetos que vão de encontro com a necessidade e com a realidade desse aluno.

Quando ofertamos para esses alunos ações, projetos para que ele se reconheça dentro de todo este processo, ele vai sentir pertencente ao ambiente escola, ele se sentindo pertencente a esse ambiente escola, ele se sente estimulado a permanecer. Então é muito importante, desde o acolhimento desse aluno, dessa escuta ativa, que nós temos para esses alunos, ao planejar essas ações que vamos ofertar, ações essas a qual o aluno se sinta e se reconheça como centro de todo este processo. Essa aprendizagem que vai ter significado para ele, que mesmo com todas as dificuldades que eles enfrentam no cotidiano, eles vão querer permanecer, vão querer ficar e concluir este curso.

Dentro da nossa escola o lema é “juntos somos mais”. Então esse lema nós estendemos para toda a escola, grupo de professores, os demais funcionários e nossos alunos. Estabelecemos uma parceria verdadeira para garantir a permanência e a qualidade do ensino que ofertamos para os nossos alunos.

Já que estamos falando de desafios, surgiu outro desafio para nós. Diante deste afastamento social, o que nós vamos fazer para manter a interação e este aluno próximo, esse aluno da EJA que já tem um histórico de abandono escolar?

Então nós temos que nos reinventarmos, temos que criar possibilidades para permanência deste aluno.

Na EPG Celso Furtado, nós montamos um grupo de WhatsApp com todos os nossos alunos da EJA. Inserimos todos para poder divulgar e estar a par de tudo o que está acontecendo nesse distanciamento. A partir desse grupo, fizemos o levantamento de qual seria o meio mais democrático para que esses alunos pudessem estar interagindo com um grupo de professores, então ouvimos nossos alunos via WhatsApp, ouvimos nossos alunos e criamos os grupos.

Para o ciclo I, o atendimento é dado por um grupo de WhatsApp. Para o ciclo II, criamos um perfil no Facebook, o qual nossos professores mantem essa interação com nossos alunos de segunda a sexta, ofertando atividades e interagindo com eles, estabelecendo um vínculo com eles, neste momento de distanciamento, e acreditamos que essa é a garantia de que quando tudo voltar a sua normalidade, nossos alunos retornem também conosco.

Então essa foi a forma que nós estabelecemos. Junto com o grupo de professores e nós gestores, temos reuniões uma vez por semana, via plataforma Zoom, para conversarmos sobre todas essas ações que estão sendo desenvolvidas. Como está sendo a interação com o grupo? Como está sendo a participação desses alunos? Para termos essa devolutiva, e está dando certo.

Então nosso papel de coordenador pedagógico é um grande desafio, um desafio diário. É criar possibilidades, é se reinventar diante das dificuldades e dentro da nossa modalidade de EJA também, e assim nós vamos estabelecendo vínculos com nossos alunos e ofertando um

ensino de qualidade, fazendo com que nossos alunos se sintam pertencentes a todo este processo. Ok. Obrigado pela escuta! Fiquem bem!



“Talvez não tenhamos conseguido fazer o nosso melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito! “Nós não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas graças a Deus Nós não somos mais o que éramos !!! Martin Luther King.

Olá a todos e a todas, meu nome é Rafael Souza, sou professor de língua portuguesa e também estou atuando na coordenação pedagógica, na Educação de Jovens e Adultos da Escola Deucélia de Adegas Pera.

Eu gostaria de agradecer aqui a equipe do DOEP, pelo convite, para falar um pouco deste importante personagem que é a coordenação pedagógica de uma escola.

Eu quero antes de começar, registrar aqui e saudar a todos os meus colegas, Coordenadores e Coordenadoras, de outras escolas da EJA, profissionais dedicados e experientes, super comprometidos com uma educação significativa, e transformadora, e claro, lembro aqui que são

sempre muito solidários, e sempre estamos trocando informações e experiências, que ajudam muito no nosso trabalho diário e até a nossa formação profissional, fica aqui registrado a minha gratidão a todos e a todas.

Eu vou tentar fazer uma breve participação, de uma maneira aqui, a respeito da coordenação pedagógica, em especial na educação de jovens e adultos.

Eu vejo a gestão pedagógica a partir de três bases fundamentais, no nosso dia a dia de um coordenador de uma coordenadora:

** Primeiro ponto - A gestão democrática e participativa, ela é fundamental no nosso trabalho, de uma certa forma ela legitima o trabalho da coletividade, do coletivo.*

O trabalho coletivo hoje numa escola, ele é fundamental não só por ser legítimo, mas por garantir que todos tenham voz e vez, todos possam participar e construir juntos uma educação que faça sentido não só para um, mas sim para todos.

**E o segundo - A formação permanente, este é um processo contínuo de aprendizagem, de transformação, eu acredito que nós no nosso dia a dia temos nossas dificuldades, nossos grandes desafios, mas é importante que a gente encare de uma maneira que a gente aprenda com eles, são desafios que nos levam a aprender, é uma aprendizagem permanente é realmente um processo contínuo e muito saudável na vida do Coordenador, na carreira do Coordenador, então isso é muito importante, todo o processo de relação é uma aprendizagem !*

**Também registro aqui o terceiro ponto que é a Educação libertadora e humanista - É fundamental que nós educadores pensemos numa educação que liberte, que abra nossa mente e que realmente faça sentido para a nossa própria vida.*

Jamais esquecer que somos seres humanos e que o nosso trabalho está intimamente, diretamente

ligado a outros seres humanos, e é nessa troca que a riqueza da aprendizagem e a transformação acontecem, e a educação faz sentido para todos.

Com essas três bases acredito que nós coordenadores e coordenadoras podemos garantir caminhos que cheguem a uma educação de qualidade e que realmente contribua com uma sociedade mais justa e conseqüentemente mais humana.

Para concluir essa minha participação, eu gostaria de falar sobre a importância do Coordenador, este e esta como educador, como educadora, nesse dia a dia, tão rico como é o nosso trabalho. Importante que toda a ação, de todos os personagens da escola, principalmente do Coordenador e da coordenadora, seja em busca de uma educação que transforme as nossas relações, com a intenção de promover uma aprendizagem real e significativa na vida de todos, incluindo a gente também, e que assim esperamos que o reflexo dessa relação, dessa aprendizagem e de toda essa transformação venha acontecer no dia a dia da nossa sociedade.

Bem, eu acho que ser educador hoje, ser coordenador, ser coordenadora, é ser educador, é ser educadora, é ter o privilégio de carregar nas mãos a sublime missão de poder abrir as diferentes janelas do mundo para os educandos, e assim levar o encantamento, e que através delas temos a esperança de sermos melhores, de construirmos sempre juntos um mundo melhor, para todos e para todas. Vou concluir essa minha fala com uma frase: "Uma liderança de fato consiste em abordar a alma de uma pessoa e dar-lhe asas". Anselmo Gham

Eu agradeço a todos e todas, registro aqui o meu muito obrigado a todos, e que cada um continue com essa sublime missão que é ser educador nos dias atuais, um grande abraço a todos e fiquem todos com Deus!!!

2.4 Currículo emancipatório e o protagonismo estudantil

Pensar um Currículo emancipatório na Educação de Jovens e Adultos é estar atento as singularidades e pluralidade desta modalidade, estabelecendo a prática reflexiva e dialógica na busca do protagonismo estudantil. É essencial oportunizar essa reflexão tão necessária a todos e todas educadores(as) da EJA; compreendendo que essas reflexões são essenciais e devem fazer parte do cotidiano escolar.

Currículo: algumas indagações

Partindo de indagações busca-se propiciar a reflexão acerca do tema currículo, espaço esse que por não ser neutro está em constante debate.

Segundo Apple (2001), o currículo não é uma montagem neutra de conhecimentos, ele é influenciado pela política, economia e conflitos de um país. Assim cabe a pensar: há quanto tempo as escolas são as mesmas? Há quanto tempo apenas se reproduz o que se deseja aprender? Há quanto tempo parou-se de questionar e pensar o currículo olhando apenas para os conteúdos? Há quem um currículo pronto favorece?

A origem da palavra currículo vem do latim “currere”, que significa rota, caminho, daí cabe aos educadores(as) avaliar qual caminho seguir: o da reprodução ou da transformação.

Será que um jovem, um adulto, que chega na EJA precisa apenas da transmissão de conteúdo, enquanto o(a) educador(a) passa a registrar a “matéria dada”? Essas reflexões devem fazer parte do cotidiano dos educadores. Na modalidade EJA, com a diversidade e a pluralidade dos sujeitos, é necessário oportunizar a esses(as) estudantes, situações para compreenderem o que em suas vidas, determinado conhecimento poderá significar, caso contrário, reforça-se a escola que muitos deles(as) desistiram.

Se a EJA tem sujeitos tão diferentes, cada um com suas histórias e experiências, não há como pensar em uma única maneira de aprender e ensinar e, portanto, cabe a escola e as(aos) educadoras(es), dialogarem e compreenderem que se trata da Educação de Jovens e Adultos estar diante de uma permanente construção.

Pensando o Currículo na EJA

O passo inicial para educadoras e educadores é compreender o desafio que é pensar o currículo da EJA. Ele deve ser amplamente discutido, levando em consideração que um currículo emancipatório deve ser pautado em princípios de justiça, ética, igualdade, solidariedade, sustentabilidade e liberdade. Tendo como ponto de partida a escuta dos sujeitos envolvidos, pelo qual esses sujeitos sejam capazes de olhar criticamente para a realidade e transformá-la.

Alguns estudiosos indicam a adaptação curricular na Educação de Jovens e Adultos como um dos principais desafios da modalidade. No entorno do debate sobre a organização curricular para a EJA, Inês Barbosa de Oliveira (2007) indica dois aspectos que demarcam as construções dos sistemas de ensino no país que abarcam a modalidade: primeiro a tendência predominante de fragmentação do conhecimento que pauta a organização dos currículos a partir de uma perspectiva mais tecnicista; de outro lado, a influência dos programas nacionais de Alfabetização de Adultos, tais como o MOBREAL, a Fundação Educar que pautaram a apresentação de uma proposta única de currículo para todo o país, desprezando as questões locais. Soma-se a essas forças mais gerais, a herança de educação compensatória e assistencialista que direcionava a maioria das ações para o público da EJA impactando em um currículo no geral pensado para crianças e adolescentes, mas que era “adaptado” para os adultos. (OLIVEIRA, 2007; ABREU et al, 2010; CIA-VATTA et al, 2010).

Na EJA, preponderantemente, é necessário considerar os educandos e seus saberes em uma lógica que deve presidir a organização dos conteúdos, não ignorando a dimensão etária e as vivências. Partindo essencialmente das histórias

de vida ou situações de cotidiano (OLIVEIRA, 2007, p.97), mas essencialmente para uma perspectiva que considere os educandos como sujeitos, é necessário também abandonar velhos modelos em que a visão de suplência e a infantilização dos conteúdos devem ser superados. Práticas coerentes com as necessidades indicadas pelo diálogo e escuta, relacionando as experiências dos educandos com os conhecimentos escolares. A articulação destes dois saberes gera um conhecimento novo e significativo para a vida dos estudantes.

Deste modo, algumas pesquisas recentes sobre propostas curriculares na EJA procuram demonstrar a necessidade de repensar o currículo a partir de ações, que permitam maior participação dos educandos na indicação das matrizes que devem construir a proposta, mas também, como elas podem ser articuladas na prática cotidiana do currículo.

A pesquisa de Sonia Couto Souza Feitosa, intitulada “Das grades às matrizes curriculares participativas na EJA: os sujeitos na formulação da mandala curricular”, se propõe olhar para a formulação dos currículos observando a participação dos vários atores do processo de ensino e aprendizagem. Adotando como inspiração o pensamento de Paulo Freire, a pesquisadora define alguns elementos que devem fundamentar o currículo para a EJA, a saber: a formação integral, a abordagem de conhecimentos diversos e a solidificação de atitudes sociais críticas, abarcando o exercício pleno da cidadania. (FEITOSA, 2012, p.38). Ela aponta que o entendimento das individualidades dos educandos compõe o espaço escolar e elas necessitam ser representadas no currículo, a ser elaborado com a participação ativa dos educandos.

Oliveira (2007) já citada anteriormente, indica a necessidade de não pensar um caminho único e obrigatório para os educandos, pois ao considerá-los sujeito nos processos de ensino de aprendizagem as conexões possíveis entre vivência e conhecimento são variadas e singulares.

Autonomia, Liberdade e Responsabilidade

Uma proposta curricular deve ser um subsídio para educadores desenvolverem planos de ensino adequados ao seu contexto. A definição do currículo se faz desde um conjunto de critérios e concepções, os quais pautam a seleção dos conteúdos. Que seja conhecimento escolar relevante, sua forma de organização e exposição, e que reflita a dinâmica que se espera para as aulas. Constituindo um ambiente propício à incorporação de conceitos e valores, que permitam o exercício sistemático de análise da realidade e a problematização da vida concreta.

Torna-se importante que o educador exercite a liberdade de opções que essa modalidade educativa permite e exige, para adequar seus programas às necessidades e interesses dos jovens e adultos. Um princípio pedagógico já bastante

assimilado entre os que se dedicam à educação básica de adultos é o da incorporação da realidade vivencial dos educandos como conteúdo ou ponto de partida da prática educativa.

É especialmente importante, no trabalho com jovens e adultos, favorecer a autonomia dos educandos,

estimulando-os a avaliar constantemente seus progressos e suas carências. Faz-se necessário que a ação docente seja voltada para atender esse diferencial, e que a realidade e a subjetividade desses alunos sejam o ponto de referência para a prática docente. É necessário fazer uma ponte entre o interesse dos educandos e suas experiências, com a ciência, para que haja uma educação que esteja a serviço desse perfil de estudante, e que oportunize o contato com a formalidade contida neste tipo de conhecimento.

Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. O importante não é depositar conteúdos, mas despertar uma nova relação com a experiência vivida. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o educando, reconhecê-lo como indivíduo no contexto social, com seus problemas, seus medos, suas necessidades. Valorizar seu saber, sua cultura, sua oralidade, seus desejos, seus sonhos, possibilitar uma aprendizagem integradora, abrangente, não compartimentalizada, não fragmentada.

A imagem que o educando tem da escola, muitas vezes, reflete muito com a imagem que têm de si mesmo dentro dela. Desta forma, a escola ocupa um lugar privilegiado para se desenvolver o pensamento reflexivo dos participantes da EJA e de práticas que desenvolvam autonomia e a responsabilidade, como pessoas inseridas no processo de sua formação.

A escola deve ser um espaço para se aprender a discutir e participar democraticamente, desenvolver a responsabilidade pessoal pelo bem-estar comum. Revisitar e flexibilizar, como uma das ações possíveis o Projeto Político Pedagógico, e sempre atentos às atualizações do currículo de referência da rede.

A EJA e o PAS – uma história sobre a autonomia do educando

O Projeto Autonomia do Saber foi concebido na Escola de Prefeitura de Guarulhos Gabriela Mistral em 2014, a partir da proposta conjunta entre coordenador e professores visando diminuir a evasão dos alunos, a princípio, mas que ao longo



da sua trajetória perpassou um novo olhar sobre os componentes curriculares e uma lufada de ar sobre as práticas pedagógicas em torno da Educação de Jovens e Adultos.

Os professores desenharam a proposta partindo da assembleia de estudantes, tornando-os coparticipantes da construção da proposta. Na assembleia anotavam as considerações, organizavam os temas geradores que surgiram, pactuavam as regras de convivência, entre outras coisas. Os fundamentos eram a autonomia e protagonismo dos educandos para escolher as aulas que os interessavam e a garantia de que seriam ouvidos nesta construção.

A partir deste processo, havia a sistematização das demandas apresentadas, assim como discussão para elaboração de ações didático-pedagógicas. Uma dessas ações foi a construção do 'cardápio' que consistia no oferecimento de tópicos curriculares (chamados de momentos) que eram planejados a partir da demanda apresentada pelos educandos. Considerava-se um itinerário de aprendizagem a ser realizado na semana, com possíveis revisões e acompanhamento por meio do diálogo quanto à pertinência dos temas e o envolvimento dos educandos em relação a eles. Além da indicação, da escuta, os educandos podiam transitar pelo cardápio conforme o interesse, que também era objeto de pactuação.

Outro aspecto relevante era a abordagem dada a questão da Alfabetização e a organização dos educandos nos ciclos. As ofertas de apoio à alfabetização eram elaboradas por diferentes educadores em momentos distintos, propiciando diversas abordagens nesse processo. No caso das escolas do PAS, havia nitidamente uma ideia que perpassava por todos os professores: todos eram educadores, todos eram alfabetizadores, promovendo assim integração entre os professores do ciclo I e ciclo II.

A partir de 2014, devido os resultados iniciais (redução da evasão e mais participação dos educandos), o projeto surgido na escola é incorporado pela Secretaria de Educação de Guarulhos, sendo expandido para mais duas unidades: na escola EPG Dorival Caymmi conforme interesse manifesto da gestão e grupo de docentes e na escola EPG Silvia de Cassia Matias, sem prévia discussão da comunidade escolar, pois a escola seria inaugurada em 2015. O PAS se transforma em Projeto Piloto. Definimos a abaixo alguns pilares do PAS durante os anos em que existiu:

1. Manutenção da equipe de docentes nas escolas de um ano para o outro;
2. Organização de uma proposta de trabalho flexível aberta a discutir os saberes necessários, com escuta de todos os envolvidos;
3. Integração entre as três escolas que executavam o mesmo projeto, com nuances na execução das propostas; mantinham primados em comum, como o protagonismo docente, a autonomia discente e a flexibilidade do tempo e espaço,

assim como o principal instrumento, a realização de assembleias.

4. Formação permanente e intercâmbio com outras experiências de escolas alternativas ou democráticas. Mais espaço para interlocução e trocas.

5. Fortalecimento dos vínculos ao promover práticas mais horizontalizadas entre professores e alunos que implicava em formas de rever o currículo, das metodologias e outras demandas do cotidiano escolar. Diálogo.



PAS - EPG Gabriela Mistral

O PAS através da EPG Gabriela Mistral ganhou a medalha Paulo Freire em 2016, pela experiência inovadora na educação de jovens e adultos. Tinha como referência as experiências de escolas autônomas tais como a Escola da Ponte, em Portugal, e o Projeto Âncora

na cidade de Cotia - SP, ambos idealizados pelo educador José Pacheco. Outras iniciativas também eram frequentemente relacionadas quando se olhavam para as rotinas do PAS, tais como os CIEJAS em São Paulo, as EMEFs Campos Salles e Amorim Lima ou mesmo escolas do município de Guarulhos como as EPGs Gianfrancesco Guarnieri e Manuel Bandeira que iniciavam ou consolidavam suas experiências autonomistas na mesma época.



PAS - EPG Dorival Caymmi

Quando se pensa em experiências pedagógicas se deve pensar em suas relações em um determinado tempo, com o sistema de ensino que está vinculado, com a trajetória dos educadores ali estabelecidos, com a cultura de gestão da escola e outras muitas variáveis. Entender de que maneira circunstâncias e determinações do tempo e espaço delimitam a ação, trazendo legados, promovendo rupturas, revelando contradições e produzindo



PAS - EPG Silvia de Cássia Matias, Prof.ª

novas sínteses podem ser uma forma de “escovar a história”, a contrapelo como diria Walter Benjamin. O PAS também não é infenso a algumas considerações e críticas que já foram feitas. Entretanto olhando a partir do postulado de Benjamin, essa experiência trazia no bojo o legado de outras iniciativas da EJA de Guarulhos que promoveram também a autonomia dos educandos, seja na trajetória dos educadores que participaram, seja na tentativa de pensar um projeto piloto com uma expectativa ambiciosa. O PAS sustentou um traço marcante de uma “metodologia” de educação popular com inspiração nitidamente freiriana que em Guarulhos teve o MOVA como o programa mais marcante. Inspirados ou não, é muito comum práticas atuais de flexibilização de tempo e espaço nas escolas promovidas pela equipe docente (professores e coordenador) com motivações variadas, eivadas também de possíveis reconsiderações. Finalmente, a experiência do PAS revela que é possível pensar o currículo a partir da escola, o educando pode ser visto como partícipe do processo e o educador devia protagonizar este currículo assumindo os riscos e colhendo os benefícios.



Territórios *Contribuições do Professor Coordenador Pedagógico Anderson Ferreira de Brito*

Eu venho aqui então compartilhar uma epígrafe do Tomás Tadeu da Silva que diz: “Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz”. E pensando que tipo de currículo as nossas escolas estão fazendo para os nossos estudantes da Educação de Jovens e Adultos?

Quando eu penso em currículo eu penso não somente numa proposta curricular num papel, na legislação que também é parte do currículo, mas eu penso também na nossa prática, na nossa vida, naquilo que nós fazemos no dia a dia, na aula, aquilo também que nós deixamos de fazer, que nós colocamos, tudo isso é currículo.

Nós temos na rede Municipal de Guarulhos uma proposta curricular chamada Quadro de Saberes Necessários que foi feita em 2009 e que tem uma pergunta e a partir dessa pergunta é que se formou o Quadro de Saberes Necessários. Que educando nós queremos formar?

E se eu perguntasse hoje para você que tipo de educando a sua escola pretende formar? Eu acredito, que a grande resposta que nós temos na educação de jovens e adultos é: um tipo de sujeito autônomo, um tipo de sujeito que possa participar socialmente, que possa ser livre, que possa fazer as suas escolhas, que possa ter seus direitos garantidos.

Nós pensamos enquanto Educação de Jovens e Adultos numa proposta de educação emancipadora, fortemente ligada a concepção Freiriana de emancipação, que traz na sua concepção essa participação social, essa vontade de fazer, de mudar o mundo de transformar, e que, como diz Paulo Freire “os sujeitos só podem se libertar em comunhão”, porque quando a gente pensa da Pedagogia do Oprimido, que é pedagogia feita por aqueles que foram negados seus direitos, é uma pedagogia que pode realmente libertar os sujeitos, é uma pedagogia dialógica, é uma pedagogia que está voltada as necessidades do estudante, onde Paulo Freire nos ensinou que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”. É nesse respeito que as nossas escolas e a nossa Educação de Jovens e Adultos foi construída, foi construída com uma trajetória.

Se a gente pensar nas nossas escolas, nos jovens, nos adultos, nas pessoas idosas que participam dos nossos espaços, nós precisamos construir um currículo pautado na emancipação desse sujeito, na libertação desse sujeito. E se a gente pensa um currículo que é emancipador, nós não podemos esquecer que um currículo emancipador ele está pautado na luta, numa luta histórica e democrática. Não podemos nos esquecer que a EJA foi construída a partir de uma Educação popular, nós sabemos que ela tem como um pressuposto o respeito aos saberes da comunidade, aos tempos de vida dos estudantes, as experiências e necessidades. É uma educação que está adequada tanto nas oportunidades de igualdade, quanto também garante os direitos dos estudantes a sua participação social e também o repensar a função da escola, não só como um espaço de educação formal, mas como espaço também de educação informal e não formal.

Se nós queremos que a educação de jovens e adultos continue no nosso município e ela possa garantir esse currículo emancipador, nós não podemos esquecer que uma gestão democrática é uma gestão que respeita a vivência, a vida das pessoas, dos sujeitos que ali estão. E refletindo sobre esse assunto, nós não podemos esquecer que aquilo que me incomoda não pode só me incomodar, mas também tem que me afetar, eu preciso buscar então esse senso de justiça social de garantir uma educação com equidade e não somente com igualdade, porque os nossos alunos às vezes não têm garantidos os seus direitos, lhes foram tirados os seus direitos, lhes foi tirado direito de ser, de estar enquanto crianças, cada um deles tem uma trajetória uma vida e nós não podemos esquecer disso, não podemos simplesmente minimizar os problemas que eles têm, as experiências que eles têm. E nós também enquanto educadores, enquanto sujeitos, não podemos esquecer de quem somos nós, qual é a nossa importância dentro desse processo, nós não podemos nos esquecer que é preciso dar voz, é preciso permitir com que esses estudantes também participem com a gente, construam com a gente o currículo, o currículo não pode ser somente uma prescrição, somente algo a ser seguido, mas ele precisa ser construído a partir das relações, a partir das necessidades de cada escola, de cada unidade.

O PPP também faz parte do currículo e se nós queremos uma escola que seja justa, uma escola democrática, uma escola inclusiva, aqueles que estão ali que as pessoas que participam daquele espaço que conquistaram através de muita luta, de muita dor, que essas pessoas que ali chegaram elas lutaram para estar naquele espaço para ocupar aquele espaço. Não podemos nos esquecer que essa escola, ela já foi um lugar de violência, já foi um lugar de alienação, de segregação e exclusão; e que hoje ao retornar à escola, agora esse estudante possa ter o seu direito garantido, ele possa ter o seu direito de expressar, de construir um coletivo com outras pessoas, junto com outros e ter os seus direitos garantidos.

Se conseguimos abrir os nossos espaços para novos conhecimentos e novas práticas e dar voz e protagonismo àqueles que foram silenciados ignorados, e se desafiarmos os preconceitos estereótipos, desenvolvemos um pensamento crítico; reconhecer que nós temos sim origens históricas de desigualdade social. Assim, nós vamos conseguir promover uma transformação e fomentar nos nossos estudantes o desejo pela emancipação social e política.

Muito obrigado!

Contribuições das(os) Educadoras(es) nos Fóruns



Sempre no início do ano é realizada uma pesquisa socioeconômica para caracterizarmos a clientela. Antes, durante e depois da devolutiva da pesquisa os alunos são incentivados a efetivar comentários que consideram relevantes sobre sua trajetória de vida. Esta ação constante nos auxilia, para além da definição do conteúdo a ser desenvolvido, como fazê-lo; assim como afirma e reafirma porque e para que trabalhamos. Em outras palavras é o tempero do planejamento, pois sem pesquisa e o falar dos alunos, nosso planejamento é insosso e não atinge os objetivos a que se propõe.
Prof. Casimiro Jorge Pereira

Nas escolas onde atuo, é perceptível a preocupação da equipe com o conhecimento da “realidade” do educando, de suas condições de vida e trabalho e de seus anseios. Essa é uma prática importante para orientar o planejamento e as intervenções a serem realizadas. Nesse entendimento, a entrevista pode perfeitamente integrar diferentes momentos de organização do trabalho escolar, fornecendo à equipe informações valiosas sobre como os sujeitos representam o mundo e veem a escola. Prof. Tiago Rufino Fernandes

A tarefa de intermediar as relações de diferentes gerações não é fácil em sala de aula. Muitas vezes sentimos como se não atingíssemos ninguém nessa tentativa de acolher a todos. Mas acredito que o respeito por todas as formas de expressão tem sido uma forma de aproximação importante. Buscar formas de aprendizagem que converse com cada geração é de extrema importância. Me lembro de um trabalho em grupo em que deixei os educandos mais jovens digitando a sequência do trabalho no computador. Foi empolgante ver como eles se envolveram. Até mesmo aqueles que resistem em participar ativamente das aulas. É importante esse olhar de buscar o potencial e as demandas de cada fase da vida. Criar situações em que cada um possa fazer aquilo que realmente vê significado foi fundamental nesse trabalho e passei a pensar em como desenvolver essa prática no cotidiano de sala de aula. Como disse Paulo Freire “Devemos respeitar a autonomia, à dignidade e a identidade do educando, pois o saber pode virar palavreado vazio ou inoperante”.
Prof.^a Monica Borges De Oliveira

Acolhendo nossos jovens, conversando, ouvindo o que eles têm a dizer, propondo atividades e projetos para que interajam com todos os colegas de todas as idades, e assim possam trocar experiências e aprender também. Criando um ambiente agradável e acolhedor, fazendo com que eles se sintam bem na escola, para sempre querer voltar e descobrir como é importante aprender, caminhar, e se sentir mais confiante para buscar um futuro melhor! Assim é a nossa EJA! PCP Rosemeire Fernandes

Podemos estabelecer uma relação de troca, pois sem dúvida respeitar o conhecimento que o educando traz consigo e aprender nessa socialização de saberes só enriquece o repertório do professor. Para Tardif (2002, p 39), o professor é “alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos”. Neste sentido, Tardif atesta que os saberes são plurais, formados pelos saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais. Diante disso podemos perceber que os saberes emergem da relação professor/aluno, professor/professor, ou seja na interação com os outros, portanto, vale lembrar que a mera transmissão de conhecimento e alunos passivos não cabem em uma escola reflexiva que queira formar para vida, nesse sentido o aprender com o outro contribui muito para a ressignificação da prática docente, bem como para o processo de construção do percurso profissional e de seu desenvolvimento. Prof.ª Patrícia Maria De Oliveira

Como bem disseram outros colegas aqui, a flexibilização é extremamente bem-vinda para nossa modalidade. Acredito que, assim como foi e ainda o é para mim, muitos outros professores sentem-se inseridos num ambiente bem desafiador, ao lidar com salas com tamanha diversidade, que é a realidade da EJA, sobretudo quando se trata de produzir aulas e conteúdos e desenvolver abordagens que atendam toda essa pluralidade, nesse universo multiseriado dos ciclos da EJA. Contudo, ao mesmo instante que é um desafio, trabalhar dessa maneira, principalmente quando temos acesso a recursos, se torna uma experiência muito enriquecedora, inclusive ao instante em que nos coloca diante da possibilidade de nos aproximarmos de uma Educação menos engessada, quase livre das paredes e caixinhas das disciplinas e seus conteúdos. Prof. André Nascimento Da Silva





A tarefa de fazer com que jovens e adolescentes se sintam atraídos pela escola é bem árdua, em geral o movimento de aproximação com o estudo formal se dá por alguma necessidade de trabalho ou para se obter um certificado. Talvez o acolhimento por parte dos profissionais da educação e dos colegas alunos sejam um mote para que os jovens retornem e permaneçam na escola, estar em um ambiente agradável e acolhedor é tão importante para a permanência quanto estar em um ambiente bem estruturado para a formalização dos saberes. É preciso também evidenciar o valor dos saberes que os mais jovens trazem consigo e mostrar, embora não tenham tido tanto tempo para experimentar a vida como os colegas mais velhos, que os seus conhecimentos também são importantes. Prof. Welton Ricardo De Assis Araujo

Referências

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8ª ed. São Paulo, ed. Cortez, 2011

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). Parecer CNE/CEB nº 11/2000. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília: maio de 2000. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf. Acesso em: 15 de Mai. 2018

DOMINGUES, I. **O coordenador pedagógico e a formação contínua do docente na escola**. São Paulo, Ed. Cortez, 2015

FORMAÇÃO PERMANENTE. Revista. Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos. 2010.

FORMAÇÃO PERMANENTE. Revista. Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

----- . **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

Guarulhos (SP). **Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas**. Quadro de Saberes Necessários – em implementação. Guarulhos: SE 2019.

LAFFIN, M. H. L. F. **A constituição da docência da educação de jovens e adultos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 210-228, Jan/Abr 2012. (revista eletrônica)

MACHADO, M.M. (org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Brasília, Secad/MEC, Unesco, 2008.

MARASCHIN, M. **Formação professores e desenvolvimento profissional na Educação de Jovens e Adultos**. Universidade Federal de Santa Maria – Rio Grande do Sul, Brasil, 2006.

MIGUEL, J. C. **Tendências emergentes na formação do educador de jovens e adultos: especificidades e profissionalização**. In BARBOSA, R. L. L (org.). Formação de educadores: artes e técnicas, ciências políticas. São Paulo, Editora UNESP, 2006.

NOGUEIRA, Renata de Menezes. **Reflexões sobre a política de formação docente em Guarulhos: com a palavra os professores da EJA.** Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2004.

NOVOA, A. **Professor se forma na escola.** Revista Nova Escola. Ano XVI. N. 14, Maio 2001.

RIBEIRO, V.M. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico.** In: Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Campinas, Dezembro. 1999

SABERES EM REDE. Revista. Prefeitura Municipal de Guarulhos. 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 12ª ed. São Paulo, Ed. Vozes. 2011

CAPÍTULO 3

Mundo do Trabalho na EJA e o emprego no século XXI

Neste capítulo pretende-se refletir sobre o papel da Educação de Jovens e Adultos a partir do eixo de aprendizagem Mundo do Trabalho e o emprego no século XXI. A proposição é a realização de uma reflexão sobre as mudanças de base epistemológica no próprio conceito, provocada de certa forma pelas crises econômicas e pelas mudanças tecnológicas impactando grupos sociais que em geral são o público das escolas. Vale ressaltar o atual cenário pandêmico desafiador em que as relações de trabalho se transformam rapidamente. Nesta etapa dos estudos, busca-se analisar e compreender o que a Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN)/2019 aborda em relação ao Mundo do Trabalho, evidenciando que as discussões da EJA frente a esse eixo continuam sendo uma ampla área de estudo. Por fim, serão apresentados, também, depoimentos dos(as) professores(as) e coordenadores(as) e partir do Território com o objetivo de compartilhar as aprendizagens e experiências vividas na escola.

3.1 Mundo do Trabalho na perspectiva da EJA: reflexões iniciais

A sociologia usa de várias maneiras a categoria de análise trabalho, da relação com o emprego no mundo capitalista e suas várias formas, até a condição da ação através da qual o homem se realiza e efetiva sua existência. Na educação também vê-se, comumente, o uso mais amplo da palavra. Segundo Freire (2009, p.70), o trabalho, antes de tudo, tem o significado de atuar e pensar. Dar finalidade ao próprio trabalho na construção da sua relação com o outro, é o grande diferencial da humanidade frente a natureza.

Junto a esta concepção, deve-se pensar as relações do trabalho no campo do sistema econômico capitalista, no emprego da mão de obra, através do empreendedorismo e da venda da capacidade de trabalho recebendo em troca por uma representação de valor, o dinheiro, para a subsistência e o consumo. O emprego deve ser analisado em suas potencialidades, não só como a possibilidade do mercado de trabalho, mas como um direito ao trabalho remunerado, assegurando a sua oportunidade a todos e, também, a sua qualidade. De acordo com Carreira (2014), o direito a educação de jovens e adultos só é realizável na essência se outros direitos são garantidos de forma digna, tais como saúde, moradia e trabalho.

As manifestações do público da EJA quanto ao posicionamento da relação

educação-trabalho, condiz com a sua heterogeneidade de perfis. Da esperança de com o diploma conseguir um emprego ou uma melhor colocação no mercado de trabalho, pois como afirma Souza (2012, p.19), por melhores oportunidades de emprego, vários educandos entendem que a elevação da escolaridade é o passo primeiro para uma nova qualificação profissional. Mas existe também um desânimo com exemplos de pessoas com maior formação e desempregados, gerando também desalento e evasão. Há talvez um outro grupo de motivações que se encontra em um âmbito mais subjetivo de cada educando que é o desejo de atingir um determinado status em seu ambiente de interação (família, igreja, trabalho), cujo diploma ainda goza de tal relevância.

O modo econômico capitalista determina hoje boa parte de toda a sociedade mundial, forjando ideais de progresso, de mérito e modos de vida. Por meio de seus meios de produção, vem ao longo do tempo se moldando pelas conquistas científicas e tecnológicas, aprimorando e aumentando sua lucratividade, fazendo com que o mercado de trabalho tenha que se adaptar constantemente. Segundo Harvey (1989, p.117), a mudança no capitalismo foi profunda durante o século XX, com marcantes mudanças nos processos de trabalho, no consumo, no funcionamento do Estado etc. O que organiza a vida econômica dessa sociedade ainda é a produção em função dos lucros.

É inegável a produção de riqueza e sua concentração por este sistema econômico ao longo da história, ao mesmo tempo que a participação da população neste sistema, através de sua qualidade de vida, reflete nas desigualdades produzidas por ele, transmutada assim numa sociedade de classes e de suas frações. Outra grande preocupação da massa trabalhadora é o desemprego em todas as suas facetas. O que colabora muitas vezes para a submissão e a precarização dos trabalhadores para conseguir vender a sua energia e conhecimento e conseguir o seu sustento.

A educação proporciona, através do conhecimento, uma melhor inserção do indivíduo na sociedade, para seu sustento e sua realização. Ao buscar proporcionar uma melhor qualidade de vida dos estudantes, a Educação de Jovens e Adultos tem como tarefa construir novos conhecimentos que possibilitem ao educando uma melhoria nas condições de vida, tendo como instrumento a crítica para as formas de exploração ou marginalização do trabalho que possa ser imposta a ele. De acordo com Freire (2005, p. 41), é fruto dos homens a nossa realidade social, e se de alguma maneira esta os oprime, a sociedade tem a tarefa histórica de transformar a realidade.

Constitui assim, o trabalho pedagógico para a liberdade e para se livrar das limitações da alienação, promovendo a análise e a reflexão do indivíduo perante as condições significativas de sua realidade. Cabe destacar, o objetivo de formar a cidadania crítica e participativa, possibilitando ao educando concatenar posturas que tangenciem trabalho, educação e a sociedade de uma forma reflexiva.

Territórios – Contribuições da Supervisora Escolar Fernanda Mayumi

Olá, meu nome é Fernanda Mayumi, eu sou educadora da Rede Municipal de Guarulhos e hoje vim compartilhar aqui com vocês algumas reflexões sobre a relação da EJA – Educação de Jovens e Adultos, com o Mundo do Trabalho.

Na nossa proposta curricular, o QSN, o mundo do trabalho é um eixo estruturante da EJA e ele traz o seguinte objetivo: “O olhar do ser humano sobre as suas realizações(...)” e isso quer dizer, não focar somente na profissionalização ou no labor – na questão laboral, e sim na leitura e compreensão da importância do exercício da cidadania. Diante disso, eu gostaria que a gente tentasse considerar o “trabalho” como a mediação do homem com o mundo e, que por meio do conhecimento e do acúmulo deste conhecimento, o homem vai transformando a natureza e a sociedade e vai se relacionando com elas. E assim, transformando também as suas relações. Então, EJA e Mundo do Trabalho não é, e não pode ser, a formação de mão-de-obra.

Os nossos educandos vivem numa situação de vulnerabilidade muito forte e, quando a gente os vê nessa condição, é natural tanto da parte deles, quanto da nossa – educadores, um anseio a curto prazo, de vê-los inseridos no mercado de trabalho. Mas não podemos confundir esse desejo com o que temos que trabalhar, ou com as relações que a educação que eles estão buscando, trazem com o Mundo do Trabalho.

É o trabalho, é esse trabalho, que o percurso da retomada dos estudos na EJA – muitos (educandos) trazem essa questão da possibilidade de retomar os estudos para melhorar suas condições no mercado de trabalho. E é esse mesmo trabalho, que tanto lá atrás foi o responsável pela interrupção dos estudos, quanto hoje também é o responsável – ou em sua maior parte é o responsável pela evasão ou pela desistência-, quando você tem que fazer “um bico”, tem que fazer hora-extra, arruma um emprego temporário em que você não pode negociar o horário... Ou você tem que cuidar dos filhos ou dos netos para garantir que outro membro da família trabalhe.

Desta forma, nossos educandos trazem muito explicitamente a marca de uma sociedade dividida em classes, onde estão inseridos nas mais desfavorecidas, atuando em empregos precários, subempregos, no trabalho informal – que muitos chamam de empreendedorismo, mas que considero que seja “malabarismo para sobrevivência”. Ou seja, eles (os educandos) vivenciam a forma mais acentuada de exploração e de alienação.

Por isso, gostaria de trazer aqui três pontos para nossa reflexão.

O primeiro ponto é o seguinte: qual é a concepção de trabalho que está presente na discussão com nossos educandos? A gente fala com eles sobre trabalho enquanto mercadoria alienada ou enquanto relação social?

O segundo ponto: nós temos um olhar sobre as relações de trabalho nas construções das atividades que propomos?

E por último: o nosso foco é na formação humana integral, na construção da criticidade e no protagonismo dos sujeitos. Diante disso, nós temos, de alguma forma, articulado a busca pela superação destas condições de exploração humana?

Essas reflexões devem pautar nossas ações. E junto com os nossos educandos, quando estruturamos a EJA e o Mundo do Trabalho, é principalmente para propiciar o conhecimento de outras possibilidades de vida e da potencialidade da transformação.

3.2 Singularidades da EJA e o Mundo do Trabalho

Guarulhos é um dos municípios com maior população do Estado de São Paulo. Igual a todos os grandes centros urbanos brasileiros, possui uma parcela da população vivendo a margem da garantia dos direitos mais básicos gerando desequilíbrios sociais. O fenômeno da exclusão social se mantém e reforça cada vez mais a pobreza e diz respeito a parte da população que por razões diferentes sofrem processos de exclusão do mercado de trabalho: juventude, negros, deficientes, grupo LGBTQIA+, entre outros.

Em certa medida, os adolescentes são os que recebem parte deste impacto. É comum perceber, que muitos desses jovens sofrem e usam da violência. Podem muitas vezes descambar para o crime devido a inúmeros fatores como o consumo de drogas, a falta de trabalho, a baixa escolaridade, a baixa autoestima, disfunções familiares, a desigualdade econômica, os preconceitos, o racismo etc.

Muitas vezes a resposta por parte deste jovem vem por atos infracionais, com suas famílias vivendo em estado de penúria ou simplesmente abandonados. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), encontram-se os princípios das garantias para nossas crianças e adolescentes, há vários órgãos e entidades que tentam minimizar a invisibilidade e o descaso destas vidas. Sabe-se que muitos jovens são mortos e que infelizmente são de periferia, negros pobres e na faixa etária entre 12 a 21 anos, por uma violência gerada muitas vezes na guerra do tráfico de drogas.

Até um adolescente chegar à escola para uma medida socioeducativa, por diversas oportunidades já passou por situações constrangedoras, por mais que tenha seus direitos garantidos na Constituição Federal e no ECA, cumpridos. Chegam às nossas escolas, todos os semestres, jovens em liberdade assistida, que durante a sua trajetória de vida fazem escolhas equivocadas ou são levados a essas, e, encontram-se em busca de serem aceitos por um grupo que os acolham, os valorizem para que lhe sejam contemplados os direitos a uma formação e a perspectiva de uma construção da cidadania. Um passo importante é procurar uma unidade escolar para ter seus estudos garantidos assim como seu direito a ressocialização

Um ponto de destaque no acolhimento da gestão escolar é o cuidado de guardar sigilo da condição deste novo educando, para que não se crie um ambiente vexatório e constrangedor ao estudante. Outra condicionante de suma importância para o trabalho de inclusão desses jovens é manter sempre o contato com a família e com o educador social, com um diálogo que possibilite alternativas para uma ambientação e desenvolvimento de seus saberes e um currículo que venha ao encontro com a realidade e necessidade dos estudantes.

A questão das mulheres com menores salários também não mudou, pois uma grande parcela dessa população enfrenta desafios diários e enormes diferenças no mercado do trabalho. As pesquisas apontam que em 2018, a probabilidade

de uma mulher trabalhar foi 26% inferior que a de um homem, uma melhoria de apenas 1,9% com relação a 1991, ou seja, passados 27 anos, praticamente não houve avanço.

Mesmo diante das dificuldades, muitas mulheres têm conquistado seu espaço mostrando competências em cargos originalmente masculinos e em cargos de liderança e destaque. Entre os desafios e preconceitos do mercado de trabalho, pode-se considerar algumas profissões importantes e pouco valorizadas, funções típicas de mulheres, com menor remuneração como as empregadas domésticas. Mas o problema está em diversos ramos, inclusive a educação. Professores de faculdades e ensino médio, particulares, por exemplo, na maioria são homens e que recebem salário maiores em relação as professoras mulheres do ensino básico. Ainda se encontram muitos preconceitos e poucas oportunidades de trabalho para mulheres em algumas profissões no mercado de trabalho, como a área de tecnologia, uma das importantes profissões nas grandes empresas e que tem como maioria os homens. Entre as diversas discriminações e preconceitos da vida profissional, as mulheres ainda têm que enfrentar as dificuldades de conciliar a atividade profissional com a vida familiar. Isso reflete de maneira dramática para as educandas em que o retorno a vida escolar é “conciliado”, muitas vezes com a rotina de trabalho, as tarefas domésticas e o cuidar dos filhos. Não será diferente, então, que a evasão de estudantes na EJA tem um recorte de gênero que precisa ser enfrentado.

Os negros também ainda sofrem discriminação em relação aos brancos no mercado de trabalho. Na estruturação do mercado de trabalho o racismo existe e acaba interferindo em postos que serão ocupados pelos negros e exerce influência em seus salários. A mulher negra sofre muito mais que o homem negro na hora de disputar uma vaga na área profissional. Os negros são discriminados no mercado de trabalho na ocupação, no salário e na imagem, sendo ainda os alvos comuns do assédio moral. Mesmo formando 55,8% da população brasileira, são a maioria nos setores de baixa remuneração e a minoria nos cargos de chefia, de gerenciamento e de diretoria.

O grupo LGBTQIA+ tem sofrido bastante com a discriminação por sua orientação sexual ou identidade de gênero, alguns optam por esconder sua sexualidade dos colegas e gestores, por receio da perda do trabalho. A maioria dos travestis (90%) se prostituem por não conseguir uma colocação no mercado (mesmo tendo bons currículos). A crueldade desse preconceito acaba fazendo com que essas pessoas se sintam desprezadas, rejeitadas, humilhadas pela ignorância e estupidez de alguns empregadores. No momento em que os empregadores reconhecerem sua orientação sexual haverá uma tendência a minimizar os fatos expostos acima. A orientação sexual não diferencia trabalhadores. Eles possuem direitos assegurados pela Constituição, mesmo assim pesquisas apontam que no Brasil um terço das empresas não contratariam pessoas LGBTQ+ para cargos de chefia, pois acham que eles podem envergonhar ou prejudicar a imagem do seu local de trabalho. O direito ao nome social e ser tratado como tal, que foi uma das conquistas mais

significativas da população transgênero, ainda, é uma realidade distante para a maioria das pessoas e em ambiente de trabalho, uma fonte comum de constrangimentos.

As pessoas com deficiências em grande parte vivem do subemprego, pois as empresas não os contratam para fazer parte do quadro de funcionários, entregando esta população as formas de subemprego e informalidade. De acordo com a legislação - Lei 8213/91, lei de cotas para Deficientes e Pessoas com Deficiência, as empresas com mais de 100 funcionários são obrigadas a preencherem com 2% a 5% de pessoas com deficiência no seu quadro de trabalhadores. Mas ainda insistem em burlar a lei, alegando muitas vezes que não há qualificação necessária para a contratação.

Migrantes

No Brasil construiu-se um uso comum das palavras imigrantes, emigrantes e migrantes referindo-se respectivamente às pessoas que chegavam a solo brasileiro oriundas de outros países, às pessoas que se dirigiam a outros países ao saírem do Brasil e às pessoas que mudavam de local dentro do território brasileiro. Essas nomenclaturas foram discutidas nacional e internacionalmente, e hoje há outra forma de se definir a experiência de quem se desloca por espaços, seja dentro do território nacional, seja para além das fronteiras dos próprios países. Atualmente denomina-se a todos de migrantes. Nos últimos anos cresce nas salas da modalidade EJA, associada principalmente a necessidade de emprego, a presença de estudantes migrantes constituindo uma demanda nova de complexidade variável.

Segundo dados da pesquisa Metropolização, governança e direito a cidade, da PUC/SP, os dados sobre migrantes apontam que a cidade de Guarulhos é a segunda cidade que mais concentra pessoas nessa condição (7310) na região metropolitana, atrás da capital, porém com o dobro da cidade que ocupa a terceira posição e com tendência de alta nos próximos anos. A rede municipal de Guarulhos tem um estudo feito pelo DPIE denominado 2020 – Total de alunos por escola e país, com a identificação escolar e o detalhamento dos estudantes migrantes e suas respectivas nacionalidades. Ele reafirma o número crescente de educandos de outras nacionalidades nas escolas municipais, entre próprias e parceiras, totalizando 648 educandos matriculados. Na pesquisa sobre o perfil dos estudantes da EJA de 2018, essa perspectiva é apresentada com o crescimento, ainda pequeno, da presença desses alunos nas escolas de jovens e adultos entre os anos de 2007 e 2018. Segundo o estudo da PUC/SP, admite-se que uma das razões que leva a concentração desses migrantes internacionais a determinadas cidades está nos setores de acolhimento e acompanhamento desses grupos, articulado a disposição de habitações a preço acessíveis, a rede de apoio familiar e a disponibilidade de emprego, às vezes precário e informal.

Neste caso, a perspectiva do trabalho soma-se a outra necessidade quase inerte para o educando estrangeiro: a questão do aprendizado da língua portuguesa.

Como muitas vezes revelado por esses educandos, a escola se torna o espaço em que a interação com a língua permite superar obstáculos na busca de emprego.



Territórios – Contribuições Professora Coordenadora Pedagógica Alessandra Soares

Olá pessoal!

Meu nome é Alessandra Rodrigues. Eu trabalho na Prefeitura de Guarulhos desde 2001.

Durante esse tempo eu já trabalhei na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Trabalhei no Ciclo I da EJA, já fui Vice-Diretora, mas desde 2011 eu trabalho no que eu considero a minha grande paixão que é ser Professora Coordenadora Pedagógica da EJA.

Trabalho na escola Silvia de Cassia Matias e junto com a gestão e a equipe de professoras e professores procuro desenvolver um trabalho de qualidade que atenda da melhor maneira possível os nossos educandos.

Todos nós sabemos que a EJA tem muitas especificidades. Isso devido ela trabalhar com um grupo muito heterogêneo, que vai do adolescente que acabou de completar seus 15 anos de idade, até adultos com seus 60, 70, 80 anos ou mais.

E qual é o elo que une essas pessoas com faixas etárias tão distintas? É o trabalho!

O trabalho permeia toda a intencionalidade do nosso educando, porque ele está presente no projeto de vida do adolescente que procura ingressar no mercado de trabalho, quanto do adulto que já faz parte desse mercado, seja com seu emprego formal e informal, mas que muitas vezes buscam uma promoção dentro da empresa ou um emprego melhor que garante o sustento da sua família com melhores condições, com uma melhor qualidade de vida.

A Proposta Curricular da Prefeitura Municipal de Guarulhos, o QSN, traz como eixo estruturante para a EJA o Mundo do Trabalho, isso para além das questões de profissão e emprego.

O objetivo principal é desenvolver uma educação integral, que faça com que o aluno perceba a importância do exercício da cidadania, que ele se perceba enquanto sujeito histórico, social, que participa da sociedade, transformando-a.

Dentro desse contexto de mundo do trabalho de educação de alunos da EJA, nós encontramos os imigrantes, que advindos de outros países, ingressam nas nossas escolas da EJA, procurando conhecer a língua portuguesa, aprender a falar português, e também porque muitas vezes eles não trazem de seu país de origem o documento que comprove a sua escolaridade, às vezes até eles já são profissionais formados, mas não trazem a documentação adequada ou a documentação que trazem não é aceita.

Lá na escola Silvia de Cassia Matias nós atendemos várias pessoas imigrantes e em particular eu gostaria de falar sobre um aluno que já concluiu o Ensino Fundamental e ele já foi para o Ensino Médio.

O nome dele é Stephen. Ele foi alfabetizado na nossa escola, ele aprendeu a escrever e ler na língua portuguesa.

Ele tinha alguma dificuldade de compreensão de algumas palavras, o significado de algumas palavras.

Ele precisava de ajuda para entender o significado, um enunciado de problema, numa questão de português ele precisava saber o significado da palavra. Ele não tinha o domínio completo da língua, mas era um rapaz muito esforçado.

Tinha muita facilidade com cálculos, se eu não me engano ele já era formado em alguma coisa parecida com Engenharia e o Stephen veio do país de Gana e a língua oficial de Gana é o inglês. E o Stephen falava inglês, falava um dialeto da comunidade dele em Gana, falava francês, espanhol e aqui no Brasil aprendeu a falar também o português.

Um dia conversando com Stephen na escola eu perguntei para ele o que fez você, o que motivou você a sair do seu país de origem e vir aqui para o Brasil?

E ele respondeu: Alessandra gosto de morar em lugares diferentes e ele já tinha morado em diversos países, ele arrumava emprego, conhecia cultura, conhecia a língua desse país. Passava um tempo, depois ele mudava de um país para outro e foi assim que ele chegou no Brasil.

Assim como Stephen, nós recebemos e com certeza receberemos ainda muitos outros imigrantes que chegam aqui já com uma profissão, mas que infelizmente por conta de questão burocrática eles são impedidos de trabalhar no seu ramo, na sua atividade e se sujeitam a trabalhar em empregos mal remunerados.

Nós devemos ter um olhar muito atencioso para esse aluno, para que ele se sinta acolhido. Ser incluído significa despertar no educando o sentimento de pertencimento ao local, pertencimento a escola, ao grupo e nós conseguimos isso se nós considerarmos todos os saberes que um educando imigrante traz consigo. Percebam o quanto isso é riquíssimo!

O conhecimento de um aluno que morou em outros países, que conhece todas essas línguas pode contribuir numa sala da EJA.

Não são só os imigrantes e os nossos alunos, eles são pessoas que já atuam na sociedade e a falta do estudo, não saber ler e nem escrever, não os impediram de progredir, de trabalhar, de constituir família, de frequentar a igreja, o clube.

Dentro de sua comunidade é esse divisor que envolveram muitos saberes que precisam ser considerados.

Por exemplo, um senhor que trabalhe com obras, colocando azulejos, pisos, ele tem muito conhecimento sobre área, perímetro, medidas.

Ele sabe esses cálculos e o que ele não sabe é que esse saber que ele traz consigo foi adquirido durante os seus longos anos de trabalho, são os mesmos saberes que o professor de matemática apresenta sistematizados.

Ele não fez essa relação e cabe a nós como educadores fazer com que os alunos percebam o qual é importante todo esse conhecimento que ele traz para a escola e fazer com que ele aprenda a fazer a relação entre o que ele sabe. Se o que o professor está trazendo está bom.

E isso é o que tinha para apresentar para vocês.

Espero que tenha sido útil o meu relato e agradeço muito pelo convite de participar aqui dessa formação.

Um beijo a todos!

3.3 As relações de trabalho, conquistas e desafios para garantir a proteção social

Este tópico irá tratar dos principais direitos dos trabalhadores e como eles estão garantidos pela CLT (CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO) e pela Constituição Federal, assim como com a Lei 13.467 de 2017, conhecida como Reforma Trabalhista, que trouxe mudanças importantes para a CLT.

A Consolidação da Lei Trabalhista foi promulgada pelo decreto lei 5.452 de 1943, durante o Estado Novo (1937-1945). Conhecida como a terceira fase da Era Vargas que perdurou durante quinze anos (1930-1945), este último período tem características ditatoriais, centralizado na autoridade de Getúlio Vargas e abertamente influenciado pelos regimes nazifascistas do período. É atribuída uma influência da Carta Del Lavoro, do regime fascista de Benito Mussolini na Itália. A possível influência fascista da carta não ofusca as reivindicações dos trabalhadores na época e a data escolhida para a sua promulgação (1º de Maio), mostra a tentativa da ditadura Vargas em agradar os trabalhadores e suas representações. Em resumo: a CLT abrangia um universo de direitos muito amplos, dividido em capítulos e regulando entre outras coisas:

1. CARTEIRA DE TRABALHO (IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL)
2. JORNADA DE TRABALHO (DURAÇÃO, HORAS EXTRAS)
3. PRERROGATIVAS EM RELAÇÃO AO TRABALHO DE ADOLESCENTES E MULHER
4. DÉCIMO TERCEIRO SALÁRIO FÉRIAS ANUAIS (REMUNERADAS E PROPORCIONAIS)
5. SINDICATOS
6. SEGURANÇA DO TRABALHO
7. PREVIDÊNCIA SOCIAL

Durante os anos, a CLT passou por várias emendas e alterações, até a sua reforma no ano de 2017 com o governo Michel Temer, alterando várias normativas em relação ao universo do trabalho. As mudanças introduziram alterações significativas nos seguintes temas:

1. TERCEIRIZAÇÃO
2. DURAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO E INTERVALOS
3. REGULAÇÃO DO TRABALHO INTERMITENTE PREVALECIMENTO DO ACORDO COLETIVO SOBRE A LEI (entre outros)

Uma outra mudança foi a Medida Provisória 905/19, promulgado pelo atual governo em 11 de novembro de 2019, chamado de “Contrato Verde Amarelo”. Um dos objetivos, com o intuito de aumentar a oferta de emprego era a redução dos encargos sociais, além de incentivar a contratação de jovens entre 18 e 29 anos por meio de contrato de trabalho com duração determinada. Em resumo com menos encargos para o empregador e direitos para o empregado. Esta Medida Provisória foi revogada em 2020, mas os contratos firmados durante a vigência da MP estão mantidos.

Reformas e Prejuízos aos Trabalhadores-Estudantes

Cada vez mais os trabalhadores e as trabalhadoras têm sofrido com as constantes reformas, que favorecem apenas as grandes empresas e governos. É claro, os(as) estudantes da EJA sofrem diretamente, pois a baixa escolaridade faz com que fiquem sujeitos ao trabalho precário e quase sempre sem direitos. Mudanças como a Medida Provisória 905/19, promulgado pelo atual governo em 11 de novembro de 2019, chamado de “Contrato Verde Amarelo”. Um dos objetivos, com o intuito de aumentar a oferta de emprego era a redução dos encargos sociais, além de incentivar a contratação de jovens entre 18 e 29 anos por meio de contrato de trabalho com duração determinada. Em resumo com menos encargos para o empregador e direitos para o empregado. Esta Medida Provisória foi revogada em 2020, mas os contratos firmados durante a vigência da MP estão mantidos.

A reforma da previdência é outro prejuízo, apesar de apontado como um direito social fundamental, sabemos que cada vez mais a dificuldade em obtê-lo é maior, seja pelas dificuldades em conseguir um trabalho formal, onde o empregador realize os recolhimentos dos impostos necessários, seja pelas constantes mudanças e reformas que não acrescentam benefícios e apenas os retiram, atingindo diretamente os trabalhadores, ou seja, quem mais precisa.

É comum, as escolas receberem estudantes que são encaminhados por programas sociais de reinserção ao trabalho. Pessoas que possuem algum tipo de doença laboral, desde LER – Lesão de Esforços Repetitivos, até casos de acidentes de trabalho maiores, que provocam afastamento da atividade laboral por longos períodos. Boa parte dos(as) trabalhadores(as) formais contribuem regularmente ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), pois o recolhimento já é descontado em folha de pagamento, e diante de tais situações, este serviço por sua vez, deveria assegurar o(a) trabalhador(a), mas observa-se costumeiramente até em casos graves a negação em os aposentar, mesmo com laudos reconhecidos e idôneos.

Esses estudantes geralmente são “orientados”, na verdade obrigados, a matricularem-se na escola, com o objetivo de requalificação profissional para retorno ao mercado de trabalho, vinculando o pagamento do benefício aos estudos; com controle de frequência realizado pela Unidade Escolar e perícias regulares por parte do Instituto. Considerando-se a obrigatoriedade em cumprir os estudos, muitos

chegam inconformados com as orientações impostas pelo o Seguro Social; muitos dedicaram anos de suas vidas a determinada empresa e, novamente, cabe aos educadores(as) transformarem essa situação. Na escola, os(as) educadores(as) são fundamentais nesse momento da vida desse trabalhador. Todos(as) conhecem estudantes que chegaram “obrigados” na EJA e depois não queriam mais dela sair. Isso é sem dúvida a escola cumprindo sua função social.

Perguntas de um trabalhador que lê

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?

Nos livros estão nomes de reis;

Os reis carregaram as pedras?

E Babilônia, tantas vezes destruída,

Quem a reconstruía sempre?

Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a construíram?

No dia em que a Muralha da China ficou pronta,

Para onde foram os pedreiros?

A grande Roma está cheia de arcos-do-triunfo:

Quem os erigiu? Quem eram aqueles que foram vencidos pelos césares?

Bizâncio, tão famosa, tinha somente palácios para seus moradores?

Na legendária Atlântida, quando o mar a engoliu, os afogados continuaram a dar ordens a seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou a Índia.

Sozinho?

César ocupou a Gália.

Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro?

Felipe da Espanha chorou quando sua armada naufragou. Foi o único a chorar?

Frederico 2º venceu a Guerra dos Sete Anos.

Quem partilhou da vitória?

A cada página uma vitória.

Quem preparava os banquetes?

A cada dez anos um grande homem.

Quem pagava as despesas?

Tantas histórias,

Tantas questões.

Berthold Brecht, 1935



Territórios – Contribuição Professora Coordenadora Pedagógica Ângela Carvalho

Olá colegas, espero que todos estejam bem!

Meu nome é Ângela Carvalho atualmente sou coordenadora na escola José Maurício de Oliveira. Vou trazer para todos uma reflexão sobre o eixo do Mundo do Trabalho, que é muito importante para nós que trabalhamos na EJA.

Recentemente nós passamos pelas alterações da legislação trabalhista e da previdência, e isso impacta diretamente no nosso dia a dia, tanto para nós profissionais, como para os alunos, que é o nosso público da EJA.

Nós tínhamos no Brasil leis que garantiam muita segurança para o trabalhador, e mesmo assim, nós temos relações de trabalho muito precarizadas. Agora, com essas alterações, houve diminuição do acesso à justiça, assim como, o enfraquecimento das classes sindicais que sempre preservavam e ampararam o trabalhador em seus atritos de relação trabalhista. Vale dizer, que tanto nas reformas trabalhistas como nas previdenciárias, não fizeram debate junto a sociedade para que pudessem preservar os direitos que os trabalhadores tinham.

A nossa CLT, por exemplo de 1943, nela nós temos uma série de garantias para o trabalhador e inclusive nós tínhamos, acesso à justiça mais fácil, o que já não acontece atualmente. O que nos vemos nas leis trabalhistas, é que nós temos os acordos entre as partes, que elas se sobressaem a legislação e nem sempre esse acordo sai da forma justa, porque nós estamos sempre falando daquele que detém o capital econômico e do trabalhador.

Então, pensando na EJA, é importante nós em nosso planejamento, além de estarmos preocupados com a alfabetização com o aluno, com aquela formação necessária para os alunos do ciclo II, nós trazemos essas questões que são sociais e que são muito importantes para a cidadania desses alunos. E cabe a nós educadores sempre estarmos fomentando as reflexões desse tema e trazendo para os alunos em sala de aula as reflexões, que possam tratar sobre a economia solidária, empreendedorismo a questão da legislação, sobre que possa proteger e resguardar o direito deles.

Eu gostaria muito de estar encerrando com vocês lendo uma frase de Paulo Freire, e que este tem que ser nosso objetivo para que a gente consiga alfabetizar, educar e letrar os nossos alunos da EJA.

“Educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas e as pessoas transformam o mundo”.

Muito obrigada!

ATÉ QUANDO ESPERAR

Plebe Rude

Não é nossa culpa nascemos já com uma bênção

Mas isso não é desculpa pela má distribuição

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração?

Até quando esperar?

E cadê a esmola que nós damos

Sem perceber?

Que aquele abençoado

Poderia ter sido você

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração?

Até quando esperar a plebe ajoelhar

Esperando a ajuda de Deus

Posso vigiar teu carro, te pedir trocados,

Engraxar seus sapatos?

Não é nossa culpa nascemos já com uma bênção,

Mas isso não desculpa pela má distribuição

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração?

Até quando esperar a plebe ajoelhar

Esperando a ajuda de Deus

Até quando esperar a plebe ajoelhar

Esperando a ajuda de um divino Deus

3.4 Escola e trabalho: em busca de conciliações para as(os) estudantes da EJA Trabalhadores-estudantes: acolher a cada retorno

Será que é possível, a partir da escola, se mensurar o quanto o emprego e principalmente, a falta dele, impacta na vida dos estudantes da EJA? As questões ligadas ao trabalho e emprego influenciam diretamente a vida dos trabalhadores-estudantes da nossa EJA, os quais pertencem a camada social que mais sofre com crises econômicas, na qual a baixa escolaridade torna-os altamente vulneráveis. Muitos são dependentes de programas sociais governamentais insuficientes e cada vez mais distantes de quem mais precisa, fazendo com que tenham no subemprego uma alternativa para sua sobrevivência e de sua família.

‘Sobreviver’. Essa é a expressão correta para esses trabalhadores-estudantes, que vivem com subempregos, sem salários dignos e direitos trabalhistas, aliás direitos esses que foram podados a todos trabalhadores, assim como o Ministério do Trabalho que no governo brasileiro atual (2019-2022) foi entendido como desnecessário, projetando, assim, uma tendência maior de precarização dos empregos para o futuro.

Quando fala-se que o estudante desistiu novamente e abandonou a EJA por causa do trabalho, talvez o correto a dizer seria que estes não desistem, mas precisam se afastar para trabalhar porque entre estudar, comer e alimentar os filhos, não há concorrência. É de conhecimento que eles retornam várias e várias vezes, por isso, caracterizar como desistência, não seria o mais justo, talvez o mais correto, seja ter a compreensão de períodos de afastamento em virtude de sobrevivência.

Por isso, quando ouvir: “professor o Fulano não vem mais porque arrumou um ‘bico’”. Definitivamente não é porque a escola é menos importante, mas porque este estudante não tem escolha. É para esse indivíduo que se deve dispor nossa compreensão, fazendo com que ao retornar não seja visto como “Voltou de novo”; “Nossa, quantas vezes ele já desistiu!”. Mas, pelo contrário: “Que bom, que você conseguiu voltar!”. Afinal, na Educação de Jovens e Adultos não se pode esquecer, em nenhum momento: **a escuta ativa e o olhar atento sempre!**

Escravidão Contemporânea

A definição de escravidão contemporânea passa pelo entendimento de duas importantes condições: o trabalho quando considerado degradante ou exaustivo, conjugado (ou não) com o cerceamento da liberdade. Essa definição encontra-se no Código Penal Brasil, no art. 149, resumido como “reduzir alguém a condição análoga a de escravo”.

No Brasil, a definição de escravo e em todo sistema que o estruturava,

esteve associada ao direito de propriedade de uma pessoa sobre a outra. A Lei Áurea em 1888 aboliu a escravidão no Brasil ou o direito de propriedade de uma pessoa sobre a outra. Entretanto, formas de escravidão permaneceram e, ainda permanecem no Brasil, sob a condição de “trabalho análogo a escravidão” e é por isso a preocupação de tipificar este crime no Código Penal Brasileiro.

A caracterização do trabalho degradante se estabelece em uma das seguintes situações ou combinadas: alojamento precário, falta de assistência médica, péssima alimentação, falta de saneamento básico e de higiene, maus tratos e violência, ameaças físicas e psicológicas e jornada exaustiva. No caso, é a negação de dignidade ao trabalhador em seu local de trabalho. Por outro lado, a privação de liberdade se configura em uma das situações a seguir: dívida ilegal, servidão por dívida, isolamento geográfico, retenção de documentos, retenção de salário, maus tratos e violência, ameaças físicas e psicológicas, encarceramento e trabalho forçado. Essas configurações do trabalho escravo são consideradas também formas de violação de direitos humanos.

O Brasil é signatário de duas importantes convenções (a 29 e a 105) da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que tratam da eliminação do trabalho obrigatório e forçado em todas as suas formas. A mais antiga é de 1930, ratificada pelo Brasil e pelos poderes constituídos na época, por isso tipificado como crime no Código Penal Brasileiro em 1940.

Os últimos dados do Ministério Público do Trabalho, de 2020, mostram que de 227 estabelecimentos investigados, em 111 houve a configuração de trabalho escravo com 1054 pessoas resgatadas, sendo que a maioria dos casos se concentravam no meio rural.

Por último, conforme Silvio Almeida (2019), é necessário pensar que a conformação social e as articulações econômicas que são assumidas no modo capitalista, pode admitir outros desenhos jurídicos para o trabalho com objetivo de controle e maximização dos lucros. Logo, a existência de formas de escravidão moderna, conjugados com outras formas cruéis de exploração do trabalho é admitido no capitalismo, até mesmo em países em que há predominância de trabalho assalariado.

Uberização e Empreendedorismo: conteúdos na EJA atual

A reflexão aqui proposta é sobre as mudanças que vêm ocorrendo no mercado de trabalho como, por exemplo, a uberização e a questão do empreendedorismo, e olhar para como isto influencia os trabalhadores-estudantes da EJA, pensando como tais temas podem se tornar conteúdo na escola.

A globalização, a terceirização do trabalho e o desenvolvimento acelerado

da tecnologia, trouxeram grandes mudanças no mundo do trabalho. Uma nova organização de trabalho vem atraindo milhares de desempregados, esta modalidade de gestão empresarial denominada de uberização, o termo procedente da empresa “Uber”. Diferente dos métodos tradicionais de trabalho por contrato, o regime jurídico e de contratação são flexibilizados e as relações de empregado e empregador são controladas pela demanda, tornando um novo modelo de trabalho informal.

Considerando-se dados do desemprego no Brasil, que segundo o IBGE atingem 12,4 milhões de pessoas e o cenário atual devido a pandemia que amplia as preocupações em relação ao trabalho formal, as pessoas cada vez mais buscam alternativas de trabalho para seu sustento e de sua família, sendo nessa forma de trabalho a maneira que encontram para sobreviver e gerar renda.

Mas, o problema é que a uberização leva a precarização do trabalho, pois não há regulamentação e o trabalhador informal deixa de ter seus direitos trabalhistas garantidos, tais como: estabilidade, salário fixo, horário de trabalho fixo, garantias trabalhistas da CLT, remuneração por hora extra, entre outros.

A empresa (ou o aplicativo) é quem realiza a conexão entre o trabalhador e o cliente, retira parte da “venda”, ou seja, a tarifa paga pelo cliente e o trabalhador é responsável pela disposição de sua força de trabalho e pelos custos do bem utilizado (manutenção do carro, moto ou bicicleta, combustível, seguro e impostos). O controle da “qualidade”, satisfação com os serviços prestados, ocorrem em um sistema de estrelas.

O trabalhador tem a “ilusão” de liberdade do trabalho, ou seja, de ser um empreendedor, entretanto o controle do modo e da realização do trabalho é efetivado de diversas maneiras, como por intermédio das avaliações dos usuários de serviço, podendo ocorrer o desligamento da plataforma daquele trabalhador que venha a ter uma má avaliação ou alguma reclamação sobre o trabalho prestado, e também através do controle do tempo de trabalho, que se dá com a inicialização do aplicativo, disponibilizando vantagens àqueles que obtiverem mais corridas. Tendo ainda, a concorrência acirrada entre as empresas do setor, é novamente o trabalhador quem sofre, pois reduzem as tarifas para aumentarem e/ou manterem a clientela, fazendo com que o ganho mensal seja menor e o trabalhador precise trabalhar mais e mais.

Segundo Arroyo (2017), o trabalho informal triplicou, enquanto o trabalho formal diminuiu e os dados apontam que os jovens e adultos, estudantes da EJA certamente estão entre esses, que ajudaram a triplicar o trabalho informal e não se incorporaram ao trabalho formal pela diminuição da oferta de trabalho. Sobrevivem dos subempregos, de um viver provisório sem prazo. Esses trabalhadores-estudantes que chegam à Educação de Jovens e Adultos acreditando serem culpados pela falta de uma vaga de trabalho formal, devido sua baixa escolarização, precisam entender, e isso é papel da escola, levá-los a reflexão e compreensão, que definiti-

vamente não são culpados, mas sim, vítimas, pois o desemprego muitas vezes responde a lógicas estruturais do sistema em que existir a figura do “desempregado” é fundamental para mais precarização do trabalho.

Muito se fala em empreendedorismo, assunto que faz parte das conversas nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, inclusive com projetos desenvolvidos em muitas unidades escolares. Contudo, o tema suscita reflexões.

É importante compreender que existem duas correntes que abordam o empreendedorismo, uma é a econômica que surge em meados do século XVII e foi fortemente difundido pelo economista Richard Cantillon banqueiro e capitalista. E a outra é a comportamental, destacando-se a importância de David C. McClelland, psicólogo norte-americano inspirado em Max Weber que identificou em sua pesquisa uma característica no ser humano o que chamou de “motivação para realização”. Ele apresentou uma teoria que explicaria o impulso humano ao empreendedorismo, chamada de “força motriz” da motivação empreendedora, pois até então se pensava no empreendedor como indivíduo que nascia com essa característica e certamente se tornaria um empresário. Até aqui, compreendemos que todos(as) podem empreender, que isso não nasce com a pessoa e sim que através de uma motivação podem tornar-se um(a) empreendedor(a).

As questões que seguem agora são: como utilizar o empreendedorismo para tornar esses(as) estudantes mais encorajados, dinâmicos, sem perderem a clareza de toda condição econômica e social e sem perderem a clareza sobre seus direitos? Compreendendo a importância das lutas e resistências da classe trabalhadora? Que o empreender, da maneira como vem sendo propagado, é na verdade uma conveniência econômico-social que facilita uma gestão pública descompromissada na geração de trabalho e renda com seus cidadãos?



Embora no senso comum, o empreendedorismo esteja mais relacionado ao mundo empresarial e aos negócios, ele vai muito mais além, envolvendo ações organizadoras na vida dos(as) estudantes de uma forma abrangente e colaborativa,

onde o empreendedor pode e deve contribuir para melhoria de sua vida e da comunidade em que está inserido, desenvolvendo líderes e motivando jovens e adultos a tornarem-se mais engajados.

Possibilitar a realização de projetos sobre empreendedorismo, é antes de tudo compreender e valorizar a interdisciplinaridade. Esses projetos podem propiciar conversas sobre sonhos pessoais e profissionais e possibilitar o desenvolvimento de habilidades necessárias para a vida como: planejar, buscar informações, estabelecer objetivos, ser persistentes, autoconfiantes, protagonistas. Promovem ainda a reflexão sobre os problemas da comunidade e da humanidade, onde os(as) estudantes sejam parte das soluções é uma premissa empreendedora.

O(A) estudante da EJA deve compreender e colaborar nas soluções de problemas da escola, entender a importância de espalhar seu conhecimento para outros(as) colegas, turmas e até mesmo fora da instituição e se perceber como corresponsável pelo mundo em que vive, se sente desafiado a ir além, a encontrar soluções criativas para problemas reais e a inovar.

Isso não significa que este jovem ou adulto sairá da escola e abrirá ou não sua própria empresa, mas que ele(a) seja capaz de compreender criticamente a ideologia neoliberal por trás dessas tantas propagandas como: “Seja o dono de seu próprio negócio!”. Podendo de maneira realista ter direito a escolha pelo que realmente é importante para sua vida, compreendendo a realidade que vive e transformando-a.

E o Quadro de Saberes Necessários

O QSN dedica um eixo de aprendizagem para o tema intitulado: “O educando e o mundo do trabalho”. Olhando, agora, para o primeiro parágrafo, se tem uma visão ampla do tema:

O Mundo do trabalho não significa apenas a profissionalização ou o labor, mas objetiva também a construção de ações que façam com que o ser humano se realize em busca do seu projeto de vida, abrindo novas possibilidades e perspectivas que, segundo Gadotti (2009), superem a visão fragmentada dos saberes e articule o saber científico com os saberes técnico, artístico, filosófico, cultural etc., de maneira interdisciplinar, transdisciplinar, multidisciplinar, intertranscultural e transversal. (QSN EJA, 2019, p.17)

Verifica-se neste primeiro momento, que se associa o mundo do trabalho a um conceito abrangente e associado com a ideia de uma educação integral, em que as ações humanas, cristalizadas pelo entendimento mais abrangente da ideia de trabalho, tem o potencial de desenvolver todas as potencialidades humanas.

Salienta ainda, a necessidade de não só trabalhar a categoria de maneira específica, mas também mais abrangente e articulado em diferentes abordagens metodológicas. Também salienta a concretização da cidadania por meio do acesso ao mercado de trabalho com todos os cuidados, críticas e reflexões que possam vir a ser utilizados, para conduzir ao bem-estar e a humanização dos educandos. Como se pode verificar no parágrafo abaixo:

Dentro dessas mediações, que possuem relação direta com o contexto escolar mais amplo e mais específico, o mundo do trabalho aparece como um tema central dentro da relação entre educação e trabalho – tema ao qual nos dedicamos e entendemos como eixo estruturante da EJA, na medida em que permite a leitura e a compreensão da razão do exercício da cidadania em uma sociedade cujo trabalho alienado está ligado ao processo educacional mais amplo. (QSN EJA, 2019 p. 17)

Como eixo estruturante para a prática pedagógica, entende-se que o vínculo entre direitos da educação e do trabalho, possibilita aos educandos acesso a outros direitos, ainda mais fundamentais: os direitos humanos. Segundo Arroyo (2017, p. 50), a ideia de ser trabalhador tem o potencial de aumentar a consciência cidadã, devido a tantas questões levantadas pelos direitos do trabalho, o sujeito pode elevar sua visão ao nível maior da coletividade e do estado político sob o qual vive.

Por fim, a parte do texto que encerra a apresentação no QSN do eixo Mundo do Trabalho, destaca-se pela ligação com a questão cultural e com a autorrealização do indivíduo que o trabalho pode provocar. Tem-se, portanto, um momento de aproximação da educação e da cultura através do trabalho. Como pode ser verificado no trecho abaixo:

Desse ponto de vista, procuramos, a partir desse eixo, ler e compreender as relações entre educação, cidadania e trabalho, entendendo que dessa relação resulta a formação das diversas identidades dos sujeitos, as quais se manifestam em suas atividades culturais. Cultura aqui é entendida como toda produção humana intencional com vistas ao cultivo de determinada prática social e significativa. Daí entendermos o trabalho como atividade humana autorrealizadora, que pode ser alienante ou não, pois, ao fazermos nosso trabalho, também somos feitos por ele. (QSN EJA, 2019)

Como foi visto em trechos apresentados, além de auxiliar na busca de um lugar no sistema socioeconômico e a busca pela cidadania, a proposta do QSN, ainda cita o papel do trabalho na identidade cultural dos sujeitos. É importante destacar uma das características do ambiente escolar, e de destaque na EJA: a interação entre culturas.

Cultura, por vezes é concretizada pelo trabalho, a qual pode ser verificada claramente em alguma forma de vestir, falar, comer; algum costume presente na conduta

do sujeito e que tem agora na EJA lugar de sua expressão. Segundo Ribeiro (2015), a escola é uma instituição cultural, e a ideia de trabalho é importantíssima para se entender o conceito de cultura e de educação, pois é por meio do trabalho que o homem projeta suas inter-relações, atitudes, cria laço com instituições e nos seus conhecimentos. Neste contexto, cultura, trabalho e a educação estariam sempre ligados.



Territórios – Contribuição Coordenador de Programas Educacionais Alexandre Coutinho

Olá sou Alexandre Coutinho, sou professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e atualmente Coordenador de Programas Educacionais junto a Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos e hoje eu vim compartilhar aqui com vocês algumas reflexões sobre a relação da EJA com o mundo do trabalho!

Eu acredito como profissional da educação, que a melhor forma de contemplar um tema é colocar um exemplo prático. Vamos para o caso do mundo do trabalho, através de uma história pessoal, unindo trabalho e história socioeconômica do país.

A família da minha mãe veio no começo da década 60 para o Rio de Janeiro saindo do interior semiárido do Nordeste brasileiro. Lá anos depois casou-se e foi morar em São Paulo devido as oportunidades de emprego para o novo casal. É um pouco da história de muitos brasileiros que em grande fluxo saíram de sua terra natal e se deslocavam para os grandes centros urbanos em busca de oportunidades. Ainda hoje na EJA vemos casos semelhantes.

Minha mãe de vez em quando vem expor suas memórias, que tal jornada não possibilitou a oportunidade do estudo na infância e adolescência, nos cursos formais do fundamental e no médio.

Ela narra sua luta por acesso ao emprego e ao reconhecimento social, através das formas de educação de jovens e adultos da década de 60, e como esta perseverança pela sua formação possibilitou, anos depois, passar em concurso público e tomar posse no emprego que iria se aposentar. Tal emprego possibilitou o investimento necessário, ao que iria se tornar o primeiro imóvel de família e uma maior tranquilidade para seus filhos, para se dedicarem ao estudo e ao trabalho, até chegar a um curso superior.

Eu formado, professor, depois de anos de experiência em outras modalidades de educação, agora eu posso ter contato com a história de minha mãe, através da história de parte dos educandos da EJA onde leciono.

Desta motivação, perseverança, do brilho do olhar dos estudantes da EJA. Buscam dias melhores, de reconhecimento, oportunidades para o emprego, para simplesmente oferecer aos seus, uma vida melhor e a realização de parte de seus sonhos.

Pude verificar diante da área que leciono, Natureza e Sociedade, que contribuo sobre a ideia do mundo do trabalho ao educando. Desde uma discussão geral sobre trabalho, até as particularidades sobre emprego no mundo de hoje. Conversando com os meus colegas professores pude notar que eles constantemente tratam também desse eixo estruturante.

Nas ações integradas com a coordenação e corpo docente, pude desenvolver projetos que tratassem sobre esse tema. Podendo chegar a oferecer oficinas e palestras visando enriquecer o debate sobre o assunto, como mercado de trabalho e leis trabalhistas. Tendo depois de uma avaliação de educadores e educandos a ideia do que teve êxito e o que precisava ser incluído e ou melhorado.

Como vimos naquele momento, vários outros temas puderam também ser levados aos estudantes, como a própria cidadania e o senso crítico, no sentido da busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

No final da aula, as vezes eu arrumando minhas coisas, um educando vinha contar sua história de luta, sua rotina de trabalho, estudo e suas questões particulares. Eu ouvia e o motivava, e este simplesmente dizia:

Vamos lá professor! E isto servia também como um motivador do meu trabalho!

E aprender com a determinação destas pessoas, todo o seu empenho para o trabalho a nos alimentar a alma. Em seguir em frente, mesmo com as dificuldades, que as vezes se sobrepõem! Mas, me lembro nessas horas da jornada de perseverança da senhora do começo da nossa conversa e daquele educando dias atrás me dizendo: Vamos lá professor!

Grato aos coordenadores e professores que puderam me ajudar a minha formação e trilhar este caminho!

Agradeço a oportunidade por este momento de reflexão!

Um abraço, se cuidem!

Até mais.

Contribuições das(os) Educadoras(es) nos Fóruns



Na Educação de Jovens e Adultos acolhemos todos os alunos, inclusive alunos estrangeiros, pois a diversidade faz parte da educação emancipatória, da nossa trajetória e nossas ações da unidade escolar. Na acolhida deste educando, desenvolvemos reflexões e conscientização da origem, cultura e respeito as diferenças, fomentando a inclusão deste em nosso meio, bem como, trazendo suas trajetórias para conosco, valorizando assim a aprendizagem de todos. As práticas são sempre desenvolvidas a partir destas intenções significativas para nossos educandos, onde conseguem estabelecer uma visão crítica emancipatória de sociedade local, territorial e de mundo! Obrigada! PCP Valeria Vieira Costa

É muito comum aparecer a frase: “alunos críticos e conscientes de seu papel na sociedade”, quando algum educador é questionado sobre os objetivos de seu trabalho. A escola necessita estar conectada as situações do cotidiano e as necessidades dos alunos jovens e adultos. E o professor no papel de mediador do conhecimento,

precisa auxiliar o educando a compreender que é o agente construtor do seu próprio conhecimento, para que se torne um cidadão crítico e reflexivo. E que ao se deparar com as adversidades que a vida apresenta, saiba se posicionar através de argumentos plausíveis, sem que precise simplesmente aceitar as imposições alheias porque foi assim desde sempre. Prof.^a Andrea Vacarella

Sim, ensino crítico e reflexivo sempre! Como estudamos, a EJA constitui o trabalho pedagógico para a liberdade e para a ruptura das limitações impostas pela alienação, por meio da promoção da análise e da reflexão do indivíduo perante as condições significativas de sua realidade. O papel do professor é destacar a curiosidade, indagar a realidade, problematizar, transformar os obstáculos em dados de reflexão para entender os processos educativos relacionados com seu tempo, sua história e seu espaço. Prof.^a Cristiane Aparecida Marcondes

A reflexão e a compreensão são aspectos básicos na construção do conhecimento. Mas, a tarefa não é tão simples quanto parece, pois a apropriação do conhecimento é intrínseca e envolve motivação, interesse, cultura, envolvimento e parceria. A construção do conhecimento é coletiva e complexa. Dessa forma, “dar o conteúdo” como frequentemente ouvimos, de maneira genérica e global sem considerar os saberes do educando, suas histórias, sua cultura, seu contexto, seu entorno, não garantem a reflexão crítica e a emancipação. O conteúdo de fato é fundamental, afinal para ser crítico devemos ter uma base do conhecimento historicamente acumulado, porém esse conhecimento deve ser construído com a participação do aluno, com base em um projeto político-pedagógico que leve em consideração todos os aspectos socioculturais do aluno e da comunidade. Então, aspectos como criticidade e reflexibilidade são dependentes de inúmeras variáveis, e não é simplesmente uma aula ou determinada estratégia do professor que garantirá esse resultado por parte do aluno, mas um conjunto de fatores relacionados pela forma de fazer educação e escola, pois o aprendizado e a reflexão se dão em todos os momentos, sejam eles formais ou informais e já está bem documentado que os aspectos informais ou ocultos são determinantes na formação do educando. Concluindo, para se alcançar a criticidade e a reflexibilidade é necessário organizar uma escola democrática e participativa, em que todos os membros da organização tenham voz e vez, e o alunos seja de fato reconhecido como sujeito de direito e tenha sua participação como base na construção do conhecimento. Prof. Willian Santana





Eu acredito ser extremamente importante desfazer todo e qualquer processo de alienação, seja em relação ao emprego ou mundo do trabalho, seja sobre direitos e deveres do cidadão em sociedade. E para que isso ocorra é necessário haver muito debate e posicionamento sobre os andamentos das diversas situações. Colocar o panorama, refletir sobre sua existência e debater saídas ou soluções. Colocando o aluno como ser pensante e atuante sobre as demandas sociais. Podemos fazer isso de maneira interdisciplinar ou com a realização de projetos dentro da escola, onde o olhar reflexivo, questionador e solucionador seja um objetivo de aprendizagem. De forma que o educando se sinta um indivíduo importante para a sociedade, coisa que ele é e muitas vezes são negadas a eles como cidadãos.
Prof.^a Fabiana Lopes Rodrigues

Um cidadão crítico, reflexivo, atuante em sua sociedade, conhecedor de seus direitos/deveres e conhecedor das legislações que regulamentam a convivência em sociedade e o mundo do trabalho, é tudo o que uma escola com seus educadores almejam para que todo esse papel que desempenham, nesta caminhada, tenha total sentido e significância. Não vejo sentido se for algo diferente disso, pois a escola e todos os atores envolvidos, deixariam de ter a exata importância na razão de sua existência, passaria a ser tão somente uma peça de teatro ou mais um capítulo de novela. Prof. Celso Miranda

A princípio temos que entender e nos colocarmos como iguais aos educandos, como trabalhadores que também necessitam estar em constante aprendizado e luta contra um sistema que privilegia o capital em detrimento do humano. A partir daí, dialogando, podemos propor uma reflexão sobre seus direitos, deveres e como buscá-los no dia a dia. Em muitos casos, pessoas trabalham em regime de quase escravidão e não percebem. Mulheres e negros igualmente capazes, ganham menos do que homens e brancos. Em outros casos, essa alusão é mais sutil, mas também acontece. Esse trabalho de reflexão por parte dos alunos deve passar pela questão da consciência de classe, sendo assim um trabalho muito amplo, pois é comum vermos pessoas que são muito exploradas e que ainda protegem seus patrões. Uma boa maneira de mostrar essa luta é através das reflexões antes e depois das greves que comumente acontecem ao longo dos anos. Quando sentamos, explicamos a situação e mostramos aos alunos o porquê de fazermos greves e ainda participar dos atos de protesto, conseguimos abrir os olhos de muitos deles para que entendam a necessidade da busca por melhores condições de trabalho. Neste sentido digo que não basta anotar e explicar na lousa, e sim ser exemplo para que eles reflitam criticamente o que deve ser feito. Prof. Antônio Eduardo Gomes Germino

A VIDA É LOKA

Sérgio Vaz

Esses dias tinha um moleque na quebrada
Com uma arma de quase 400 páginas na mão.
Uma minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.
Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de tanto ler no ônibus.
Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas.
Depois saíram vomitando versos na calçada.
O tráfico de informação não para, uns estão saindo algemado aos diplomas depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria.
As famílias, coniventes, estão em êxtase.
Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias e desempregando os Datenas.
A Vida não é mesmo loka?

Referências

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo, Sueli Carneiro, Pólen. 2019

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a vida justa** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BOGUS, L. et al. **Metropolização, governança e direito à cidade: dinâmicas, escalas e estratégias**. São Paulo : EDUC : PIPEq, 2020

BORGES, A. C. M. et al. **Signos e significados - identidade, urbanização e exclusão**. São Paulo, Navegar, 2014

CARREIRA, Denise; et al. **A EJA em Xeque: desafios das políticas de educação de jovens e adultos no século XXI**. São Paulo: Global, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUARULHOS. **Quadro de Saberes Necessários: Educação de Jovens e Adultos**. Secretaria de

Educação. 2019.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1989

NORONHA, A. de V. **Guarulhos – cidade símbolo 1560-1960**. s/ed. Guarulhos, 1960.

OLIVEIRA, E. S. de. **Origens da Presença Negra em Guarulhos**. São Paulo, Noovha América. 2013

OMAR, E. (org.). **Guarulhos tem história: questões sobre história natural, social e cultural**. São Paulo: Ananda, 2008.

PLENS, C. **Projeto de Inventário e Pesquisa Arqueológica de Guarulhos (PIPAG)**. Guarulhos, Unifesp. 2015

RANALI, J. **Cronologia guarulhense**. Guarulhos, s/e., 1986.

RAÍSA, Fabris de Souza. **Uberização: da Revolução no Mundo Capitalista à Evolução Das Novas Formas de Trabalho Humano**. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-do-trabalho/uberizacao-da-revolucao-no-mundo-capitalista-a-evolucao-das-novas-formas-de-trabalho-humano/> acesso em 06 de Ago/2020.

RIBEIRO, Patrícia M. Cultura, **Trabalho e Educação**. Revista Online FacMais. Inhumas, GO: 2015. Disponível em: http://revistacientifica.facmais.com.br/wpcontent/uploads/2015/08/artigos/cultura_trabalho.pdf acesso em 29/07/2020.

Tatyane Mendes. **O que é a uberização do trabalho e qual o impacto dela?** São Paulo. 02 jul de 2019. Disponível em <https://www.napratica.org.br/o-que-e-a-uberizacao-do-trabalho/> acesso em 06 de Ago/2020.

CAPÍTULO 4

A Tecnologia na Educação de Jovens e Adultos

Neste capítulo será apresentado o tema Tecnologia na Educação de Jovens e Adultos. Propõe-se a reflexão sobre o tema na constituição do cidadão hoje em dia. Inicia-se com reflexões iniciais sobre a Tecnologia, compreendendo o significado do termo, relacionando-o com o modelo de sociedade atualmente, seus conflitos e sua influência no sistema econômico capitalista. Da ideia do avanço da humanidade, de sua manutenção e modelos de sociedades, até as críticas efetuadas a vários reflexos de seu uso intenso, como o exemplo de uma forma de alienação da sociedade e impactos ambientais pela demanda de recursos naturais e descartes de resíduos. Será abordado, conforme o QSN em seu eixo estruturante intitulado: “O Educando e as Tecnologias”, a questão das tecnologias de informação e a sua estruturação na comunicação contemporânea, influenciando praticamente todas as classes sociais, de modos distintos. Será realizada uma análise de como a Educação de Jovens e Adultos se encontra diante de tais desafios e como a escola pode auxiliar na formação de um cidadão consciente dos desafios de um mundo em constante mudança nas fronteiras da ciência e da tecnologia. Para finalizar, será realizada uma reflexão sobre o papel das tecnologias de informação e comunicação na sala de aula, sob um posicionamento crítico acerca do seu apego e uso exagerado. Importante viabilizar acessos, como também a construção da aprendizagem para o discernimento do sujeito frente a uma sociedade mais tecnológica, sem ignorar o que a pandemia COVID – 19 ensinou e tem ensinado, diante dos desafios impostos, inclusive no uso das tecnologias de informação, como mais um item no contínuo ensinar e aprender.

4. 1 Tecnologia: conceitos e impactos na economia e sociedade

Em um trecho do filme “Tempos Modernos”, lançado em 05 de fevereiro de 1936 em Nova Iorque, com direção, roteiro e produção de Charlie Chaplin se evidencia o uso da tecnologia disponível na época diretamente ligada a padronização do trabalho e aumento da produção. A cena mostra esteiras e engrenagens que fazem com que o trabalho seja ritmado e acelerado pelo toque “mágico” de máquinas, alavancas e sirenes. O empregador por meio de um capataz controla o trabalho e a velocidade de execução por parte dos trabalhadores por meio de televisores. O trabalhador como parte da “engrenagem” é marcado pelo ritmo da máquina, quase não mais se diferenciando dela. Essa é uma das cenas que mais provocam reflexões

sobre a tecnologia e seus impactos na humanidade e é interessante refletir sobre seus emblemas quase 100 anos depois.

Verifica-se geralmente quando se fala deste tema, Tecnologia, a menção em primeiro lugar do conceito de técnica. Técnica seria um grupo de regras para fazer algo determinado ou conseguir chegar a fins estabelecidos. Tal ação sempre acompanhou o homem e é um grande exemplo que o distingue de toda a natureza e outros seres vivos, já que pede inteligência e criatividade. A técnica não é usada apenas para designar o aprimoramento de um determinado uso de material, mas será usada também para qualquer forma de melhora de conduta para satisfazer determinados propósitos, como a técnica de oratória e da prática esportiva, por exemplo. Uma primeira definição de tecnologia se refere ao estudo das técnicas, principalmente envolvendo o uso de materiais. É o seu estudo sistemático, ligado a ferramentas, instrumentos, máquinas e da energia, empregada nas atividades que se relacionam com o trabalho humano.

A palavra Tecnologia abriga múltiplos sentidos e é usada em contextos bastante abrangentes. Na sua relação com o homem, ela, muitas vezes foi determinante, servindo como causa para mudanças de comportamentos, assim como foi também determinada, tendo a humanidade interferida e atuada para a sua progressão e inovação. É interessante observar circunstâncias em que esses dois sentidos para a tecnologia na sua relação com a humanidade (determinante e determinado) modelaram o papel da ciência e da tecnologia e a sua relação com a sociedade, produzindo o paradigma da inovação tecnológica permanente. É inegável que o uso das tecnologias determina a trajetória da humanidade. Mudando rumos da civilização, ligada aos vários propósitos humanos como o desenvolvimento da ciência e nossa visão do universo, a saúde humana e a longevidade, a produção de alimentos, a construção de armas, inclusive as de destruição em massa, os bens de consumo e os modelos de vida que os exaltam, a produção de manufaturas, a vida nas regiões metropolitanas, o sistema de transporte, a produção de energia, o progresso sem precedentes nos dias atuais, na informação e na comunicação através da informática, etc.

Possivelmente, até o advento do século XVIII, a tecnologia não havia experimentado um período de tão grande progresso e aceleração. A Revolução Industrial é um fato destacado para o rápido avanço tecnológico em que a produção em série, em grande quantidade, com uso das máquinas é o aspecto mais marcante.

A partir da introdução da máquina no processo produtivo, inicialmente movida a carvão e depois a eletricidade e empregando inicialmente o ferro e depois o aço; tal estágio é caracterizado pelo surgimento do paradigma industrial, destacando-se as funções criar e inovar a partir da função de produzir. Do artesanato, perpassando pela manufatura, chegando a maquinofatura, o processo de industrialização seria o responsável pela geração das novas tecnologias e a sua utilização em larga escala, criando uma íntima relação entre os progressos tecnológico e econômico.

Ao implementar a produção e o consumo de massa, tem-se o contínuo desenvolvimento de métodos e materiais para alavancar a produtividade e o lucro maior no sistema econômico capitalista. Não se pode deixar de admirar o que a capacidade humana foi capaz de produzir através da tecnologia, concomitante em que se critica o custo em termos ambientais, a exploração do ser humano, e o uso perverso e contra a própria civilização, como a seguir.

A guerra como paradigma de inovação tecnológica

As guerras, as batalhas entre os povos, comunidades e grupos através da história ajudaram a consolidar uma forma de desenvolvimento da tecnologia em que a humanidade se coloca como sujeito e objeto das experimentações. A guerra gerou inovações nas mais diversas áreas. A necessidade impulsionou a criatividade das pessoas, mobilizando recursos humanos e financeiros para as inovações impressionantes, como por exemplo o que foi pesquisado e desenvolvido pelo Projeto Manhattan que, entre os anos de 1940 e 1946, desenvolveu as primeiras pesquisas para o uso de energia nuclear, que desencadearia na criação das primeiras bombas atômicas usadas na Segunda Guerra Mundial (1939-1946).

O paradigma da inovação tecnológica em contexto de guerra fez surgir objetos, produtos e dispositivos que permanecem em uso até hoje. Alguns são utilizados no dia a dia, encontrados no mercado para o consumo mais pacífico. Outros, porém, continuam voltados para a manutenção de hegemonias ou contestações dessas; usados para o comércio global de armas; utilizado em conflitos regionais ou globais e na maioria das vezes, como efeito colateral, a produção em larga escala de mortos e corpos mutilados. As grandes guerras do século XX podem servir como exemplo para este paradigma, mas outros conflitos também são exemplares desta relação íntima entre tecnologia, humanidade e guerras:

- No final do século XV. Descoberto pelos chineses durante a dinastia Han, a pólvora passa a ser usada na Europa a partir do século XIV no comércio marítimo e nas grandes navegações. Mudaria as batalhas e guerras a partir do seu uso como tecnologia militar.
- Guerras Napoleônicas (1807-1814). Foram utilizadas as Linhas de Torres Vedra, um dispositivo territorial militar instalado pelos ingleses que estabelecia contato através de telegrafia óptica. Impediu o avanço das tropas napoleônicas em Lisboa.
- Na Primeira Guerra Mundial (1914–1919), ocorreu o desenvolvimento de várias tecnologias (Foram utilizados metralhadoras, fuzis, tanques de guerra, aviões que foram adaptados para guerra, submarinos, gases tóxicos: gás de cloro, gás de mostarda, gás lacrimogênio).

- A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi marcada pelo desenvolvimento de computadores eletrônicos como ferramentas de processamento de cálculos matemáticos destinados aos problemas de balística e de decifração de códigos criptografados, além do desenvolvimento da energia nuclear, responsável por produzir as duas bombas atômicas usadas em guerra na história. Houve uma corrida na área da medicina pensando nos feridos de guerra, as cirurgias plásticas e reconstrutivas, reabilitação para aqueles que perderam membros. O raio X portátil foi usado no front das batalhas antes de se tornar comum em hospitais. O cellucoton que foi criado para absorver as hemorragias e mais barato que o algodão, deu origem ao absorvente feminino e posteriormente aos absorventes cirúrgicos. Fraldas infantis e de adultos e lenços descartáveis; lâmpada ultravioleta na época utilizada para tratar raquitismo, o teflon que foi usado para revestir tubulações, além do zíper para facilitar os uniformes.

- Guerra Fria (1949-1989). O desenvolvimento tecnológico e bélico foi extremamente acentuado, já que os países se resguardavam militarmente para um possível confronto armado, traduzido nas disputas polarizadas em outros campos: Corrida Espacial, Corrida Olímpica, Corrida Armamentista etc.

Essa aparente contradição entre guerras e tecnologia não escapava de olhares mais aguçados. O cientista Carl Sagan (1934-1996) foi denominado como um dos grandes divulgadores da ciência no final do século XX, principalmente através da série de TV “Cosmos” e de uma série de livros, mas ele também se dedicava ao pacifismo e alertava sobre as contradições chegadas da civilização tecnológica principalmente nos anos marcados pela Guerra Fria em que ele viveu intensamente. Segundo Sagan (1992), as mesmas torres de construções de foguetes usadas para lançar sondas para outros planetas, podem ser suspensas para enviar ogivas nucleares para as nações. As sondas têm como princípio gerador de energia, materiais radioativos que as mantêm em seu curso, o mesmo princípio também usado nas armas nucleares. Tecnologia de direção e navegação era comum em mísseis balísticos militares e foguetes de exploração espacial. ‘Aonde a humanidade vai aplicar sua tecnologia?’ Se perguntava Sagan. Deve-se reverter a utilização desse empreendimento tecnológico não para a morte e sim para o conhecimento e para a vida. Incentivos para a preparação para a guerra podem ser direcionados para avanços científicos e tecnológicos de interesse maior da humanidade.

Mesmo com o dito fim da Guerra Fria, a civilização do século XXI, ainda está sobre um arsenal nuclear dominado por alguns países, que se usado, pode ainda destruir a humanidade. Vale lembrar os apelos de Carl Sagan ainda hoje na sociedade tecnológica do século XXI.



Territórios – Contribuição Professora Coordenadora Pedagógica Martha Aparecida Hollais Santos

Meu nome é Martha sou coordenadora pedagógica da EJA, estou aqui para conversar com vocês sobre tecnologia. Desde os primórdios da humanidade a tecnologia se faz presente em nossas vidas, seja pela descoberta do fogo, da utilização de rochas, madeira e etc., para utilização como armas para caça e defesa, e também objetos para utilização individual e coletiva. Aprendemos a observar os materiais disponíveis, em pensarmos variadas formas para utilizá-los em nosso favor nos processos evolutivos.

O tempo sempre foi a testemunha nos avanços tecnológicos da humanidade, e este nos acompanha em casa, no nosso local trabalho etc. Porém, quando pensamos em tecnologia, logo nos vem em mente: computadores, notebooks, tablets, celulares e etc. Mas o termo tecnologia tem uma abrangência muito além disso, por exemplo, em cada profissão há utensílios tecnológicos, criados para otimizar as funções de cada segmento, o pedreiro utiliza: metro, desempenadeira, aparelho de nível e etc. O médico utiliza: aparelhos para aferimento de pressão, estetoscópio e etc.

Nós professores, que tecnologias estão presente no nosso ambiente de trabalho? De que forma elas podem nos auxiliar em nossas propostas pedagógicas? Jogos, dicionários, livros didáticos e paradidáticos e calculadoras, muitas vezes deixamos materiais tecnológicos guardados em armários ou nem sabemos o que temos a nossa disposição.

Devemos procurar conhecer as tecnologias e nos apropriarmos delas, na otimização de nossas abordagens pedagógicas, pensando que nos propormos ensinar e aprender e nossos estudantes será que compreendem o que é um processo tecnológico? Como interpretam o termo tecnologia? Será que conhecem e valorizam as tecnologias que possuem em casa? Terão a mesma visão que tecnologia se refere apenas aos materiais eletroeletrônicos?

As tecnologias tendem a ganhar o status de obsoletas quando não utilizadas, procurar conhecer o que não sabemos é o primeiro passo para superações, é ir além do que a gente presume saber. Como nossos estudantes se posicionam em relação as invenções? Se solicitarmos aos nossos alunos que listem dez tecnologias que eles possuem em casa, a lista será encabeçada por celular, computador, rádio e televisão, etc. Em um segundo momento após conceituarmos o real significado de tecnologias e oferecermos modelos aos nossos alunos solicitarmos e oferecermos modelos aos nossos alunos solicitando uma segunda lista, a mesma vira com: chuveiro, carro, bicicleta, caderno e lápis e etc.

Essa abordagem investigativa abrange todas as modalidades de ensino.

Na EJA podemos também fazer este questionamento no eixo Mundo do Trabalho, relacionado as tecnologias disponíveis e utilizadas nas profissões que os nossos alunos exercem, estamos cerca dos por tecnologias em nosso ambiente de estudo de trabalho de lazer e etc .

A tecnologia não tem limites, uma vez que depende de nossa capacidade criativa.

Nós criamos novas tecnologias e inovamos o tempo todo, para servir a humanidade em todos os seus segmentos.

O que nos diz nosso currículo Quadro de Saberes Necessário 2019? Que definições ele nos traz sobre esse tema?

Para finalizar, eu escolhi uma tecnologia presente em nossas vidas, o dicionário Global escolar de Silveira Bueno com sua conceituação sobre tecnologia:

“Tecnologia, é a aplicação pratica do conhecimento científico aos ramos de atividades”.

Bom estudo para nós, e muito obrigada!

4.2 Tecnologia, consumismo e questões socioambientais: repensando práticas na sociedade

As reflexões começam com as imagens exemplificando os avanços tecnológicos. Desde as imagens em preto e branco das primeiras máquinas fotográficas em contraste com as imagens digitais, que podem ser realizadas por qualquer aparelho smartphone, até o transporte, à leitura das notícias, entre outros inúmeros exemplos que poderíamos citar.



Tem-se acompanhado a aceleração da tecnologia e indústria; onde apresentam, em intervalos de tempo cada vez menores, novos produtos que oferecem novidades e facilidades para todos os consumidores. Esses bens de consumo, tanto duráveis como os não-duráveis, estão em todos os lugares, acessíveis a uma parte considerável da população, dependendo do seu poder aquisitivo. Seja pelas facilidades que o comércio os oferta, seja pelo desejo de consumir, desejo esse provocado nas(os) consumidoras(es) pelas caras e ostensivas publicidades.



Tais indústrias vorazes pelo lucro criam produtos cada vez mais frágeis e com pouca durabilidade, respondendo a chamada obsolescência programada, em outras palavras, fazendo a roda girar. É comum ouvir aqui no Brasil de maneira preconceituosa e pejorativa expressões como a gíria “é Xing Ling”- tradução “Zero estrelas”, associando a baixa qualidade do produto aos países do continente asiático de maneira pejorativa. Quando na verdade precisamos compreender que tais países apenas produzem os itens, os quais em sua grande maioria pertencem às grandes multinacionais detentoras das marcas, patentes e projetos. Em tais projetos já

são apontados quais materiais serão utilizados, em quais produtos, o que determinará sua pequena, média ou grande durabilidade e considerando-se o objetivo por parte da indústria e comércio de estimularem o consumo, um produto durável deixa de ser interessante, enquanto a quantidade sempre seguirá a frente da qualidade.

Consumir tanto: pra que e por quê?

Refletir sobre o que leva as pessoas ao consumo imediatista, quase inconsciente é muito importante para que se possa compreender o que é realmente necessário em nossas vidas e o que querem que “entenda-se como necessário”. As necessidades de consumo dos seres humanos dependem do contexto e podem mudar no decorrer da vida sendo elas reais, construídas ou subjetivas. Segundo o escritor Mario Vargas Llosa, aponta em seu livro “A Civilização do Espetáculo”, que “a publicidade exerce influência decisiva sobre os gostos, a sensibilidade, a imaginação e os costumes”.

A sociedade está cada vez mais individualista, numa busca frenética de satisfação pessoal, desprezam o valor das pessoas e enfatizam os valores nas coisas. A rotulação do ser humano como mercadoria, o qual o que diferencia as pessoas, é o seu poder de compra; torna o ser humano cada vez mais individualista; cria um enfraquecimento nos valores da cidadania, da igualdade e da solidariedade; impede o pensar na coletividade, na distribuição justa e principalmente nos valores éticos e morais.

Como foi possível chegar a esta sociedade de consumo atual? Talvez um dos caminhos para tentar compreender essa questão seja pensar que numa sociedade de capitalismo globalizado em que o ato de consumir produz a falsa sensação de felicidade e acaba sendo influenciada pelas mídias sociais que fazem com que o consumo seja feito de uma forma quantitativa e não qualitativa promovendo alienação ou ilusão dos sujeitos.

Nesse sentido, a publicidade e a propaganda são poderosas ferramentas, utilizadas pelo marketing, que doutrina o(a) consumidor(a), levando-o(a) a necessidade de aceitação pelos grupos. Crianças, jovens e adultos, não importa a idade, são influenciados a comprar tudo o que veem. Atualmente, existem até influenciadores digitais (youtubers) que são patrocinados por empresas, apresentando produtos e serviços sempre no sentido de direcionar o(a) consumidor(a) para um estilo fácil de vida, para que se sintam “descolados(as)”. Pessoas acabam consumindo produtos diferenciados ou exclusivos para se tornar diferenciados e exclusivos, um consumo que pode virar consumismo. A doença do consumismo é tão grave e complexa, que se alimenta no comportamento de compra, valorizando o individualismo e acabando muitas vezes por prejudicar os sujeitos, envolvendo até mesmo o endividamento para manter esse desejo.

Há uma necessidade urgente de políticas públicas para combater o consumismo, traçar metas e estratégias das mídias de comunicação para conscientização dos cuidados com o meio ambiente. Porém, sabemos que essa conscientização não é interessante por parte dos grandes capitalistas.

Quantos dos(as) estudantes, tão logo arrumam um trabalho, procuram comprar imediatamente roupas, tênis e bonés de marcas internacionais, aparelhos celulares; gastos esses influenciados por algoritmos que analisam o perfil de cada um, indicando por meio “pop-ups” a próxima compra. Enquanto educadores(as) conscientes desse domínio midiático em favor do consumo e do quanto os(as) estudantes sofrem diretamente com os efeitos dessa doutrinação, devem ter a responsabilidade de discutir essa temática nas escolas; seja em nas aulas, seja por meio de projetos envolvendo toda a comunidade escolar.

O consumo destacado pelo sistema econômico capitalista tem levado à questionamentos importantes sobre sua pretensão em servir de modelo de desenvolvimento, pelas questões da diferença socioeconômica causada e o impacto ambiental em várias formas e escalas. Segundo Leff (2010), a consciência ecológica surge como uma resposta aos limites da economia. Verifica-se a seguir alguns exemplos das questões ambientais atuais:

1 - A Infraestrutura para geração de energia elétrica

Primeiro para o sistema poder dar conta do modelo de estilo de vida baseado no consumo e na produção de bens de consumo em massa, o investimento em infraestrutura de energia elétrica tinha que ser efetivado e vários meios foram desenvolvidos para este fim. Usinas termoeletricas que queimam combustíveis fósseis como carvão mineral, óleo diesel e gás natural foram desenvolvidas ao longo do tempo e continuam com a responsabilidade de gerar a energia elétrica em grande parte do mundo. Tendo como impacto maior no processo o resíduo gasoso obtido na queima desse material. Outro exemplo é a energia atômica, criada com grande esperança no século XX, para ser uma grande fonte de energia, chegou a ser muito utilizada em vários países desenvolvidos, mas demonstrou ao longo do tempo que deve ser administrada com muito cuidado, pois seus acidentes na produção, no decorrer da história, demonstraram um alto grau de impacto no ambiente, além do resíduo atômico produzido, por ser radioativo deve se ter todo o cuidado para seu destino final. Outras fontes de energia existem e como exemplo as hidrelétricas usam a força da água para gerar energia, apesar de diminuir a questão da emissão de poluentes gasosos, impacta sobre maneira o local do curso do rio onde é instalada, através da construção da barragem, e formação do lago artificial. Outras formas de busca na geração de energia causam perspectiva na diminuição dos impactos ambientais, são as fontes de energia renováveis, como a eólica (através do vento) e a solar.

2 - Matérias primas, exemplo de impactos no transporte e nos resíduos da produção.

Fornecimento de matérias primas causa impacto tanto na extração, na fonte, como no transporte para a indústria que vai beneficiar o recurso. Veja o exemplo do petróleo, várias vezes grandes vazamentos envolvendo o transporte marítimo, como nos navios petroleiros, proporcionaram grande impacto ambiental em vastas áreas dos oceanos e nos litorais. Outro exemplo, que pode ser verificado no Brasil, por ser um grande exportador de minério, é o rompimento de barragem construída para o descarte do material gerado no processo de separação de determinado minério. São obras de contenção de tamanho considerável e que podem com seu rompimento, causar grande impacto, tanto na sociedade e no meio ambiente do entorno da barragem, como também no decorrer do caminho que o resíduo atingir.

3 - O consumo e a geração de resíduos

O consumo na escala mundial gerou um descarte muito grande de resíduos, que atinge os mais diferentes tipos: gasosos, líquidos e sólidos. No caso do Brasil, por dia o indivíduo tem em média o descarte de aproximadamente um quilo de resíduo sólido, são mais de 365 quilos por ano, e qual dimensão é alcançada por essa média por uma população de cerca de 210 milhões de pessoas? De resíduos bem diferenciados que vão do orgânico ao eletroeletrônico, por exemplo. Com diferentes projeções de tempo para a decomposição na natureza. Sem falar de alguns materiais que são tóxicos e podem contaminar o meio ambiente, sem o devido cuidado em seu descarte. A maior parte desse descarte hoje em nosso país é depositado em lixões que são terrenos a céu aberto para a recepção do resíduo gerado nas cidades.

Várias propostas ambientais estão postas para reduzir estes impactos, poucas foram efetivadas, algumas estão sendo desenvolvidas, outras se encontram paradas por uma série de motivos, como falta de interesse em implementar, falta de verba, legislações que precisam ser criadas, ou em outros casos, leis que existem, mas não são efetivadas, etc. Uma importante iniciativa é a reciclagem, que para atingir uma escala maior de participação da sociedade, depende da valorização, participação e gestão da coleta seletiva.

Na busca de soluções, a tecnologia fornece respostas para os impactos ambientais?

Os impactos ambientais, hoje, acontecem nas mais variadas dimensões. Em diferentes escalas e níveis: são problemas no solo, contaminação de alimentos, disposição de água potável, poluição nos oceanos, aquecimento global etc. Sobre o futuro muita esperança se deposita na própria tecnologia para diminuição dos impactos ambientais. Desde fontes de energia não poluentes, como bens de consu-

mo de menor impacto, como automóveis elétricos contribuindo com a diminuição da poluição atmosférica. Seria um caminho para a solução ou mais uma forma de alienação de um sistema que gera diferença socioeconômica e não deixará de impactar o meio ambiente? Como pode contribuir a educação socioambiental nesta discussão?

Segundo Gadotti (2000), na fase atual do conhecimento, a pedagogia tornou-se a ciência mais importante, porque ela se destina a desenvolver a aprendizagem. Deste modo, a educação socioambiental está se tornando presente para debater, analisar e refletir sobre todos os caminhos apresentados, levando em conta o bem estar da sociedade, de maneira justa e igualitária. O modelo econômico adotado e a defesa da melhor forma de gestão que preserve o meio ambiente é uma das pautas do dia. Tal aprendizagem é importantíssima na formação do sujeito perante os acontecimentos locais e mundiais, possibilitando ao educando a crítica aos modelos de desenvolvimento, a formação de valores ambientais e a tomada de posição política considerando a perspectiva socioambiental ao longo de sua vida.

A tecnologia ligada ao transporte lida com a engenharia a tempos na busca por diminuição dos gastos em energia e a possibilidade de carregar mais peso, como no transporte marítimo e aeronáutico, une-se a isto o desenvolvimento em outros campos, como a eficiência em prever condições meteorológicas melhorando o aspecto da segurança, aumentando, desse modo, a eficácia no fluxo de transporte de cargas e passageiros para diversas partes do planeta. Certos processos da produção industrial se encontram hoje separadas em etapas nos diferentes locais do mundo, sendo movimentados pelos modais de transporte que funcionam como as “esteiras” da antiga fábrica do início do século XX. Por exemplo, aparelhos sofisticados de informática como notebooks e smartphones cujas peças são produzidas em vários países para depois serem finalizados no local de distribuição.

Por fim, não se pode esquecer dos impactos sociais criados por essa globalização da economia. Segundo Santos (2000), um mercado impactante mencionado como global é tido como tendo a capacidade de homogeneizar o mundo quanto, mais ainda, as diferenças locais são acentuadas.

A questão dos resíduos sólidos – lixos eletrônicos

Os resíduos sólidos de materiais eletroeletrônicos, como administrado no Brasil, são um grande problema, principalmente devido ao descarte em locais inadequados. Objetos descartados como computadores, celulares, laptops, tablets e seus componentes (baterias, pilhas, placas e metais) e lâmpadas fluorescentes, de vapor de sódio, mercúrio e luz mista, são considerados resíduos tecnológicos. Muitas pessoas desconhecem que estes materiais devem ser descartados em locais apropriados e não devem ser misturados ao resíduo comum, já que seus compo-

nentes possuem metais pesados como o chumbo, o mercúrio e o cádmio, que poluem o meio ambiente, contaminando o solo e o lençol freático. Quando queimados, geram resíduos gasosos que poluem o ar e podem ser cancerígenos. Quando produtos são classificados para pertencerem a logística reversa, os seus fabricantes, comerciantes e distribuidores devem se responsabilizar pelo descarte apropriado depois do uso, como em aterros especiais para este tipo de resíduo.



Disponível em <https://www.humorpolitico.com.br/gilmar/o-lixo/> acesso em 24-08-2020

O consumidor ao comprar um aparelho precisa rever seus conceitos e avaliar a necessidade desta aquisição, já que muitas pessoas compram por impulso ou para ter status. Verificar ainda, se o produto possui a certificação de baixo consumo de energia como as indicações nas etiquetas do Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica – Procel, que classifica o aparelho referente a sua eficiência energética, o que colabora para a diminuição do impacto ambiental.

Segundo a ONU, o Brasil está entre os países que mais gera lixo eletrônico, e um dado interessante é que 80% do lixo eletrônico produzido pelos países desenvolvidos são transportados para países pobres como a África e Ásia. Em São Paulo o órgão competente por monitorar e licenciar o descarte de resíduos mais impactantes é a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB), que tem o comprometimento com a responsabilidade ambiental e, para tanto, desenvolve projetos e ações para a gestão dos resíduos sólidos.

Modos alternativos

O viver no ocidente sob o impacto da industrialização e dos progressos tecnológicos potencializa uma sensação de ser, quase impossível, viver de outro jeito. Quem consegue imaginar a própria existência sem acesso aos hipermercados, aos APPs de compra em tempos de pandemia ou mesmo aos shoppings centers no pós-covid? Seria possível falar de tecnologia ao mesmo tempo em que não venha à cabeça os templos do consumo da civilização ocidental? Talvez seja, se for possível dissociar consumismo de consumo, ou mesmo dissociar uso da tecnologia de fetichização da tecnologia.

Não são poucos os exemplos de comunidades que conseguem harmonizar o uso da inovação tecnológica numa perspectiva de preservação dos recursos naturais. Sociedades que invertem os símbolos do capitalismo ocidental (propriedade

privada dos meios de produção, consumismo, indústria e lucro), projetando novas formas de sociabilidade sob outras condições (propriedade coletiva dos meios de produção, consumo necessário, sustentabilidade e utilidade). Não se está falando de países socialistas que também poluem tanto quanto os capitalistas e cuja existência errática nos levaria a tantos outros questionamentos. São comunidades que tentam viver criando ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza. Tais exemplos podem ser vistos em muitos dos quase 300 povos indígenas no Brasil, assim como também em outros povos originários e comunidades pelo mundo. Apesar de muitas pessoas ainda acreditarem que os indígenas no Brasil devem viver de forma reclusa, isolados na mata, sem acesso a recursos ou inovações tecnológicas, o que é uma grande falácia, a verdade é que o conhecimento produzido por esses povos tem como paradigmas a adaptabilidade, a especificidade e a necessidade no uso dos recursos produzindo e se servindo de tecnologias, milenarmente que, acumulado ao longo de anos, são passados de geração a geração, projetando a conservação das florestas, dos rios e da vegetação que, no fim, possibilitam essa existência coadunada entre povo e natureza.

Outra vertente dessa visão de mundo em que harmoniza a natureza e o humano, sem perder de vista o uso das tecnologias como condição para essa existência, está no conceito de Permacultura, definido como de uma forma abrangente e que atravessa diversos sentidos de compreensão da ecologia, do reconhecimento de padrões naturais, do uso de energia e manejo sustentáveis dos recursos naturais, com o intuito de criar ambientes produtivos, humanizado em equilíbrio e harmonia com a natureza.

São inúmeros os vídeos que podem ser encontrados na internet como exemplos desse conceito que procura concatenar uma série de atitudes que se hierarquizam em torno de três princípios éticos: cuidar da terra; cuidar das pessoas; cuidar do futuro. Com os riscos disso se tornar também um novo fetiche ou modismo, as soluções apontadas pela Permacultura nos espaços urbanos possuem bastante inserção junto a certos grupos econômicos ligados a uma economia verde, que vê em algumas ações, formas de agregar valor ao produto comercializado.

A Permacultura pode ser vista sob prismas mais revolucionários, por assim dizer, ao projetar formas de resistência as formas poluidoras do capitalismo industrial, concomitantemente em que projeta soluções tecnológicas ainda mais avançadas e revigorantes para os recursos naturais. Ela pode simbolizar a luta de todo um povo contra ações colonizadoras por parte de uma nação mais poderosa e se tornar o símbolo de resistência. O documentário “Revolução dos Cocos” disponível gratuitamente na internet, conta uma história real em torno dos conflitos do povo da Ilha de Bougainville contra Papua-Nova Guiné e a Austrália na década de 1990. Uma guerra esquecida em um recanto quase esquecido da Oceania e que mostra de que maneira uma revolução pode ser iniciada também com cocos.



Territórios – Contribuição do Professor Durval Agra

Olá, espero que todos estejam bem!!

Eu Sou o professor Durval Agra, trabalho com Educação de Jovens e Adultos no município de Guarulhos, desde 2011.

Eu vou conversar com vocês sobre sustentabilidade e resíduos eletrônicos.

O conceito de sustentabilidade aborda a maneira de como se deve agir em relação à natureza, tudo que fazemos gera impacto ambiental, então precisamos refletir sobre as nossas ações para que esse impacto seja o menor possível. A sustentabilidade, ela entra em conflito com consumismo a partir do momento em que se produz muito.

Todos os anos surgem novos equipamentos eletrônicos, novas tecnologias, e as pessoas acabam comprando estes equipamentos e descartando os antigos, muitas vezes de forma inadequada causando assim sérios impactos ambientais.

Como se consome muito, o mercado precisa oferecer novos produtos, e para produzi-los são necessários recursos naturais, quanto mais se utiliza os recursos naturais, mais difícil será mantê-los para as gerações futuras.

E o que são os resíduos eletrônicos?

São equipamentos eletrônicos descartados ou obsoletos, deixaram de ter alguma utilidade, tornando-se assim resíduos eletrônicos.

Quem são eles?

Computadores, tablets, monitores, impressoras, teclados, celulares, carregadores, baterias, pilhas, fios, enfim... todos estes são exemplos de resíduos eletrônicos.

Alguns resíduos eletrônicos possuem Chumbo, Cobre, Mercúrio, Cádmiio, que são substâncias inorgânicas tóxicas, e em contato com o meio ambiente vão poluir solos, vão poluir lençóis freáticos.

Por isso é de extrema importância que se descarte resíduos eletrônicos de maneira adequada.

De acordo com a ONU, o Brasil produz anualmente (Um milhão e quatrocentas mil toneladas) de resíduos eletrônicos. Dá uma média de 7 kg por pessoas, é muita coisa!

Para diminuir esse descarte inadequado, foram criados decretos, foram criadas leis com esse intuito. Então, o primeiro decreto que eu vou falar foi sancionado em fevereiro de 2020, que fala sobre a logística reversa, onde as empresas são obrigadas a fazer essa coleta de resíduos eletrônicos. Na verdade, este termo já constava na lei 12.305, de 2010, só que a partir de agora torna-se obrigatório, essa logística reversa.

Há também uma Lei estadual, 13.576 de 2009, institui normas e procedimentos para reciclagem, gerenciamento e destinação final de resíduos eletrônicos. No município de Guarulhos, nós temos a nossa lei orgânica, que no artigo 184, exige da fonte geradora de resíduos, que faça prévio tratamento ou acondicionamento do resíduo produzido por ela. Então são leis e decretos que tem o intuito de diminuir este descarte inadequado de resíduos eletrônicos. Atualmente muitas empresas que fabricam e muitas vezes são responsáveis por grande parte desta a poluição proveniente de produtos eletrônicos, estão tomando ações sustentáveis, oferecendo locais apropriados de descarte destes aparelhos. Aqui em Guarulhos, há uma Empresa chamada Sucata Digital, que realiza coleta de

resíduos eletrônicos de forma gratuita, para empresas, escolas e também munícipes, e ainda faz parcerias com diversas instituições, oferecem material de orientação, e caixas, chamadas caixas verdes para que os munícipes possam estar fazendo estes descartes de matérias eletrônicos e posteriormente a empresa faz a coleta e reutiliza da forma que achar necessária. Devemos consumir de forma consciente, com o intuito de que as gerações futuras tenham as mesmas possibilidades, tenham os mesmos recursos naturais que temos atualmente. E pra finalizar, eu deixarei aqui uma frase do Gandhi: "O futuro dependerá do que fazemos no presente" !! Então vamos os conscientizar, conscientizar os nossos educandos sobre a importância em se preservar o meio ambiente.

É isso gente, até mais, cuidem-se, tchau !!

E o que diz o QSN?

O texto do QSN que apresenta o eixo O Educando e as Tecnologias começa definindo o termo tecnologia salientando a necessidade para um entendimento mais amplo, não associando-o apenas a equipamentos muito utilizados hoje, como os de informática.

A palavra tecnologia, na sociedade de hoje, é comumente associada a equipamentos digitais. Nossa proposta é adotar um sentido mais amplo desse termo, ou seja, um conjunto de saberes técnicos e científicos relacionados ao funcionamento e à aplicação de conhecimentos provenientes da produção humana, como instrumentos, métodos e técnicas que atendam a uma determinada necessidade social ou cultural, criados em diferentes momentos históricos. Assim, a tecnologia inclui desde as ferramentas e os processos mais rudimentares e simples aos mais complexos e atuais, tais como a escrita de uma carta utilizando lápis e papel até uma mensagem enviada por e-mail ou aplicativo. (QSN EJA, 2019, p.19)

Esta visão distendida do termo é importante para ter uma visão dinâmica sobre desenvolvimento das tecnologias e sua influência através da história na civilização. Se a sociedade atual chega a ser denominada, muitas vezes, por uma sociedade tecnológica, isso se constituiu ao longo do tempo na busca do aprimoramento do conhecimento para este fim, motivados, muitas vezes, pela riqueza e pelo poder.

Vive-se hoje no mundo o paradigma da era digital. Mas parte da população não tem acesso a estes recursos tecnológicos, outros grupos têm acessos distintos, limitados, dependendo de uma série de fatores, em que se destaca o econômico, o poder aquisitivo. Depois dessa ressalva, destaca-se que as tecnologias da informação são de algum modo presentes no dia a dia da EJA, seja no trabalho de atualização do docente ou, em grande parte, dos educandos que de alguma maneira têm contato direto em suas vidas com essas tecnologias de informação e comunicação, seja qual for o dispositivo: um computador ou um smartphone. Alguns educandos com mais habilidades com estes aparelhos, outros com menos. Com relação a isto, o QSN destaca, em seu texto de apresentação do eixo O Educando e as Tecnologias:

O avanço tecnológico é sentido pela sociedade de forma tão acelerada, que tanto os nativos digitais (crianças e jovens) quanto os imigrantes digitais (adultos nascidos antes de 1980) aprendem constantemente a interagir, produzir conhecimento e resolver problemas do seu cotidiano. Essas tecnologias implicam diretamente na sua visão de mundo, o que nos leva a repensar as ações educativas desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos. (QSN EJA, 2019, p.19)

O trecho acima identifica dois grupos com relação ao mundo digital - os nativos e os imigrantes digitais. Segundo Santos et al. (2011), o termo se origina do livro intitulado Nascidos na Era Digital, de Palfrey e Gasser de 2008. Esses autores trataram de distinguir as pessoas nascidas após 1980 e que adquiriram mais habilidades no trato das tecnologias digitais por estarem potencialmente mais expostas a elas, que foram incrementadas a partir desta década; enquanto que os nascidos anteriormente, não tendo o mesmo potencial de contato com esses avanços, e tendo que se inserir neste mundo contemporâneo, seriam os imigrantes digitais.

Em certa parte da apresentação do eixo, é mencionado que para melhor entendimento e organização didática, os saberes e as aprendizagens foram divididos em três dimensões, sendo a primeira delas:

a) Ciência, Cultura, Tecnologias e Sociedade (CCTS): refere-se aos aspectos mais amplos da contemporaneidade, como os riscos ambientais, a sustentabilidade, a naturalização dos problemas sociais, humanos e afetivos, considerando o contexto social, histórico e cultural de conhecimentos tecnológicos acumulados pela humanidade. (QSN EJA, 2019, p.20)

Vê-se nesta dimensão a preocupação de tratar o tema tecnologia de maneira atual e em escada maior (humanidade), colocando relevância na crítica, trazendo o aspecto das consequências nos sentidos ambientais e sociais, tendo como ponto de vista as questões históricas e culturais. Um dos termos que aparecem no texto é o da sustentabilidade, tão em pauta hoje nos discursos em nossa sociedade.

4.3 Os desafios e influências das redes sociais no cotidiano escolar

Hoje, a internet se consolidou como uma das tecnologias mais usadas pelas pessoas no mundo. Pela sua influência, qualquer ação individual ou profissional, é incrementada pela estrutura disponível na internet. Suas informações e interações auxiliam tomadas de decisões de indivíduos até de governos. Nas últimas décadas, a internet modificou profundamente o modo da sociedade se informar e de se comunicar, houve assim uma verdadeira revolução nestas áreas.

O conteúdo oficial das notícias no mundo foi dinamizado, antes dominado por mídia impressa ou televisiva, hoje com acesso à internet temos os principais órgãos da imprensa oficial na internet, divulgando de maneira instantânea as notícias. O outro ponto chave é a divulgação de notícias pelo cidadão comum, pois pode-se citar que com a posse de um smartphone, as pessoas se tornam cinegrafistas ou fotógrafos amadores em potencial, que através de acesso a uma rede social podem divulgar rapidamente um fato que julgar interessante no seu dia a dia. Isto com certeza influencia como as pessoas buscam e interagem na rede.

Mercado e a propaganda

Nota-se nas diferentes páginas da rede uma forte presença da propaganda. Ela está intercalando os vídeos que se assiste ou a página da notícia que se está lendo. O comércio eletrônico cresce no Brasil. Como exemplo, dessa perspectiva, para o faturamento de 2019 este tipo de comércio foi de sessenta e três bilhões de reais; para se ter um parâmetro do incremento, em 2014, o faturamento foi estimado em trinta e cinco bilhões de reais, sendo que a categoria de maior volume financeiro são os eletroeletrônicos, e em volume de pedidos foram os cosméticos e perfumarias.

Redes Sociais

Hoje a interação social se dá muito nos espaços virtuais criados, influenciando a vida cotidiana, a cultura e até mesmo a política, por exemplo. Dados e informações são trocados desde o primeiro grupo social, a família, até as interações no ambiente profissional. As redes sociais estão influenciando a nossa forma de ver o próximo e a nós mesmos. Tal interação estimula o indivíduo, com acesso a determinada estrutura, a uma conectividade contínua.

No Brasil, algumas pesquisas mencionam que o maior contato com a internet está podendo ser realizada pela diversidade de tipos de aparelhos eletrônicos. Muito vinculada, antes ao computador pessoal, ao notebook, ou tablet, a plataforma que está chegando a um grande número de pessoas é o smartphone. Portanto, uma das formas para o maior número de pessoas participarem da rede, se deve ao incremento do uso desses aparelhos, lógico levando em consideração a diferenciação do acesso ao sinal para viabilizar este contato.

Verifica-se em grande parte do grupo de educandos da EJA, com faixas etárias tão diferenciadas, uma mescla no uso do smartphone: de um uso intenso de várias páginas da internet, a um uso limitado a praticamente uma rede social.

Uma rede social é a comunicação direta de um conjunto de pessoas que

compartilham interesses similares, conectando pessoas. Estão interligadas em uma categoria de mídias sociais que interagem com assuntos que são de interesse de um grupo. Os contatos pessoais geralmente são usados para: amizade, namoro, emprego, conhecimentos profissionais, imagens, vídeos, jogos, compra, venda, divulgação de produtos etc.

Há uma grande extensão de redes sociais disponível na internet, com diversas finalidades e públicos e existem vários critérios para se classificar determinados assuntos:

- Por Conteúdo: a “busca” com dados das mídias sociais, com temas de trabalhos, pesquisas... utilizando fotos, vídeos, matérias de assuntos específicos etc.
- Por Tipo de Interação: a “busca” se faz com o número de acesso de usuários por determinados temas, mais visualizações entre os seus membros ou uma comunidade virtual.
- Por Perfil: a “busca” é com dados pessoais de usuários, um perfil com características distintas.

Faz-se necessária a conscientização dos usuários da internet, sobretudo das redes sociais, para que a ferramenta, que hoje se possui e que possibilita a integração de pessoas, compartilhamento de informações, disseminação de novas ideias, não se transforme em instrumentos negativos e vícios incontroláveis.

Evidencia-se a cada dia a importância da tecnologia, a qual está presente em quase tudo no cotidiano do ser humano, está no nosso trabalho, está dentro de nossa casa, na rua etc. O que inicialmente surgiu de forma precária, rudimentar, hoje tomou dimensões que beneficia toda a sociedade nos mais diversos segmentos, tornando-os mais eficientes.

O avanço das tecnologias de comunicação e a popularização da internet, gerou também o aumento da utilização das Redes Sociais nas mais diversas camadas da sociedade, possibilitando o acesso a todo tipo de informação em tempo real, seja de interesse próprio ou comunitário aproximando pessoas por questões de identidade cultural, hábitos sociais, interesses profissionais e comerciais e até relacionamentos afetivos são possíveis de acontecer através desta ferramenta.

A velocidade com que uma informação chega proporcionada pela internet, e a necessidade de se comunicar que é inerente ao ser humano, seja por troca de informações ou pelo desejo de manifestar suas opiniões nos mais diversos assuntos, de se sentir pertencente ao meio social em que vive ou por lazer em busca de entretenimento, são aspectos que favorecem o uso das redes sociais. Além destes aspectos mencionados, muitos outros fazem parte das possibilidades destas Redes que podem ser muito eficientes e colaborativas como rede de ajuda social, como

por exemplo: na busca por pessoas desaparecidas, na divulgação de pedidos de colaboração financeira para pessoas com poucos recursos para necessidade de cirurgias urgentes e tratamentos de saúde mais complexos, como ferramenta de propaganda e venda de produções comerciais de microempreendedores, como alertas de segurança de localidades que apresentam pontos vulneráveis oferecendo risco a seus moradores e até na propagação de oportunidades de emprego.

Desta forma, as redes sociais se tornam ferramentas eficazes em sua utilização e de grande importância para seus usuários colaborando de forma positiva para uma sociedade complexa e exigente, atendendo a seus anseios de se comunicar, ampliando conceitos e informações em um mundo globalizado.

O mesmo advento das redes sociais que permitiu uma proximidade entre as pessoas jamais vista na história da humanidade, combinando tecnologia e comunicação, diminuindo distâncias, produz também infelicidade. Quem diz isso é o criador do Orkut, o turco Orkut Buyukkokten: (As) “redes sociais deveriam conectar pessoas, tornando todos mais felizes. Mas nos trouxeram ansiedade, insegurança, depressão, solidão e problemas de saúde mental”.

A comunicação rápida por meio de ‘zaps’, messengers ou mesmo acesso as comunidades de interesses que vão de música aos apps para encontrar seu parceiro ideal, estabelece, assim, padrões de comportamento e mesmo formas de consumo desta tecnologia, retroalimentando as empresas que produzem esses programas no sentido de criar novos entretenimentos e também vender mais. Entretanto as redes sociais têm outro lado mais perverso e violento. Embaralhado pelos milhões de bytes, fervilha uma cultura que sempre existiu, mas que se desenvolveu com o destilar de ódio permanente nas caixas de comentário, nos tweets irados, nas bolhas, nas lacrações e nas hashtags: a cultura de ódio.

As redes sociais alteraram os comportamentos criando outras sociabilidades e experiências. Entretanto, produziu como dejetos, ações hediondas intencionais, acirrando ânimos, promovendo discórdia, cyberbullying, e gerando conflitos. Seu último fenômeno conhecido é o “cancelamento de pessoas”, ato de maneira orquestrada por grupos ou milícias digitais que atuam no sentido de produzir dislikes e denúncias com o objetivo de fechar a página de “inimigos”. De outro lado, um fenômeno recente também é o exposed, em que se vasculha postagem de pessoas públicas ou alvos do momento para um verdadeiro linchamento virtual por meio de hashtags. Isto sem falar no compartilhamento de Fake News, uma verdadeira praga do mundo virtual que se alastra como fogo no rastilho de pólvora ou se preferir, nas “teias” das redes sociais. Neste sentido, não há lado bom ou lado ruim nos extremos, mas interesses que se misturam e que muitas vezes são velados. Centrados apenas naquilo que se quer ver, organizando assim a referência e a visão de mundo, as discussões na internet se tornam cada vez mais tensa e agressiva.

Uma pesquisa quantitativa sobre o Facebook e seus usuários intitulada “The spreading of misinformation online”, da Universidade de Maribor, na Eslovênia mostra que nas redes sociais o estímulo a criação de nichos de interesses agregam pessoas com narrativas comuns para além daquela comunidade, revelando que os usuários estão mais interessados em buscar lugares que reforcem a sua opinião, do que aproveitar a diversidade no sentido de rever suas próprias opiniões. As discussões na internet são sintomas de um pathos contemporâneo, em que paixão, afeto, ignorância e estupidez se imbricam nas formas de subjetivação do sujeito, expressadas de maneira frenética por meio do teclado na frente da telinha. Por último, vale lembrar também sobre os reflexos que o mau uso da internet produz na saúde física e mental das pessoas. Síndromes novas estão associadas ao uso excessivos das redes sociais e da internet como um todo: Nomofobia, Síndrome do toque fantasma, náusea digital, depressão do Facebook, vícios em jogos online, hipocondria digital, efeito Google, síndrome da visão do computador. Nomenclaturas explícitas que demonstram a falsa harmonia entre computadores e bem estar.

Tópicos de introdução ao acesso à internet

O universo de informações das mais diferentes maneiras como texto, imagem, vídeos na internet é incrível, parece um oceano com suas correntes levando as pessoas para cá e para lá de maneira intensa, fácil e gratuita. Porém, dúvidas devem ser levantadas quanto ao melhor uso que poderiam ser feitas antes mesmo de ligar um aparelho que possibilitasse a conexão na rede.

Seria todas essas informações confiáveis? Estaria tudo a disposição para o nosso uso? Ou se teria que construir mentalmente filtros para consumir tanta informação de maneira cuidadosa para que ela faça parte de nossa formação? Alguns pontos que se deve refletir quando se aproxima de propostas pedagógicas que envolvam o acesso à rede.

Segurança do equipamento

Ao adentrar este mundo, pode-se comprometer em muito a qualidade de nossos equipamentos, um exemplo é o contato com programas que podem danificar o aparelho, conhecido como vírus. Por isso, é sempre recomendável checar se os equipamentos possuem alguma forma de antivírus atualizado neles.

Cuidados com os dados pessoais

Compartilhar particularidades, informações pessoais, número de documentos e contas bancárias, passou a ser um item de muito cuidado na internet. Novos golpes aparecem todos os dias contra usuários. Deve-se optar pela formalidade no

trato pessoal e com devida checagem na idoneidade do site na hora de informar documentos e dados bancários.

Procurar pesquisar informação confiável

Uma parte dos sites pesquisados são confiáveis, tem checagem de dados e instituições a serem responsabilizadas pela origem da informação, outros não, são sites que permitem a alteração e contribuição de conteúdo sem critério para a sua confiabilidade, o que pode difundir a má qualidade de informações. Outros exemplos costumeiros são os canais de vídeos que são criados à revelia, para muitas vezes difundir ideias equivocadas de toda a ordem, dando noções falsas sobre ciência, história, etc.

Direito autoral também existe no mundo virtual

As informações estão disponíveis para a consulta na internet, mas na maioria das vezes não pode ser apropriada no sentido da cópia e da reprodução, o que pode configurar um afronte ao direito autoral. Portanto é importante se informar como usar os dados sem cometer irregularidades. É importante a orientação por parte do educador, pois um bom trabalho escolar é uma forma de aprendizagem que contribui, além de tudo, para a formação do pesquisador que tem a atenção de respeitar as fontes. Uma forma de tratar a informação de maneira organizada e cuidadosa.

As facilidades oferecidas pela comunicação parecem compensar o que tanto se reclama no cotidiano por falta de tempo. Cada vez menos se conversa com os outros pessoalmente ou se realizam as ligações telefônicas, mas se tem uma ilusão de que se está disponível a toda hora. Estas ações foram e continuam sendo cada vez mais substituídas por aplicativos, que se utilizam incansavelmente, como o WhatsApp que hoje é, sem dúvida, a rede social de mensagens instantâneas de maior utilização entre os(as) brasileiros(as) e claro entre nossos(as) estudantes da EJA, ou seja, esses aplicativos oferecem o imediatismo na comunicação; promovendo aquela falsa sensação de que se ganha tempo e muitas vezes o que acaba ocorrendo, é que se passa muito tempo nesses aplicativos, indo de um para o outro quase que “automaticamente” e nem nos damos conta. Será que tamanho imediatismo realmente resolveu as questões de falta de tempo? Ou será que se acaba desperdiçando mais tempo?

O Facebook e o Instagram são outros Apps dos mais utilizados também pelos(as) estudantes, onde a felicidade e sucesso são sempre os mais postados; mas também é ótima ferramenta para divulgação de assuntos diversos, e ainda não distante, uma eficiente ferramenta para as Fake News, que tanto confundem propositalmente a população.

Diante dessas reflexões, faz-se necessário a compreensão do quão é fundamental incluir esse tema nos planejamentos das escolas com os(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Importante lembrar aqui, como já apontado anteriormente, que quando se pensa na formação emancipatória desses sujeitos, não se pode deixar de pensar em temas abrangentes como diversidade étnico-racial, diversidade de gênero, imigração e migração, inclusão social e claro as influências da comunicação e das redes.

Promover diálogos sobre o uso dessas redes, da internet; para que aprendam a realizar uma leitura crítica dos conteúdos que recebem, questionem o que leem e o que é transmitido nas redes, para que não sejam mais influenciados do que já são e ainda, não compartilhem informações falsas. Sejam capazes de ler, compreender e questionar os conteúdos antes de divulgá-los. É importante ainda, que aprendam que a mesma internet que facilita e agiliza as informações, pode também expor seus dados pessoais, facilitar golpes, daí a necessidade de serem atentos e cautelosos.

E por fim, que o uso desses recursos não deva ser apenas para diversão e/ou compartilhamentos de informações, notícias; mas principalmente como uma ferramenta facilitadora de novos conhecimentos e aprendizagens, tanto para si como para todos(as) em suas famílias.



Territórios – *Contribuições da Professora Coordenadora Pedagógica Rita Galdino*

Olá, sou Rita Galdino

Professora Coordenadora Pedagógica na EJA da EPG Dorcelina de Oliveira Folador.

Estou na EJA a quase 6 anos e tenho muito orgulho de fazer parte desta modalidade educacional, que nos traz muitos desafios, mas inúmeras alegrias. Fui convidada pela equipe do DOEP, para falar um pouco sobre tecnologia, tecnologia na educação, seus prós e contras.

Com essa pandemia, a educação mudou e não será mais como antes. Quantas mudanças em tão pouco espaço de tempo, muitos desafios educacionais estão postos. Mas um dos maiores, senão o maior para mim, está no uso da tecnologia na educação.

Nós passamos a adotar tecnologias educacionais cotidianamente e com as aulas remotas ficou à mostra, que integrar educação e tecnologia vai muito mais além de se usar ferramentas pontuais, de modo eventual, na sala de aula.

Em qualquer processo de inovação existem desafios, e colocar em prática a integração tecnologia e educação não é fácil e não é simples. Ainda mais no cenário de carências que os nossos educandos estão expostos.

A nossa preocupação reside em como fazer com que os nossos alunos não abandonem os estudos pela falta de acesso e na familiaridade às tecnologias.

A adaptação dos professores também não está sendo simples, não está sendo fácil. Uma expressiva parcela dos docentes, não tem o conhecimento necessário para otimizar o uso das ferramentas que a tecnologia oferece para facilitar o ensino. São plataformas, aplicativos, ambientais virtuais de aprendizagem que antes eram pauta de formações pessoais e agora fazem parte de nossa realidade.

Ocorreu até uma mudança de paradigma. A pouco tempo nosso desafio com relação a tecnologia em sala de aula era equalizar o uso de celular pelos alunos, sem perder o foco no aprendizado. O Facebook e o WhatsApp eram os maiores problemas e agora são caminhos de comunicação.

Muitos são os desafios, que a tecnologia nos traz, mas nós entendemos que temos que pensar para além desses obstáculos, temos que refletir nas possibilidades que essa transformação, que essa mudança nos oferece.

A tecnologia, ela faz parte do cotidiano, e ela incide diretamente no modo de ser e de viver de cada cidadão. O acesso à tecnologia é um direito à liberdade e a expressão. Os recursos tecnológicos são ferramentas que contribuem, mais do que nunca, com o desenvolvimento social, cultural, intelectual, e econômico, e nossos educandos da EJA, não podem de forma alguma, ficar à margem dessa mudança, dessa transformação.

Bom, enfim, entendemos que não há mudança sem reflexão. A integração das tecnologias ao contexto da prática pedagógica nos trouxe muitas dificuldades. Sim, isto é fato. Mas também infinitas possibilidades, que merecem um olhar atento nesse campo, principalmente dos órgãos governamentais a fim de que se conscientizem sobre a importância de instituir a tecnologia e o acesso a ela, aos nossos educandos, professores, as escolas, pois esses recursos, obstantes as dificuldades e desafios, eles são instrumentos valiosos e facilitadores do processo de ensino aprendizagem.

Essa foi a minha contribuição. Espero que tenham gostado. Agradeço ao DOEP a oportunidade, o convite. Um forte abraço a todos e até a próxima!

4.4 Tecnologia na educação e pandemia: desafios do reinventar

Sabe-se que o uso da tecnologia sempre foi um grande desafio, seja pela insuficiência de recursos tecnológicos disponíveis nas unidades escolares, seja pela resistência de parte dos atores envolvidos no processo ensino e aprendizagem em compreenderem os equipamentos disponíveis como ferramentas de trabalho e incluindo-os aos seus planejamentos.

Na Educação de Jovens e Adultos especificamente, não há mais como se pensar a não utilização dessas ferramentas. O Smartphone poderia dizer, é o maior exemplo; aparelho este que muitas vezes foi um vilão na sala de aula, hoje diante do cenário atual, este passou a ser protagonista na comunicação com as(os) estudantes da EJA, pois é de conhecimento que este é para a grande maioria das(os) estudantes a única ferramenta de comunicação com a escola e educadoras(es). Sabe-se ainda, que há casos e não são poucos, que essas(os) estudantes dividem seus aparelhos com os(as) filhos(as) que também necessitam realizar suas atividades escolares. Como pensar no retorno? Os “vilões” smartphones deverão ficar em casa?

Deve-se voltar às aulas insistindo em apenas um único recurso como a lousa e giz?

Muitos dizem: Quando isso passar, depois de um tempo ninguém mais se lembrará do que aconteceu e tudo vai continuar como antes!?! Pode até ser, não há como prever. Mas, o que se tem agora é um momento único de aprendizagem, em que não havia ninguém, absolutamente ninguém preparado, nenhuma universidade, nenhuma dissertação, tese ou mesmo manual de orientações. Talvez o que se deve refletir seja: Como aprimorar tudo que se aprendeu de inovador no trabalho com estudantes nessa pandemia!?!

Fala-se tantas e tantas vezes em transformação na educação, e voltam-se as mesmas velhas práticas! Voltar a proibir o smartphone ou pensar em dialogar coletivamente: equipe escolar e estudantes, como juntos tornar produtivo o uso desse equipamento?

Definitivamente não se pode fechar os olhos para a realidade, hoje um(a) adolescente, jovem ou adulto digita em segundos um tema no “Google” e ali encontra inúmeras informações sobre o tema que busca. A aula precisa ir além, ela precisa ser pensada como troca e depuração, não apenas transmissão de conteúdos. É preciso dialogar com esses(as) estudantes sobre o que eles pesquisam, o que eles encontram nestas pesquisas e promover reflexões e aprendizagens.

EJA e EAD, uma compatibilização árdua

A relação entre a Educação de Jovens e Adultos e o Ensino a Distância é bastante longa e possui, historicamente, momentos de convergência e outros de concorrência entre si. Por exemplo, o Instituto Universal Brasileiro, criado em 1941 foi a primeira escola a distância do Brasil. Bastante divulgada em revistas e jornais nos anos de 1970 e 1980, a conhecida IUB mantinha os cursos supletivos oficiais a distância para o antigo 1º e 2º grau, por correspondência, além de outros cursos. No Brasil, outra prática comum que mescla o ensino a distância com a exigência de rapidez são os exames de validação. Era muito comum nas ruas e nas esquinas, principalmente nos centros das cidades, placas como “Conclua o 1º Grau em um mês” ou “Volte a estudar e tire o diploma em uma semana”, propagandas do tipo que ainda se mantêm e podem ser vistas em buscas pela internet.

Ponto de partida para pensar esta questão, também é o que traz a Lei de Diretrizes e Bases - LDB:

*O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.”
(LDB, 1996, Art.32, § 4º)*

Emergencial é o estado que se vive neste momento de Pandemia da Covid-19, levando as escolas e os sistemas de ensino a procurar respostas urgentes para garantir o direito de aprendizagem dos educandos e na EJA não foi diferente, mas com um ou vários complicadores. Para a coordenadora da Ação Educativa, ONG referência sobre Educação de Adultos, Ednéia Gonçalves é necessário agregar questionamentos quando pensamos EAD e a EJA: se a EaD com tantos investimentos não consegue atender a outras modalidades de ensino, como atender a contento uma modalidade cujos estudantes trazem na sua trajetória escolar a marca da exclusão educacional? Como garantir a mediação de professores com o uso das tecnologias em casa, numa população ainda mais empobrecida e que certamente vai precisar de apoio para acessar o material e as aulas?

Outro aspecto que não pode ser ignorado é que a Educação a Distância traz consigo a marca da inovação tecnológica, da democratização de ensino e acesso ao conhecimento ilimitado. Quase como um axioma, ela é usada para ser vendida como solução a todos os problemas da educação. Visão que para alguns autores chega a ser ingênua, como afirma Demo (2006), pois os desafios não podem ser ignorados como a possibilidade de fraudes: a instrução se sobrepõe a educação; um curso servir apenas para certificação; ou o isolamento dos cursistas. O desinvestimento que pode ser observado na modalidade acarreta uma precarização no atendimento e déficits enormes, que a combinação da EAD e a EJA aumenta, pois seria uma forma até de reduzir ainda mais os gastos na modalidade, prática comum nos sistemas de ensino pelo país acarretando um desequilíbrio imenso no Brasil no que tange a oferta, qualidade de ensino e formação de professores. Pacheco e Marinho (2011) reforçam este aspecto de um Ensino a Distância quando usado na EJA como sendo um dos perigos a uniformização dos processos de ensino, inclusive com o uso de metodologias e recursos em locais tão diferentes, desprezando diferenças regionais e locais. O imperativo da pandemia traz para todos esse desafio: Como manter o processo de aprendizagem dos educandos numa situação de distanciamento físico?

Uma certeza é que os sistemas de ensino não se prepararam para isto, desprezando até uma premissa básica que seria a internet gratuita para todos. A conformação dos serviços e provedores pagos como realidade unívoca para acessar a internet se desmancha diante da urgência de atender a população pobre que pouco dispõe de recursos para manter acesso, além de no caso de parte do público da EJA, pouca ou quase nenhuma familiaridade com os recursos tecnológicos de comunicação e informação. Dada a situação emergencial da pandemia, a EAD na EJA, longe de ser ideal, se coloca como uma possibilidade sempre demarcada pelo que traz a LDB e com inadiáveis necessidades de infraestrutura para serem cumpridas.

Tecnologia na educação e pandemia: desafios do reinventar

Cada vez mais se observa a utilização de recursos tecnológicos nas ações pedagógicas de diversas escolas da modalidade EJA em Guarulhos, seja como ferramenta de apoio para a produção de uma aula diferenciada e mais ilustrativa, seja para ampliar a ação de um projeto interdisciplinar como forma mais abrangente de apresentação e

acompanhamento ou até mesmo como proposta de observação da possibilidade do uso favorável destes recursos para qualidade de estudos e da vida destes sujeitos.

Embora as unidades escolares não contem com muitos recursos, hoje o que muitas possuem são: datashow instalado na sala de aula, algumas contam com notebooks adquiridos com verba própria e os laboratórios móveis disponibilizados através da organização de agendas. Ainda assim, as equipes escolares têm desenvolvido trabalhos otimizando os recursos e até ferramentas que os(as) próprios(as) estudantes utilizam, como os smartphones.

Em 2019, como exemplo de uma destas práticas, foi lançada a iniciativa do DOEP- EJA, com uma proposta de Projeto de Fotografias intitulado “O Mundo ao Meu Redor Através de um Click”, cuja proposta objetivou a valorização de produções artísticas e culturais em diferentes linguagens e mídias no processo de ensino e aprendizagem. A proposta foi oferecida para as Unidades Escolares que atendem a modalidade EJA, sendo que cada estudante das quatorze escolas que participaram, produziu um registro fotográfico, em preto e branco, sem efeitos especiais, tomados por meio de aparelhos smartphones ou câmeras digitais, gerando uma exposição na própria unidade e como culminância de uma grande exposição de fotos com premiação aos participantes realizada no Teatro Adamastor.

O Mundo ao Meu Redor Através de um Click”

Fotos Premiadas

EPG Amélia Duarte da Silva

Título da Fotografia:
“A Beleza da Manhã”

Educanda:
Kathellen Aparecida Silva Almeida





EPG Deucélia Adegas Pêra, Prof.^a

Título da Fotografia:
"Meu Pequeno Paraíso"

Educanda:
Sueli de Souza Ribeiro



EPG Gabriel José Antônio, Cap.

Título da Fotografia:
"O Amanhecer no Bosque Maia"

Educanda: *Josefa Dantas de Santana*

EPG Mário Quintana

Título da Fotografia:
"Poste e Paisagem do Lago dos Patos"

Educanda:
Marinalva Cândida de Jesus



EPG Celso Furtado

Título da Fotografia:
"Resquício da Natureza em Guarulhos"

Educanda: *Maria da Cruz Silva*

Devido as condições atuais de trabalho na educação, condicionadas ao ensino remoto pelas circunstâncias da pandemia do Covid-19, o uso de ferramentas da tecnologia se intensificou, tornando essencial e necessário para a continuidade do ensino e aproximação entre todos os profissionais e alunos, além da busca dos diversos meios tecnológicos possíveis para a continuidade da aprendizagem. Mesmo considerando todas as dificuldades de acesso tecnológico, pelas condições socioeconômicas tão distintas das comunidades escolares com EJA, seus gestores e seus educadores desenvolveram excelentes práticas incentivando a autonomia e protagonismo de seus alunos.

A exemplo disso, abaixo podem ser encontrados relatos de alguns profissionais, educadores(a) desta EJA:

“...Havia já três anos que estava com meus alunos na EJA da EPG Sebastião Luiz, famosa Praça Estrela, quando, no avanço das atividades em que aprendíamos as profissões e ofícios em inglês, optamos por elaborarmos nossos currículos, uma vez que muitos estudantes estavam à procura de emprego e não sabiam montá-los. Muitos pagavam para que fizessem seus currículos, pois não sabiam fazer documento em Word, mesmo os que tinham computador em casa. Além dos termos em inglês que aprendemos antecipadamente, como internet, mouse, entre outros, o mais importante foi ensiná-los a manusear desde os computadores até o editor de texto. Ligar, selecionar o programa, digitar e formatar, salvar o arquivo devidamente e até usar o e-mail. Mesmo os jovens não dominam tanto quanto pensam, apesar de se sentirem mais à vontade e acabam por ajudar muito, interagindo com os que têm menos familiaridade. Embora poucos percebam, há dezenas de referências em inglês no programa, o que torna a atividade bastante curiosa se nós nos atermos a buscar o sentido original desses termos. Enfim, muitos alunos reconheceram a dificuldade e agradeceram por muitas vezes pegarmos em suas mãos para manusear melhor...”
Prof. Victor Fernandes, professor de Língua e Cultura Inglesa -EJA na EPG Silvia de Cassia Mathias



“...Num dia estávamos na escola, no outro não tínhamos previsão de volta. Houve a necessidade de continuarmos desenvolvendo atividades com nossos alunos. Fiz o planejamento e encaminhei para a escola como o solicitado, nele continham atividades de revisão de conteúdos e nessas alturas os alunos teoricamente já estavam assistindo os Saberes em Casa.

Gravei um vídeo explicativo e quando comecei a conversar com os alunos me dei conta de o início da conversa era outro quando fiz a seguinte pergunta: “O que vocês estão achando dos vídeos dos Sa-

beres em Casa?” E a resposta foi um enorme silêncio, 100% da turma não tinha conseguido encontrar a aula da EJA por vários motivos: não conseguiram encontrar o canal, o portal, o vídeo no YouTube. Os que conseguiram assistiram uns minutos do vídeo e desistiram porque era direcionado às crianças. Inicialmente, o vídeo não era dividido por modalidade. Expliquei o funcionamento das ferramentas e dos aplicativos. Expliquei os endereços de acessos, barra de tempo do vídeo, formato dos arquivos e postagens. Fui modelizando e sempre estimulando a se arrisarem. Quando menos imaginei, comecei entrar na sala e o vídeo já estava lá acompanhado do áudio para os alunos com maiores dificuldades. Exatamente como eu vinha explicando. Emocionante! Também aconteceu da mesma forma com as atividades em Word e PDF. Um dia uma aluna disse que sabia encontrar o vídeo, mas também queria aprender a postar e um aluno explicou o passo a passo e ela “APRENDEU”. Através da linguagem do colega de turma. Concluindo minha fala, é verdade que está muito difícil trabalhar o conteúdo programado, com as estratégias que tínhamos traçado, traçamos outras. Porém, posso afirmar que jamais colocaria em meu planejamento o uso das ferramentas da tecnologia de forma tão significativa. Quando estimulamos o protagonismo fazemos grandes descobertas. Temos aprendido muito. É realmente apaixonante!!!...” Prof.^a Sônia Rogério – Ciclo I – EJA EPG Crispiniano Soares



“...A pandemia trouxe muitas possibilidades com a utilização das tecnologias entre os alunos da EJA, despertando no adulto o interesse, que até bem pouco tempo tinha receio de utilizar esse meio de informação instantânea. A utilização dos vídeos, documentários e imagens enriquece muito as aulas, principalmente para os alunos surdos, para quem as tecnologias auxiliam muito na compreensão. A utilização do celular, também contribuiu para o fortalecimento emocional, pois nos grupos de WhatsApp além de interagir com colegas e professores, sobre pesquisas, acompanhamento das tele aulas da Prefeitura, foi para além da escola, pois muitos deles passaram a fazer vídeos chamadas com familiares, diminuindo saudade causada pelo isolamento social...” Prof.^a Meiry Akemy Uemura, Coordenadora de projetos na sala de surdos adultos./EJA - EPG Crispiniano Soares

Assim, diante dos relatos apresentados, evidencia-se o comprometimento dos(as) educadores(as) da nossa EJA e que os recursos tecnológicos apoiam e enriquecem as aprendizagens.

Toda tecnologia, quando é adotada pela escola, deve ser usada e adaptada a fins educacionais, de forma que educadores e educandos possam ressignificar aquilo que, por meio das tecnologias, foi experimentado e aprendido, e assim contribuir com a construção de seu projeto de vida, cidadania e trabalho. (QSN - EJA p. 19)



Territórios – Contribuição da Professora Thais da Silva Pereira

Olá professores, coordenadores e gestores. Espero que todos estejam bem, diante da situação tão difícil que nós estamos passando, mas vamos crer que logo estaremos juntos.

Eu sou a professora Thais, professora de artes. Eu estou na rede desde 2013 e a seis anos eu leciono na modalidade EJA, que é uma grande paixão.

Bom, eu estou aqui para contribuir um pouquinho, falando sobre a interação dos alunos da EJA com a tecnologia.

Bom, nós passamos aí por um susto inicial, no início do isolamento. Como nós iríamos alcançar os nossos alunos? Medo de mexer com essas ferramentas tecnológicas, os equipamentos e aplicativos. Foi muito aprendizado em espaço de tempo muito curto e tudo muito intenso.

E além de tentar alcançar eles alunos, nós temos o medo, que é natural, de mexer com as redes sociais. Cuidados com a privacidade, o que nós estamos postando, a questão das Fake News. Então, todas essas situações nos deixam inseguros diante desse quadro.

Bem, no nosso documento QSN tem um eixo que é o educando e as tecnologias e ali ele vai nos dar algumas diretrizes do que a gente pode estar procurando fazer, sobre democratizar o acesso, e isso me assustava, porque tem uma parte falando sobre deixar meu aluno, permitir que ele manuseie esse equipamento. Eu ficava pensando: Como ele vai fazer isso sem se atrapalhar? E aí eu chego em outro ponto que é o celular.

O celular vem aí como um grande “vilão” nas nossas aulas presenciais. Ele tira a atenção de nossos educandos, os mais velhos ficam irritados com os mais jovens, enfim.

Só que agora nós vamos ter que repensar, porque nesse momento de isolamento, ele é a principal ferramenta de comunicação e de acesso as informações. Então agora esse celular deixa de ser esse “vilão”, para se tornar talvez um protagonista do momento, talvez uma ferramenta extremamente importante.

Então o que nós vamos fazer? Gente, nós temos que utilizar isso ao nosso favor, vamos usá-lo como ferramenta para as nossas aulas, para comunicação com os nossos alunos.

Algumas escolas optaram por ter grupos de WhatsApp por exemplo, esse meio de comunicação, e existe várias ferramentas dentro do próprio WhatsApp. Enfim, vamos usar a tecnologia a favor da educação.

Bem, e como usar essa tecnologia? Preciso entender um pouco desse meu educando. Quem é ele? É claro que a gente tem um pouco de noção. Eu vou mostrar uma coisa para vocês que não é nenhuma novidade, só está reunida em algumas informações. Então, eu quero mostrar para vocês o meu primeiro aluno.

O meu aluno número 1 é este aqui:

- Tem acesso a tudo;
- Ele tem os melhores equipamentos;
- Ele tem acesso a todas as redes sociais que ele pode;
- Ele sabe tudo o que acontece no meio das celebridades;
- Ele sabe de tudo o que é meme que aparece;
- É aquele aluno que esta antenado em tudo;

E não necessariamente esse aluno é assim porque tem mais condições, é que as vezes ele está realmente à procura disso. Então ele consegue ter acesso a essas coisas.

Agora o meu aluno número 2:

O meu aluno número 2 tem acesso, só que agora ele tem alguns limites:

- Ele não tem o smartphone top de linha, ele talvez tenha um intermediário;
- Ele tem alguns pacotes que ele fica escolhendo, qual que é o melhor que atende as necessidades dele.

Agora mãe número 3, a minha educanda número 3:

- Sede o aparelho que ela tem para que os filhos estudem;
- Às vezes até deixa de estudar para que os seus filhos possam fazer suas tarefas.

Eu separei um aluno, educando número 4, que está também na nossa realidade, entre muitas outras realidades, eu separei essas quatro.

E essa imagem (no slide) eu escolhi porque foi um caso que ficou muito conhecido desse aluno que usa wi-fi emprestado do açougue para poder estudar.

Essa menina embaixo, é uma menina de dez anos que fez o mesmo, também foi notícia. Então peguei as duas imagens, porque elas estão como notícia. E ela também usa wi-fi de um sítio vizinho e ela fez uma tenda que ficava dentro para estudar.

E por que eu mostrei todas essas imagens para vocês? Olha aqui essas informações:

Como nosso cérebro aprende:

- 10% lendo
- 20% ouvindo
- 30% observando
- 50% vendo e ouvindo
- 70% discutindo com os outros

Eu vou parar aqui (teriam mais itens). A gente insiste muito que o nosso aluno, para que ele lei os textos, que é muito importante. Eu gosto muito de leitura, mas olha que para reter a informação, para aprender, eu só gravo 10% dela. Imagina meu aluno que não está treinado na leitura ainda, será que ele atinge esses 10%?

Desconstruir preconceitos

Bom, mas para isso, para muitas dessas situações, nós precisamos desconstruir alguns conceitos que já internalizamos. É, por exemplo, com o uso desses aparelhos por pessoas de idade. Então, olha essas frases na prancha:

“Os alunos que não são dessa geração tem mais dificuldades com a tecnologia.” Verdade. Mas eles também aprendem. Olha esse dado:

“Idosos são o grupo que mais cresce entre os usuários de internet (aponta a PNAD 2017).” Isto é, está sendo um campo de estudo muito grande de pesquisadores dessa terceira idade. Mas nós também temos alunos de meia idade nesse processo.

Uma outra desculpa que a gente tem:

“Nem todos os alunos da EJA tem acesso a internet ou aparelhos.” Verdade? Verdade, mostrei lá nos nossos tipos de alunos, educandos, nosso número 4, por exemplo, pega emprestado algumas coisas.

Mas olha que interessante isto aqui:

“...Você sabia que no Brasil já soma-se mais de um smartphone por pessoa?!” É muita coisa gente!

“O Brasil é o número um em lixo tecnológico na América Latina.” Ele solta, descarta, em torno de uma tonelada e meia de lixo desse tipo por ano!

Existe um mundo de oportunidades virtuais para você e seus alunos. Gente, aproveitem esse momento, aproveitem para aprender e aproveitem para interagir com eles também.

Fiquem bem e se cuidem, espero ter contribuído.

Contribuições das(os) Educadoras(es) nos Fóruns realizados



A tecnologia é uma ferramenta intrinsecamente ligada à nossa sociedade. Enquanto sua evolução representa um marco profundo em toda a História, a forma como a utilizamos gera sempre benefícios e desafios. É impossível apontar um setor do mercado que não tenha sido amplamente influenciado pelo surgimento das novas tecnologias. É preciso cada vez menos deslocamento para realizar uma compra, solicitar um serviço ou mesmo executar um trabalho. Do ponto de vista do acesso à informação, a sociedade como um todo tem se beneficiado também da transparência nos processos. Um grande desafio da popularização das redes sociais é que, ao contrário do que acontecia há alguns anos, a informação não é hoje um simples ativo com valor agregado – é algo que exige mineração e avaliação cuidadosa. Consequentemente, a própria Educação é uma área que tem se preocupado em buscar formas de conscientizar os estudantes sobre a importância de analisar as informações da rede com um olhar mais crítico. A tecnologia é uma ferramenta que deve facilitar, agilizar – enfim, intermediar relações. É fundamental estar atento para que ela não se torne o mecanismo que direciona nossas escolhas. PCP Ricardo Cesar



A tecnologia tem sido nossa aliada e companheira desde o momento em que acordamos com o despertador do celular, por exemplo, até a hora de dormir com televisores, notebook , tablets... Observo diversos pontos positivos, dentre os quais pode-se citar o acesso instantâneo às informações de várias fontes, facilidades de tarefas, entretenimento, possibilidade de contato com pessoas de diversas partes do mundo, pesquisas científicas, dentre outras. Infelizmente toda essa informação à disposição de pessoas de má índole pode ser utilizada para o mal, assim como a falta de equilíbrio e dosagem de uso pode ocasionar danos, por exemplo. Desta forma, nota-se que não é a tecnologia em si que seja má ou que traga consigo pontos negativos, mas se trata do fim para que é utilizada e por quem. A tecnologia, especialmente a internet, tem sido uma ferramenta utilíssima para a aprendizagem dos educandos e educandas, especialmente nessa época de pandemia em que o ensino teve que acontecer online. De modo geral muitos sentiram dificuldades na aquisição do conhecimento, outros se sentiram bem à vontade com este novo formato de ensino aprendizagem. As tecnologias influenciaram e influenciam a vida de todos, uma vez que elas modificaram nossa forma de aprender, de nos comunicar com as pessoas, de realizar determinadas tarefas, e até mesmo de perceber o mundo.
Prof.^a Gláucia Martins Almeida Neves

Os pontos positivos são ao meu ver a inovação, interação, cooperação entre os alunos e professores, explanação lúdica, acesso rápido a informação e autonomia para a busca, aumento significativo da quantidade de informações de um determinado tema... Os pontos negativos: acesso e utilização das ferramentas tecnológicas que para a Educação de Jovens e Adultos ainda é uma barreira a ser totalmente destruída, sobrecarga cognitiva, perda da memória individual, superficialidade do raciocínio, desrespeito aos direitos autorais e por fim, a exposição a um ambiente de infinitas possibilidades diante da inocência dos nossos alunos. Na verdade, eu acredito que os pontos negativos são bem menores, mas perigosos em nível de estarem expostos no mundo virtual. PCP Viviane Torbitone

Corroborando com o que muitos colegas já bem disseram aqui, em outras palavras, não creio que hajam dúvidas sobre os benefícios da tecnologia. Com certeza cada salto que ela dá em nossa história, mais conforto desejado ela nos proporciona, assim como cria outros níveis de segurança, promove a vitória na luta contra doenças e

aproxima mundos antes tão distantes. Entretanto, não diferente do que também já foi explicitado neste fórum, há de se atentar às várias ressalvas que compreendem os passos que a tecnologia dá e tudo que com ela também é gerado, como a exclusão daqueles que por questões econômicas e sociais não podem acompanhar seus avanços e, conseqüentemente, ficam privados de gozar de muitos de seus benefícios. Além de outros tantos impactos que tais avanços também conferem à sociedade. Ao ter clareza disso, torna-se ainda mais evidente o nosso papel de tentar aproximar nossos alunos daquilo que historicamente vivem sem ter acesso, o que os coloca e mantem em condição marginalizada, distante inclusive da possibilidade de se engajarem mais ativa e autonomamente na sociedade.
Prof. André Nascimento da Silva



Como tenho percebido nas respostas da maioria dos meus colegas que disseram quase que de forma unânime acerca do lado positivo da tecnologia, modernidade e velocidade exigida nos dias atuais. Hoje as informações correm muito rápido, diferente de antigamente que demorava dias para sabermos o que acontecia do outro lado do mundo. Tais facilidades são notadas em vários setores e cada um com sua necessidade, como a de se aprimorar cada vez mais nas devidas áreas. Eu me lembro muito bem de quando assistia nos idos anos 70 ao desenho animado “Os Jetsons” (que hoje está sendo utilizado para ilustrar um comercial de um banco famoso) e na época era muito moderno mesmo a gente ver uma pessoa falando com a outra e vendo o rosto dela no monitor, sem contar o conforto das esteiras rolantes no shopping entre outras modernidades, acredito que só estão faltando as naves voando freneticamente, como no desenho. Comentando o lado negativo as repostas também são bem parecidas quanto ao fato de como fazer uso da tecnologia para o mal, como as Fake News, os hackers e outros males tecnológicos em várias áreas, sem contar o uso excessivo de aparelhos que causam males a saúde em geral, tanto psíquica ou física. Oxalá continue esta modernidade tecnológica por muitos anos, para que também na mesma proporção se descubra a forma de corrigir e evitar o lado negativo dessa história.
Prof. Jorge Luiz Alves de Faria

Nas minhas práticas de aula, quando vou abordar a temática sobre consumo irresponsável, impactos ambientais naturais e antrópicos, sustentabilidade entre outros temas, sempre começo utilizando os recursos tecnológicos que temos na escola, com aulas visuais, utilizando vídeos, documentários, reportagens, fotografias e filmes. Trabalhar o visual para criar o impacto, após isso, partimos para os

conceitos teóricos, históricos e geográficos e, quando possível, até visitas às exposições e centro de tratamento de efluentes, aterros sanitários e ocupações irregulares. Contudo, acredito que a educação deverá ser construída utilizando todos os sentidos e recursos disponíveis, sempre demonstrando a partir do local (na sala de aula, ou na escola, bairro, no município e expandindo para o regional) e assim, ampliando as discussões e temas para os problemas de escala global. Prof. Cleber Madureira

Sensibilizar os adultos para esse tema é muito mais difícil e desafiador do que sensibilizar as crianças. Seus valores já estão estabelecidos, e também aprenderam que o consumo garante o emprego, o comércio, a produção, a movimentação da economia. Por isso, conscientemente ou não, se sentem moralmente justificados quando podem consumir produtos tecnológicos, mesmo sem necessidade imediata. Há que se fazer um longo trabalho, de conscientização histórica, de compreensão da sociedade como um todo, de necessidade de transformação e superação do sistema capitalista, de busca por uma sociedade igualitária, com garantia de direitos e renda básica. Só assim será possível ver sentido em consumir menos, produzir menos, trabalhar menos e ainda assim viver com mais qualidade. Prof.^a Helenise Peralta Lemes Dos Anjos



Referências

AGOSTINHO, T. C. **Aproximações entre tecnologias militares e telecomunicações: O impacto das tecnologias desenvolvidas no meio militar nas telecomunicações.** 7o. Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

As duas grandes guerras mundiais: o legado tecnológico. Brasil Escola. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/historia-geral/as-duas-grandes-guerras-mundiais-o-legado-tecnologico.htm> . Acesso em 15 de Ago. de 2020.

BRAGA, D. B.(org) **Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social.** São Paulo, Ed. Cortez. 2015

DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais.** Vozes, Petrolis.2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

----- **Pedagogia do Oprimido.** 45º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 5 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUARULHOS. **Quadro de Saberes Necessários: Educação de Jovens e Adultos**. Secretaria de Educação. 2019.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LLOSA, Mário V. **A Civilização do Espetáculo**. São Paulo: Objetiva, 2013

MARCUSE, H. **O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial**. Edipro, São Paulo, 2015.

O que é Permacultura. Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em <https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/> . Acesso em 21-08-2020.

O agronegócio consciente e responsável, respeita e preserva o meio ambiente. Brasilagro, 2019. Disponível em <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/o-agronegocio-consciente-e-responsavel-respeita-e-preserva-o-meio-ambiente.html> . Acesso em 21-08-2020

PACHECO, H P e MARINHO, R. P. **Aproximação possível: Implicações da articulação da EJA e a EAD**. IV Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade: Ciência e tecnologia construindo a igualdade e a diversidade. 2011.

Para criador do Orkut as redes sociais deixaram de conectar e passaram a gerar solidão e insegurança- Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/06/para-criador-do-orkut-as-redes-sociais-deixaram-de-conectar-e-passaram-a-gerar-solidao-e-inseguranca-cjwkwn-zs03k301oi0odlvxrw.html> Acesso em 27/08/2020

PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONI, Maria C. F. (eds.) **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005.

Qual é o panorama atual do comércio eletrônico no Brasil?
Disponível em: <https://www.climba.com.br/blog/qual-e-o-panorama-atual-do-comercio-eletronico-no-brasil/> Acesso em 27/08/2020

SAGAN, Carl. **Cosmos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M.; SCARABOTTO, S. C. A.; MATOS, E. L. M. **Imigrantes e Nativos Digitais: Um dilema ou Desafio na Educação? X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSS, Curitiba: 2011.

TECNOLOGIAS INDÍGENAS: ESPLENDOR E CAPTURA. **Amazônia notícia e informação**, 2018. Disponível em <https://amazonia.org.br/2018/11/tecnologias-indigenas-esplendor-e-captura/> . Acesso em 21-08-2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização desta publicação decorreu do esforço coletivo de profissionais que enxergam e olham a Educação de Jovens e Adultos para além dos muros da escola, compreendendo efetivamente quem são esses sujeitos, de onde veem, quais são suas histórias, seus direitos, o que buscam e como podemos melhor atendê-los(as).

Buscamos abordar e evidenciar a diversidade, pluralidade e singularidades desta modalidade, o que é fundante para as compreensões e reflexões dos(as) educadores(as) que nela atuam ou pretendam atuar de maneira compromissada e dialógica. Como dizia Paulo Freire: “Partamos da experiência de aprender, de conhecer, por parte de quem se prepara para a tarefa docente, que envolve necessariamente estudar”.

Cientes de nosso contínuo aprendizado, deixamos aqui o convite para que tantas outras publicações possam ser realizadas e compartilhadas com a comunidade escolar, sempre buscando ampliar nossas reflexões e aprendizagens, valorizando os(as) profissionais da EJA e o protagonismo de seus(suas) educandos(as).

Nossa Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN)/2019, permeou todas as reflexões aqui apresentadas, evidenciando-se como currículo propositivo de uma educação integral e emancipadora, na qual não são apontadas prescrições de ação alienante, mas sim um documento norteador dos saberes necessários e da constante reflexão de nossa prática, para que esta seja efetivamente humanizada e transformadora.



ELOGIO DO APRENDIZADO

Aprenda o mais simples!
Para aqueles
Cuja hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC; não basta, mas
Aprenda! Não desanime!
Comece! É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!
Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda, ancião!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquira conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.
Não se envergonhe de perguntar, camarada!
Não se deixe convencer
Veja com seus olhos!
O que não sabe por conta própria
Não sabe.
Verifique a conta
É você que vai pagar.
Ponha o dedo sobre cada item
Pergunte: O que é isso?
Você tem que assumir o comando.

Bertolt Brecht

EJA-Guarulhos

Educação de Jovens e Adultos



EPG Dorcelina de Oliveira Folador



EPG Crispiniano Soares

Resistir
Freiear
Dialogar EJA
Esperanças
Guarulhos
Refletir
Lutar

gente
amigos
criar
Escola
Paulo
conviver
escola
amigos
criar
Escola
Paulo
conviver



EPG Deucelia Adegas Pera, Prof.^a



EPG Glorinha Pimentel



EPG Mário Lago



EPG Dorival Caymmi



Classe de Educação Bilíngüe para Surdos
EPG Crispiniano Soares



Centro de Referência do Idoso
EPG Selma Colalillo Marques



EPG Celso Furtado



EPG Hamilton Félix de Souza



EPG Tom Jobim



EPG Jorge Amado



EPG Amadeu Pereira Lima



EPG Jeanete Beauchamp



EPG José Maurício de Oliveira, Dr.



EPG Graciliano Ramos



EPG Manoel Bomfim



EPG Ione Gonçalves de Oliveira de Conti, Prof.^a



EPG Sebastião Luiz da Fonseca, Pastor



EPG Euclides da Cunha



EPG Da Emília



EPG Anísio Teixeira



EPG Antônio Gonçalves Dias



EPG Sítio do Pica-Pau Amarelo



EPG D'Almeida Barbosa



EPG Mário Quintana



EPG Darcy Ribeiro



EPG Silvia de Cássia Martins, Prof.^a



EPG Amélia Duarte da Silva



EPG Gabriel José Antônio, Cap.

ANEXO I

Pesquisa de Perfil de Estudantes da EJA

PERFIL DO EDUCANDO – Educação de Jovens e Adultos 01/12/2018

Perfil do educando construído a partir de questionário aplicado em todas as unidades escolares, correspondendo a mais de 50% dos estudantes matriculados no 2º semestre letivo de 2018 e dados levantados pelo DPIE – Departamento de Planejamento e Informática na Educação.

As escolas foram convidadas a participar da construção do perfil do educando por meio do questionário on-line (formulário digital) ou pelo questionário impresso – sendo tabulado pela equipe da Seção Técnica de Educação de Jovens e Adultos.

Os resultados apresentados são um retrato dos educandos atendidos, como uma foto instantânea, mas que podem nortear, desde as ações de políticas públicas até os Projetos Políticos Pedagógicos e os planejamentos de cada unidade escolar. No entanto, consideramos importante que a análise das informações não seja feita de forma isolada, sem a consideração de fatores como o contexto, a gestão, o corpo docente e etc.

Ao traçar o perfil da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Guarulhos, o principal objetivo foi o de conhecer melhor a realidade dos educandos e de como chegaram até a Educação de Jovens e Adultos.

Concomitantemente, em parceria com o DPIE, foram coletados dados do sistema de Gestão Escolar (CPQD), cujos dados incluem todas as matrículas e movimentações na vida escolar dos estudantes, sendo a data base de 06 de novembro de 2018.

Para efeito de comparação, os dados referentes aos ciclos foram agrupados conforme a configuração atual.

EJA 2001 a 2009 Decreto nº 21208/2001		EJA 2010 Portaria nº 34/2009		EJA 2011 a 2013 Portaria nº 43/2010		EJA a partir de 2014 Portaria nº104/2013		
Ciclo I	1ª série	Ciclo I	1º ano	Ciclo I	Anos iniciais do Ensino Fundamental	Ciclo I	1º e 2º anos	Semestre Letivo 1
	2ª série		2º ano				3º ano	Semestre Letivo 2
Ciclo II	3ª série	Ciclo II	3º ano	Ciclo II		4º ano	Semestre Letivo 3	
	4ª série		4º ano			5º ano	Semestre Letivo 4	
Ciclo III	5ª série	Ciclo III	5º ano	Ciclo III	Anos finais do Ensino Fundamental	Ciclo II	6º ano	Semestre Letivo 1
	6ª série		6º ano				7º ano	Semestre Letivo 2
	7ª série	Ciclo IV	7º ano	Ciclo IV		8º ano	Semestre Letivo 3	
	8ª série		8º ano			9º ano	Semestre Letivo 4	

Tabela 1 - Tabela de Equivalência anos/ciclos, também utilizada no Histórico Escolar

Assim, todos os dados, desde 2007, foram agrupados em Ciclo I ou Ciclo II, respeitando o agrupamento conforme a tabela 1.

1.1 Matrículas e atendimento

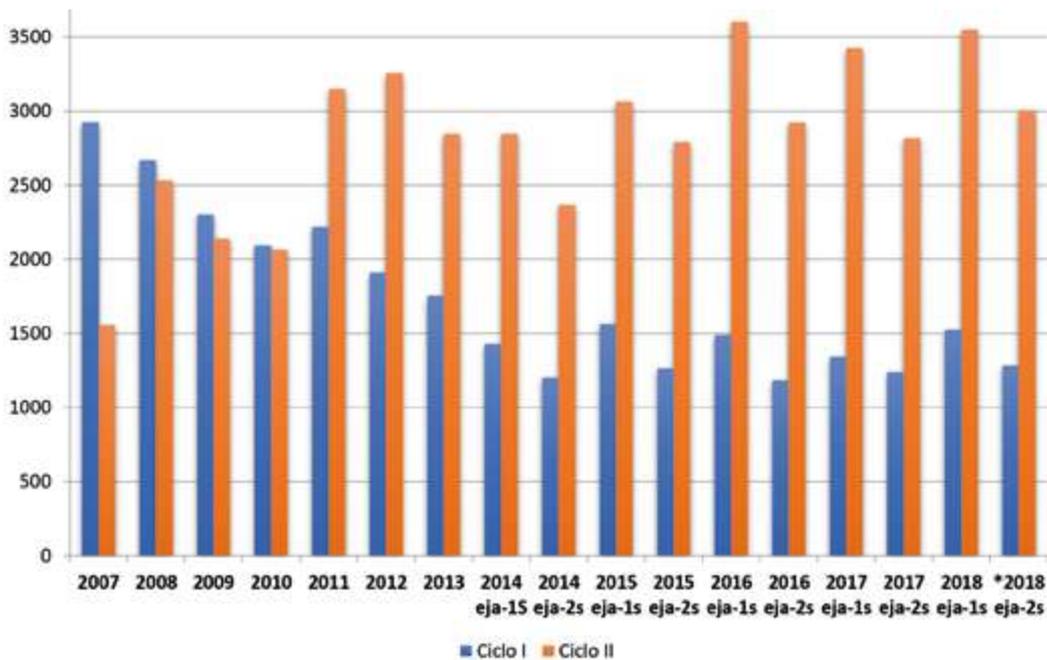


Figura 1 – Dados extraídos do CPQD

A partir da análise do número absoluto de matrículas podemos observar uma inversão quase proporcional no que se refere às matrículas do Ciclo I e Ciclo II em 2007 e em 2018.

Considerando também o número de unidades escolares que atendiam à modalidade EJA desde 2007 – total de 50 escolas e que nos últimos 4 anos a Rede Municipal tem trabalhado com cerca de 28 escolas, percebemos que não houve redução no total de estudantes.

1.2 Região de origem

A região de origem, o local de nascimento dos nossos educandos, dizem muito sobre sua história de vida. Em números absolutos sempre tivemos a maior parte dos estudantes matriculados de origem da região nordeste.

Naturalidade (n.º absoluto)

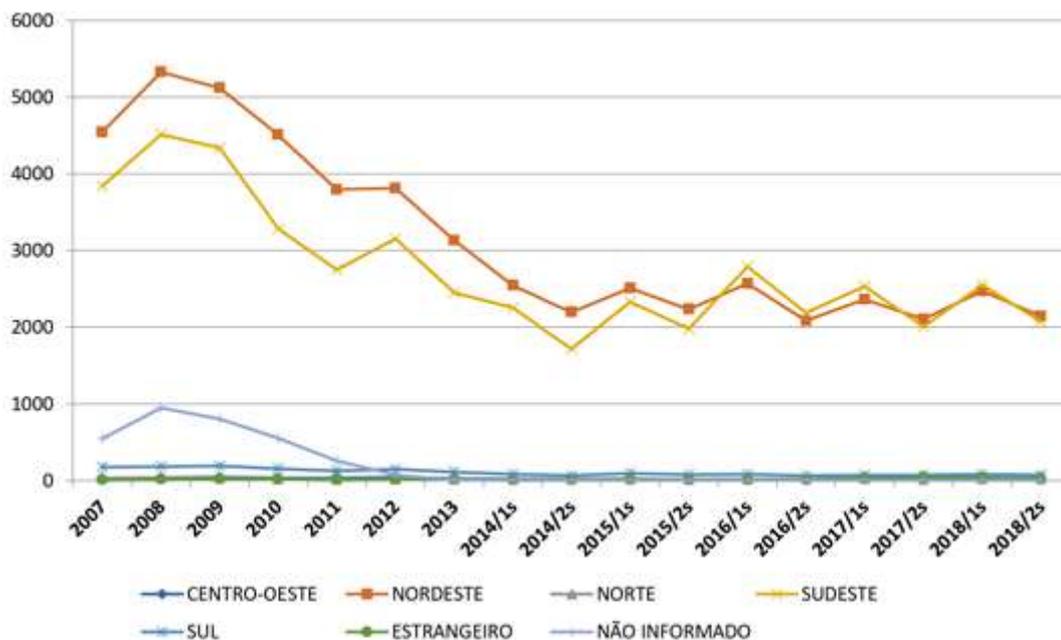


Figura 2 – Dados extraídos do CPQD

Naturalidade

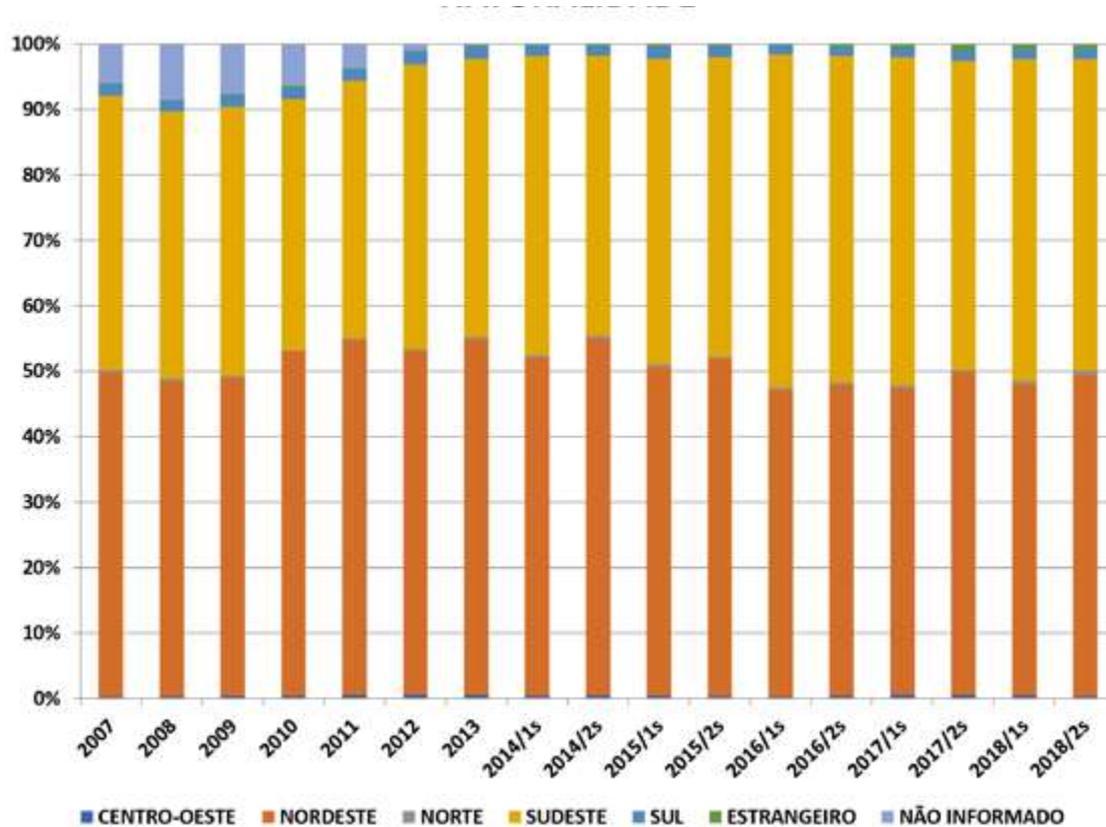


Figura 3 – Dados extraídos do CPQD

Região de origem (Rede)

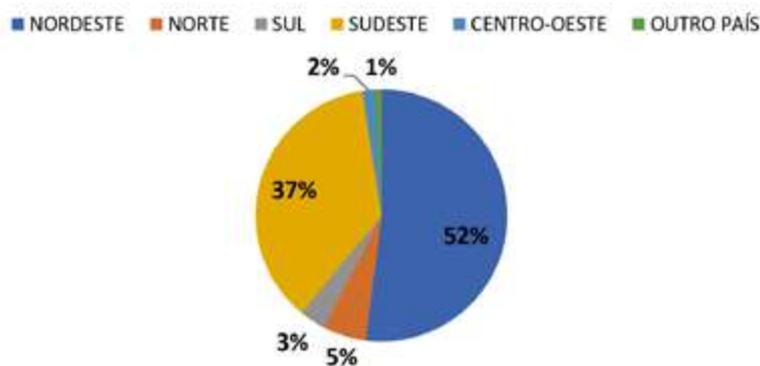


Figura 4 – Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

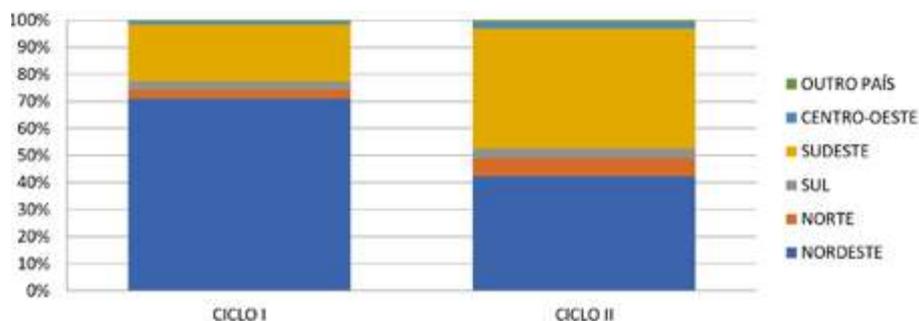


Figura 5 – Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Com a extração dos dados por ciclo, ainda verificamos que a maior parte dos migrantes, em especial os nordestinos, são os mais velhos, ou seja, matriculados no Ciclo I. Ainda, importante considerar a matrícula de estrangeiros.

1.3 Faixa etária

Matrículas iniciais- Faixa etária- Ciclo I

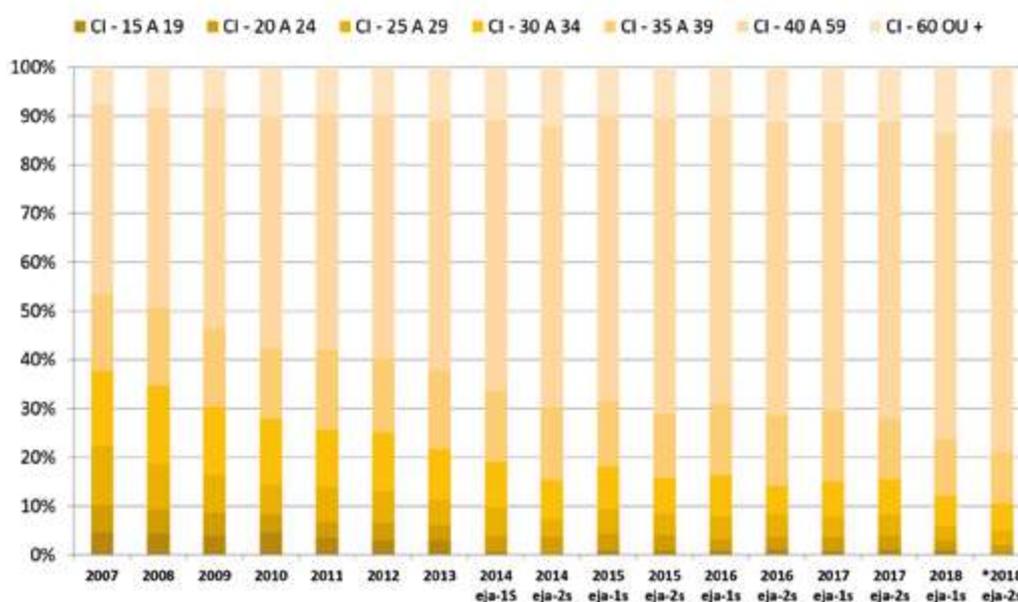


Figura 6 - Dados extraídos do CPQD

A juvenilização da EJA é um aspecto que vem sendo discutido em todas as regiões do Brasil. No entanto, no caso do Ciclo I observamos que ao longo do período estudado houve um aumento da faixa etária das matrículas. E, no Ciclo II, conforme a figura 7, há um crescente no que se refere a presença dos mais jovens – 15 a 19 anos, mas que não ultrapassam mais do que um 1/3 das matrículas.

Matrículas iniciais- Faixa etária- Ciclo II

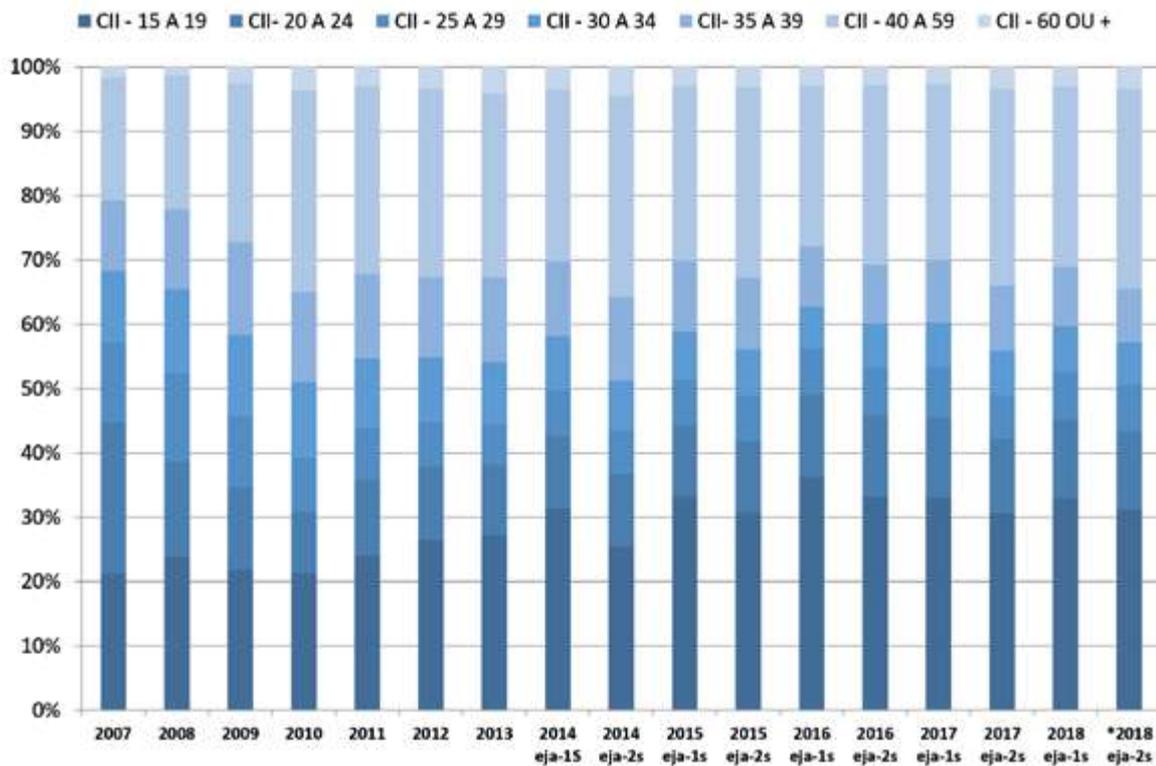


Figura 7 – Dados extraídos do CPQD

Faixa etária por ciclo (Rede)

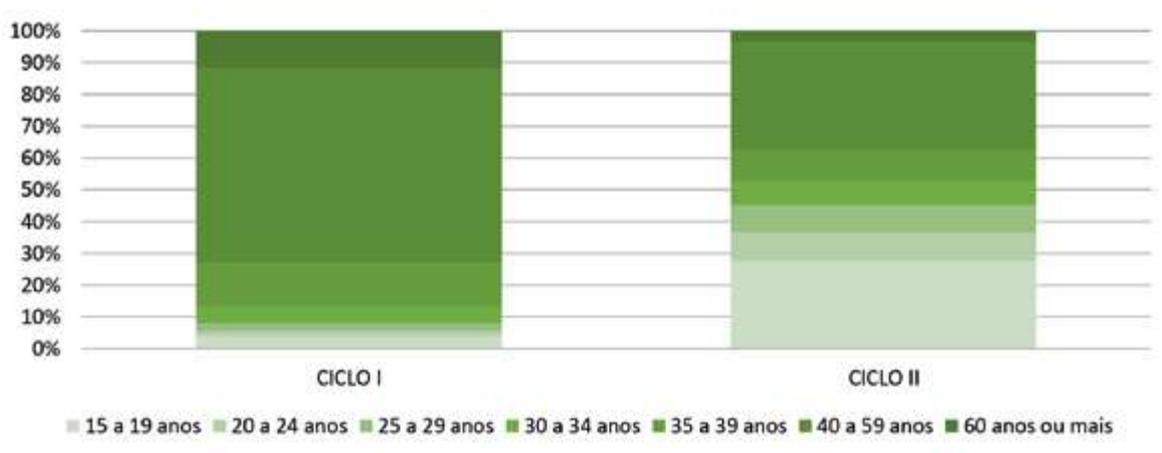


Figura 8 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

1.4 Sexo

Matrículas segundo o sexo (n.º absoluto)

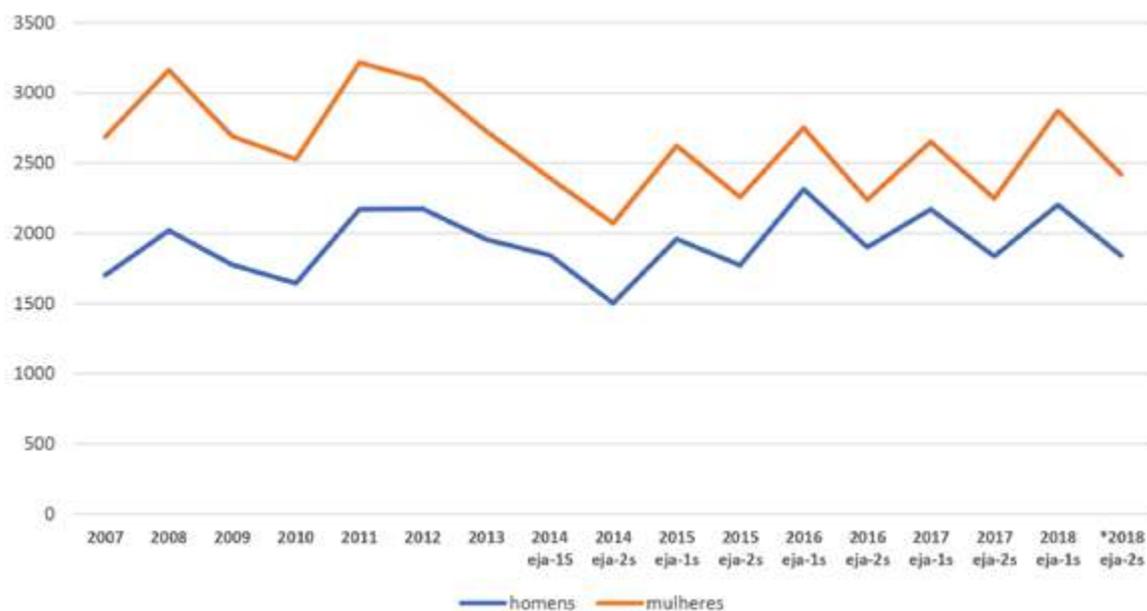


Figura 9- Dados extraídos do CPQD

Sexo (Rede)



Figura 10 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

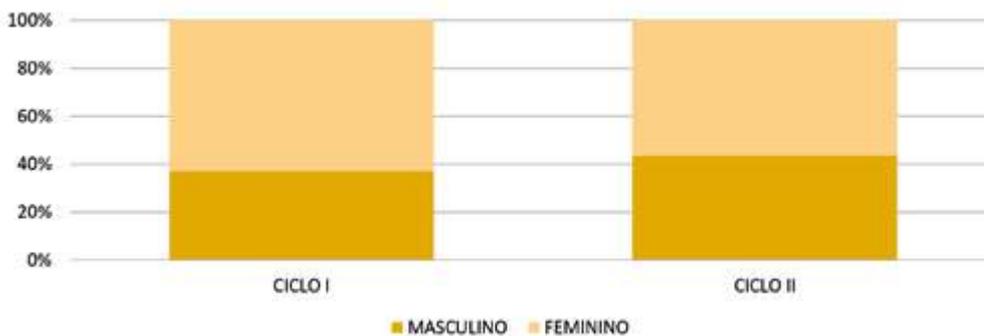


Figura 11 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

1.5 Estado civil e filhos

Estado civil (Rede)

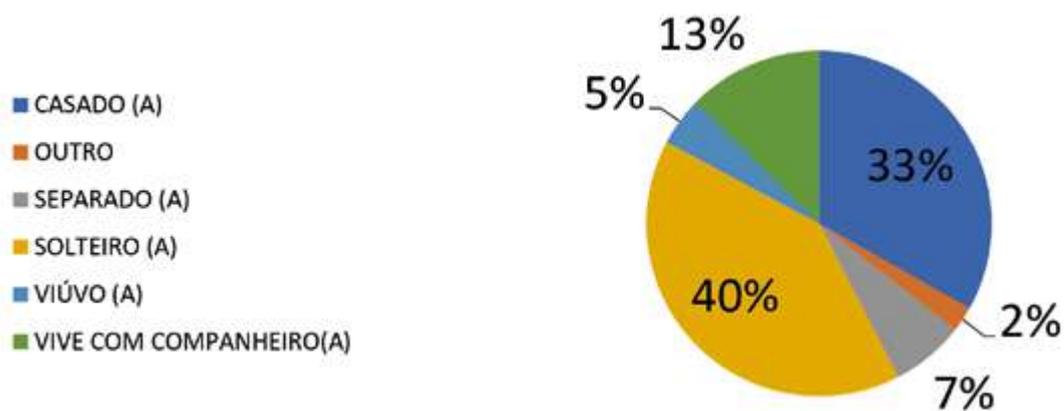


Figura 12 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

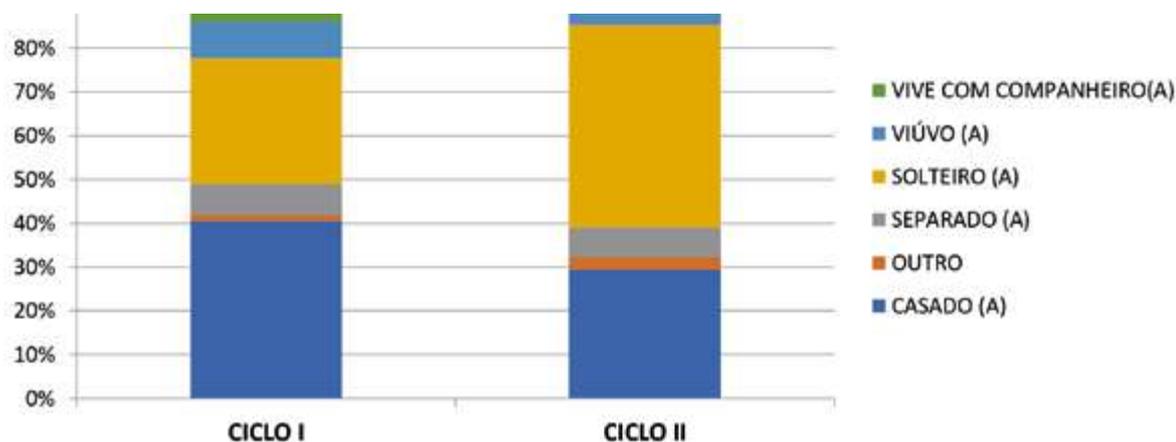


Figura 13 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Número de filhos (Rede)

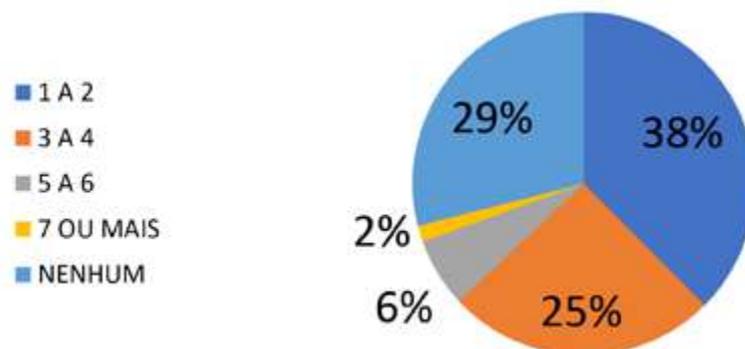


Figura 14 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

1.6 Condições de moradia e trabalho Condição do domicílio (Rede)



Figura 15 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Número de pessoas na residência (Rede)

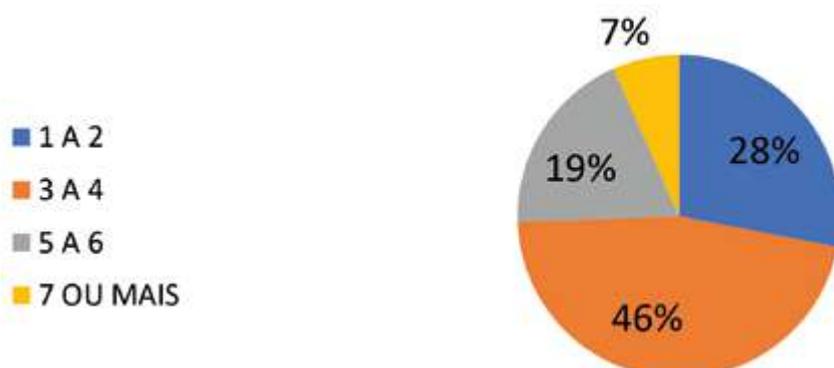


Figura 16 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Renda familiar (Rede)

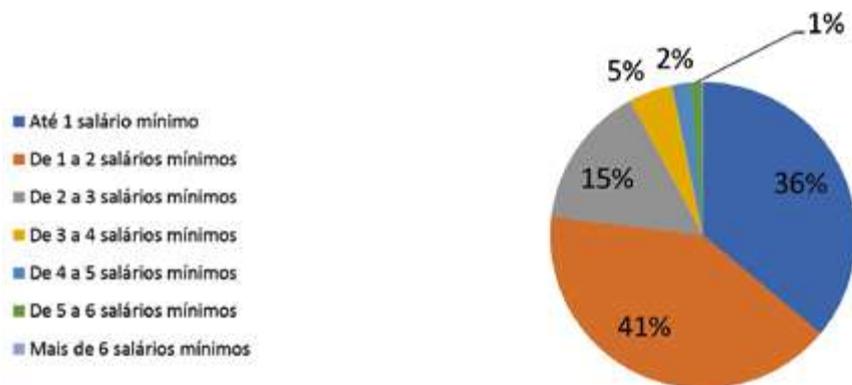


Figura 17 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Situação de trabalho (Rede)

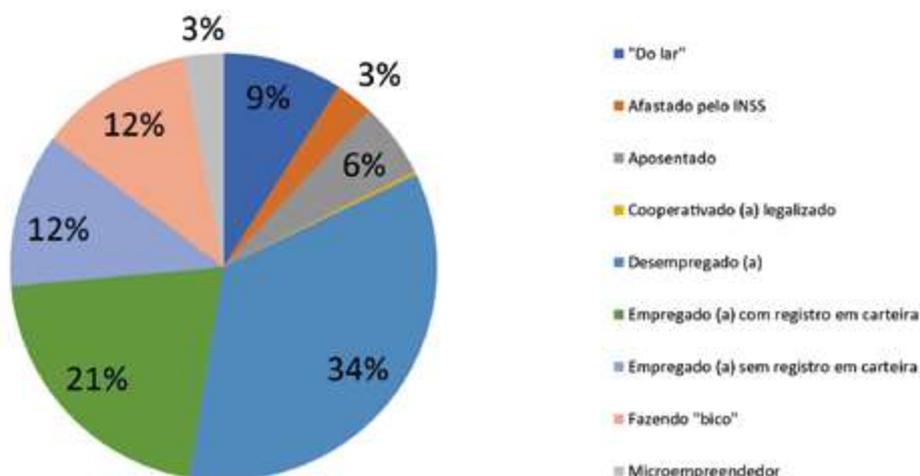


Figura 18 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Pessoas em casa que não concluíram o ensino fundamental (Rede)

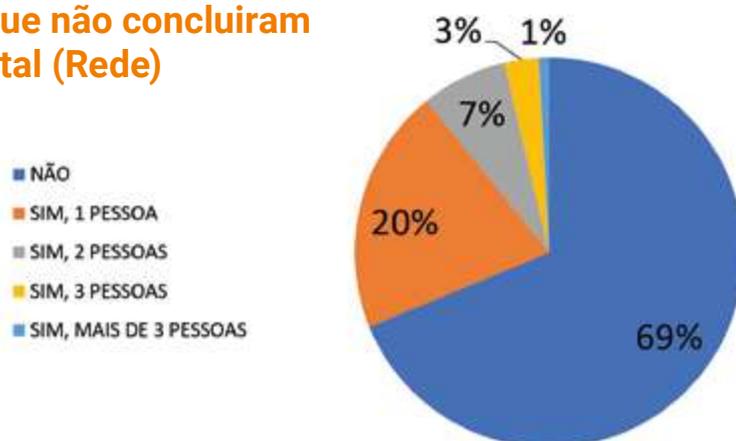


Figura 19 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

1.7 Relação com Educação Formal

Educação Formal anterior (Rede)

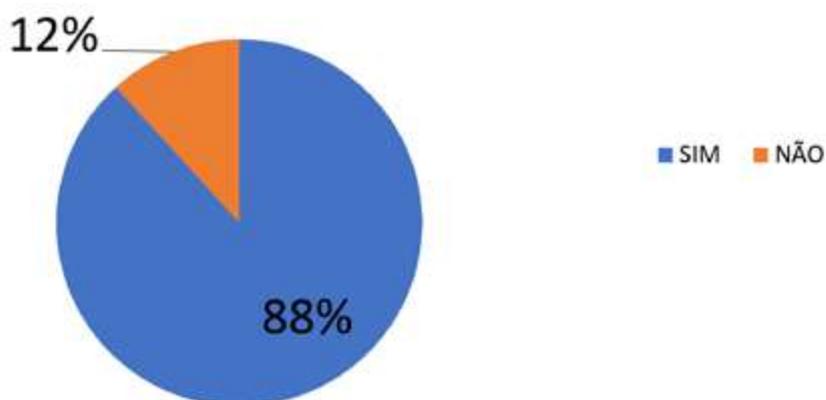


Figura 20 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

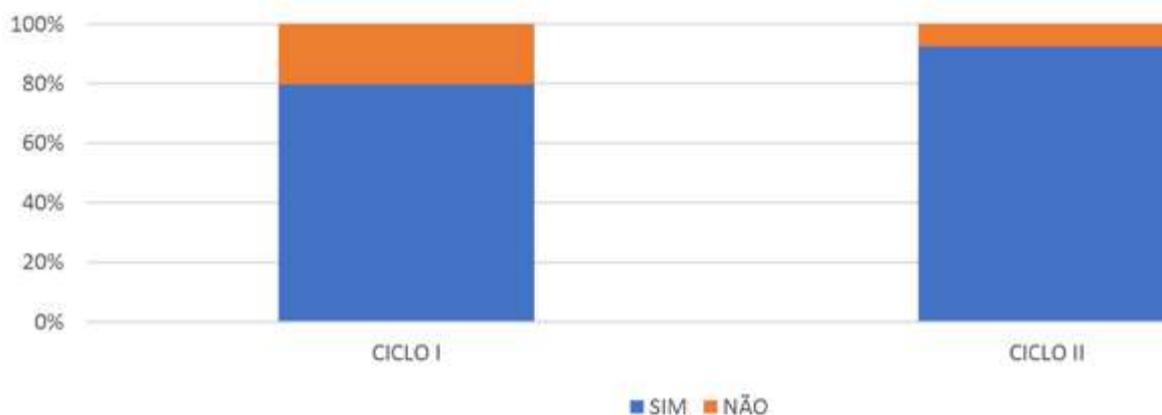


Figura 21 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Instituição que frequentou anteriormente (Rede)

- ESCOLA ESTADUAL
- ESCOLA MUNICIPAL
- ESCOLA PARTICULAR
- MOVA
- OUTRAS INSTITUIÇÕES

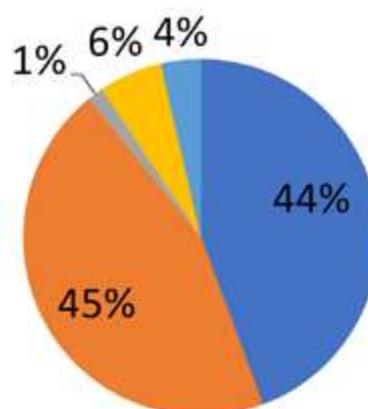


Figura 22 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Tempo fora da escola (Rede)

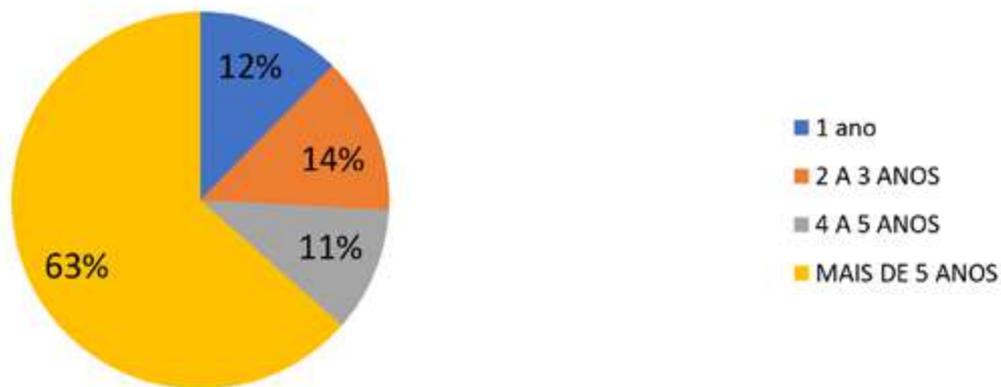


Figura 23 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Principais motivos de ter interrompido os estudos (Rede)

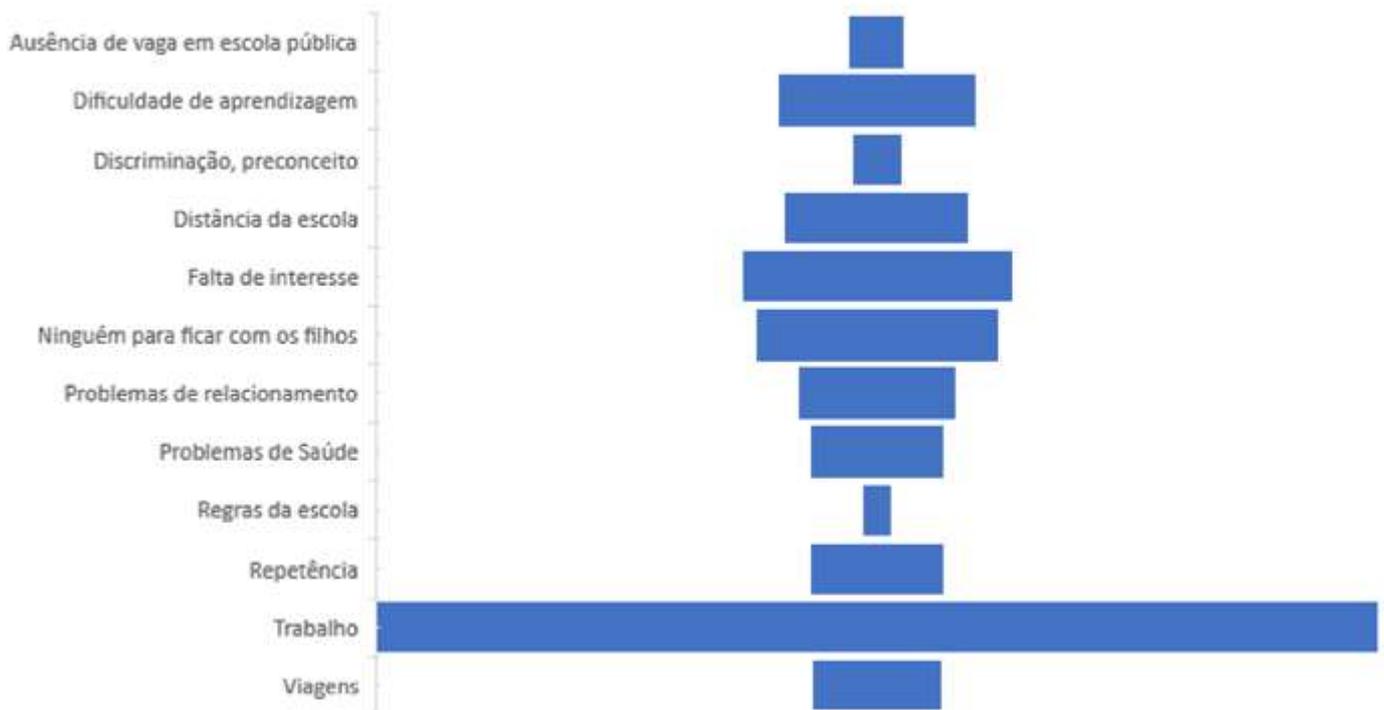


Figura 24 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

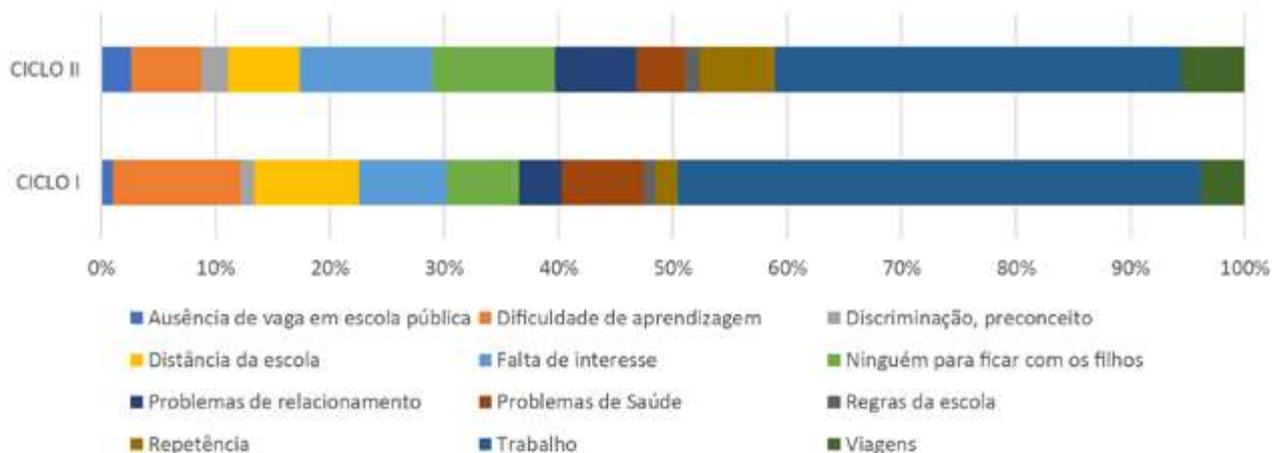


Figura 25 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

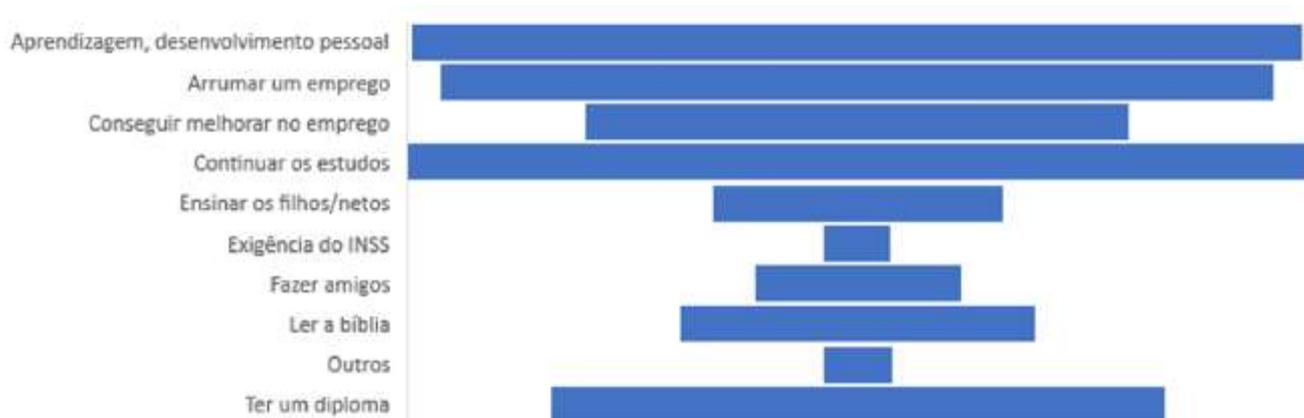


Figura 26 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

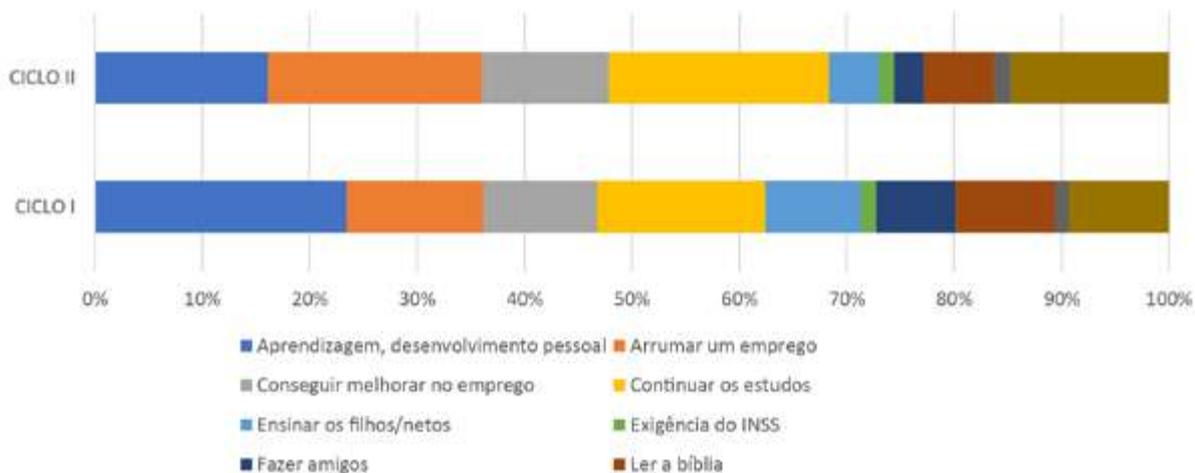


Figura 27 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Se alimenta na escola (Rede)

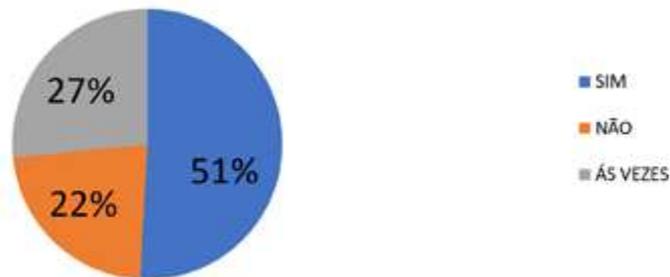


Figura 28 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Se alimenta na escola

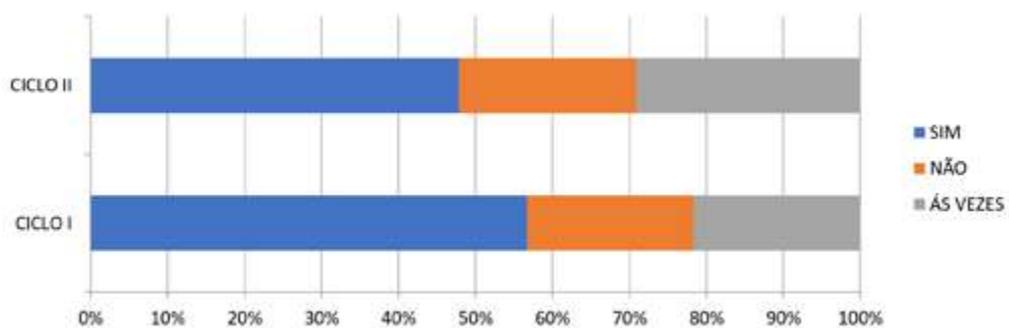


Figura 29 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

1.8 Comportamento Acesso à internet (Rede)

■ SIM ■ NÃO ■ ÀS VEZES

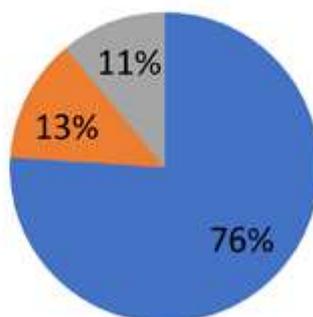


Figura 30 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

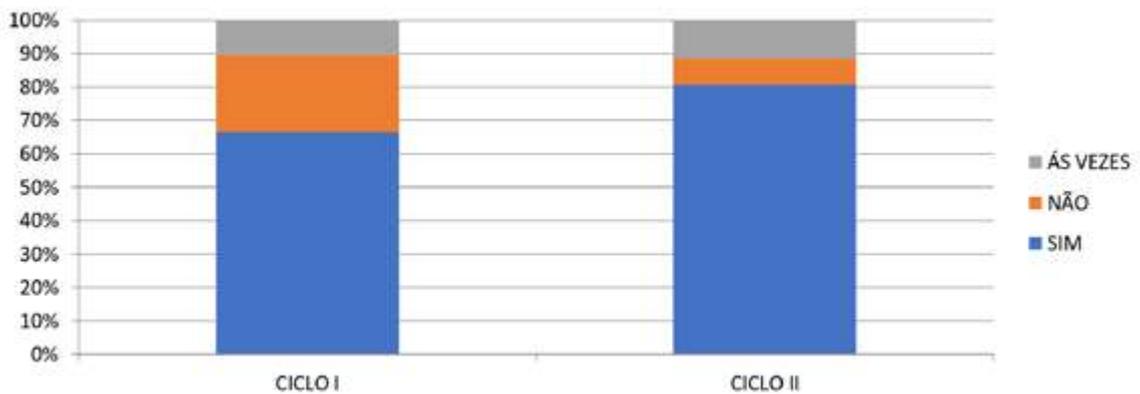


Figura 31 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Onde tem acesso à internet (Rede)

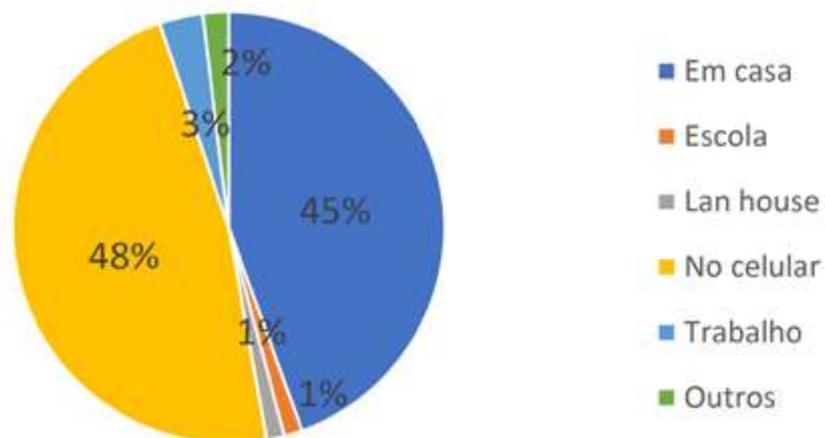


Figura 32 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Livros lidos no último ano (Rede)

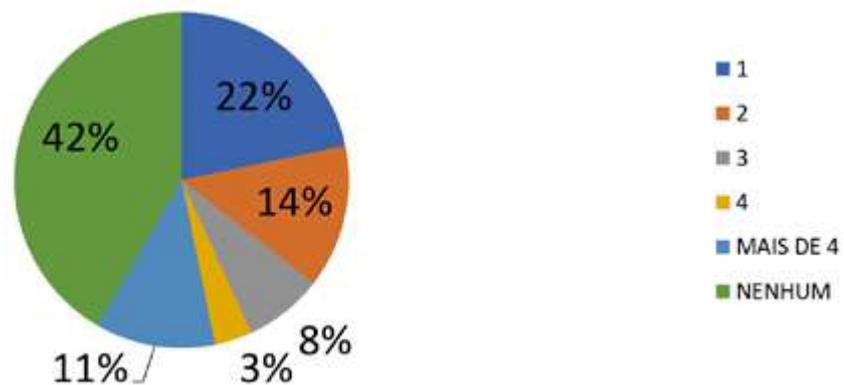


Figura 33 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Lugares que costuma frequentar (Rede)



Figura 34 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

1.9 Evasão escolar

Tratamos como evasão escolar a relação da soma das matrículas tidas como “abandono” e “desistência” pelo total de matrículas iniciais. Foram descartados os totais de estudantes “transferidos” e “falecidos”.

Taxa de evasão

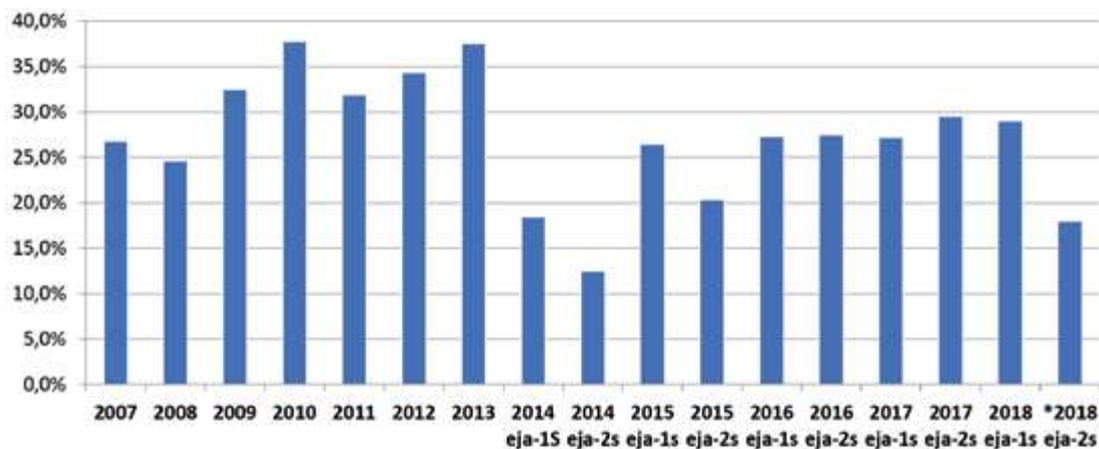


Figura 35 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Taxa de evasão

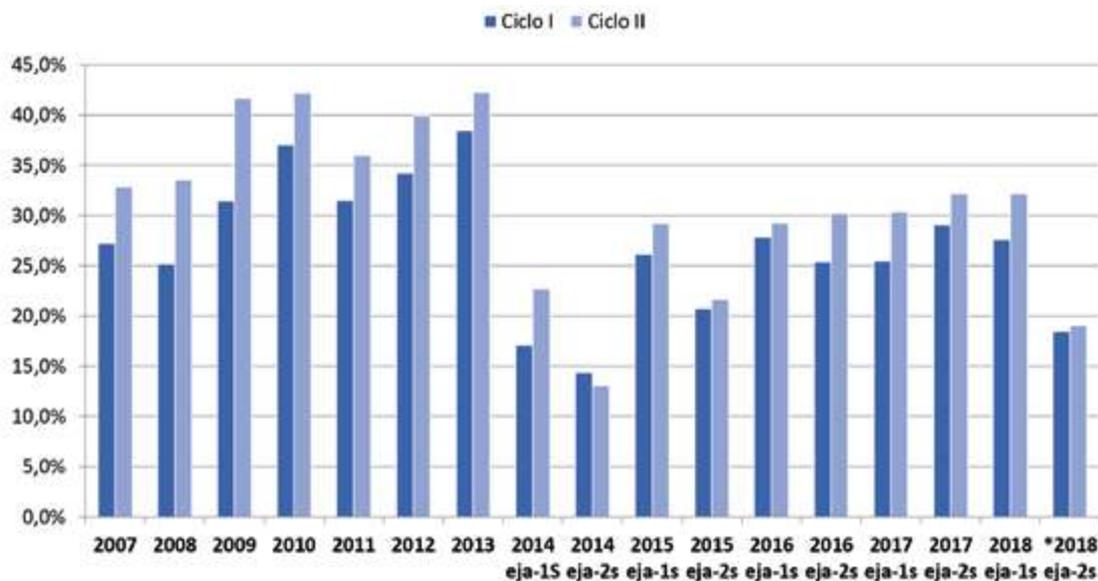


Figura 36 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Evasão - Faixa etária - Ciclo II

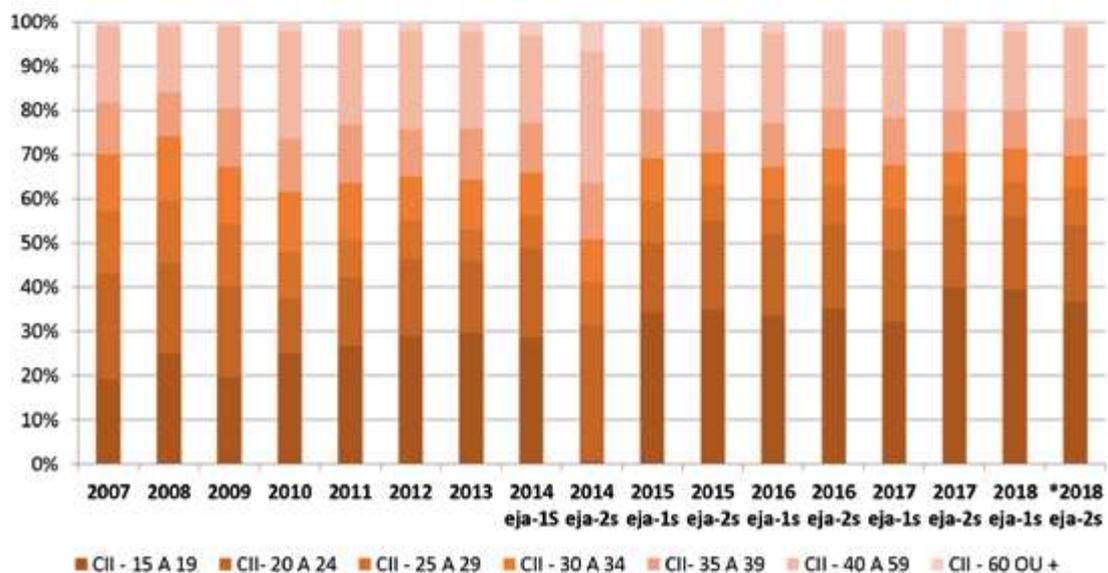


Figura 37 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

Evasão - Faixa etária - Ciclo I

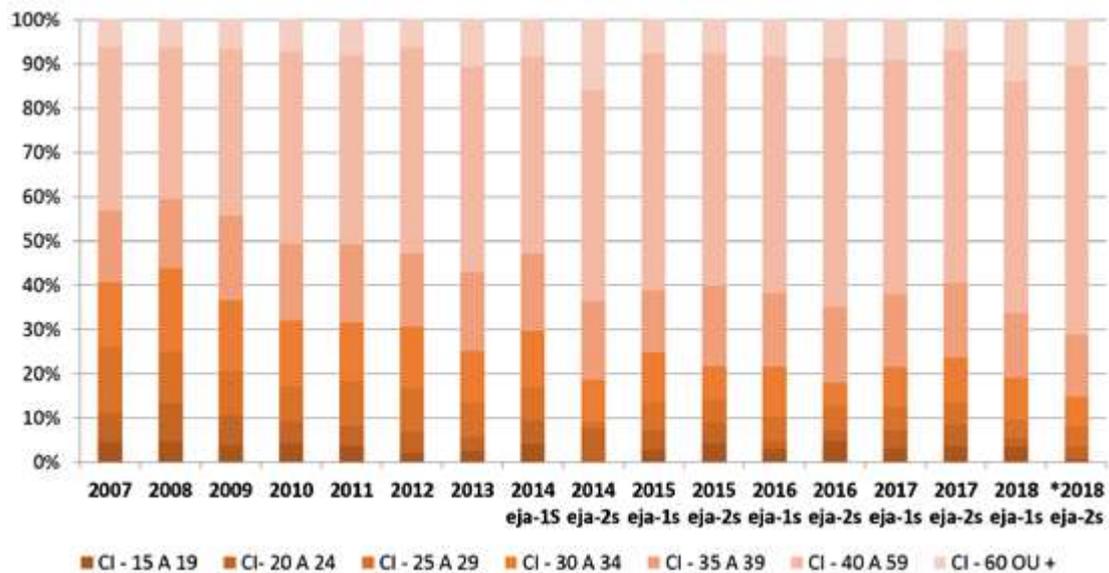


Figura 38 - Dados extraídos do questionário de perfil (correspondente aos educandos matriculados no 2º sem/2018)

ANEXO II

SAIBA MAIS

LINKS UTILIZADOS NA PLATAFORMA

CAPÍTULO I - Tudo mudou e agora? Repensando o planejar

Acolhimento – Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos <http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/arquivo/?idinstituicao=&idtipo=&nome=acolhimento&submit=Buscar>

Artigo: Projeto político-pedagógico: saberes na intencionalidade político democrática dos sujeitos dialógicos - Lélío Favacho Braga e Antônio Joaquim Severino <https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/download/1296/leliov3n2.pdf>

Dia da educação: entrevista - Tião Rocha <https://www.youtube.com/watch?v=t6jmSXwAKAk>

Entrevista: Afetos e Educação - Viviane Mosé <https://www.youtube.com/watch?v=OKuf1vBZFXc&feature=youtu.be>

Escolas Transformadoras, Êda Luiz - CIEJA Campo Limpo <https://www.youtube.com/watch?v=d-6vOSHdAmrc>

Frase de reflexão - Jostein Gaarder https://www.pensador.com/frase_professor/2/

Introdução ao Módulo – Coordenador de Programas Educacionais Jefferson Carvalho Pimenta <https://www.youtube.com/watch?v=nllASvBDOfY>

Matéria: CIEJA Campo Limpo reformulou o currículo para fortalecer a autonomia dos estudantes <https://educacaointegral.org.br/especiais/equidade-ensino-medio/experiencias/cieja-campo-limpo-reformulou-o-curriculo-para-fortalecer-a-autonomia-dos-estudantes/>

Matéria: É preciso acolher com mais cuidado a juventude na EJA, Ewerton de Souza – Nova Escola <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1875/blog-coordenadoras-em-acao-e-preciso-acolher-com-mais-cuidado-a-juventude-na-eja#:~:text=Cada%20vez%20mais%20jovens%20migram,Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Jovens%20e%20Adultos>

Matéria: Para que serve a escola? Por Isaias Costas – Casa do Rubem <https://www.nacasadorubem.com.br/para-que-serve-a-escola/>

Média Metragem: Isto Não é um Cachimbo vol. 1- Andre Okuma e Reiko Otake <https://www.youtube.com/watch?v=f8JsMPwuUo4&t=511s>

Música: Amor pra recomeçar – Frejat <https://www.youtube.com/watch?v=ozpP1i1wPY8>

O Educador e o Diretor de Harmonia - Tião Rocha <https://www.youtube.com/watch?v=pawWDzdEGMo>

O papel do professor, Pensadores: Paulo Freire – Nova Escola. <https://www.youtube.com/watch?v=uz66M5u6cco>

Para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira - Tião Rocha https://www.youtube.com/watch?v=qA_R6Pzc0_E

Ping pong balls and mouse traps illustrate powerful message: 'Social distancing works' - O Departamento de Saúde de Ohio https://www.youtube.com/watch?v=a-hXF_viuUD0

Planejamento 2020 – Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos <http://portal-educacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/arquivo/?idinstituicao=&idtipo=&nome=planejamento+2020&submit=Buscar>

Planejar, escolher, abdicar – Mario Sergio Cortella <https://www.youtube.com/watch?v=GLNurpdErNI>

Podcast: Patrimônio cultural imaterial, um legado da parceria escola e famílias - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos <http://portal-educacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/detalhar/conteudo/4724/>

Poema: Reinvenção – Cecília Meirelles <https://www.escritas.org/pt/t/5291/reinvencao>

Prêmio Victor Civita Educador Nota 10, Felipe Bandoni de Oliveira (2012) – Nova Escola <https://www.youtube.com/watch?v=m9CtgSEqdTQ>

Proposta Curricular (QSN) Introdutório – Documento da Rede Municipal de Guarulhos https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/theme/qsn/files/Introducao%CC%81rio_digital.pdf

Proposta Curricular QSN, Introdutório: “A função social da escola” (pág.)45 a 50 - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos. https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/12232/mod_resource/content/56/Introdutorio_digital.pdf

Proposta Curricular QSN, Introdutório: “Ciclos de formação” (pág.)51 a 53 - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos. https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/12232/mod_resource/content/56/Introdutorio_digital.pdf

Proposta Curricular QSN, Introdutório: “Educação em direitos humanos: igualdade, equidade e diversidade” (pág.)23 a 30 - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos. https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/11675/mod_resource/content/15/Introdutorio_digital.pdf

Reportagem: Quando as emoções entram no currículo, Patrick Cassimiro, Maggi Krause e Bruna Nicolielo – Nova Escola <https://novaescola.org.br/conteudo/8811/quando-as-emocoes-entram-no-curriculo>

Saberes em Casa: Episódio 17 (26/05/2020) - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos <https://www.youtube.com/watch?v=IAAn98cHdiu4>

Territórios – Professora Coordenadora Pedagógica - Edina de Souza Barreira Piologo <https://www.youtube.com/watch?v=Cr9Bm4GfONo>

Territórios – Professor Vicente Alves Batista <https://www.youtube.com/watch?v=gFnSBo7iBpl>

Territórios – Professora Coordenadora Pedagógica Silvana Souza de Mendonça Santos <https://www.youtube.com/watch?v=R518gnULpoA>

Territórios – Supervisora Escolar Patrícia de Oliveira Antônio https://www.youtube.com/watch?v=-_PBd8ou4_A

Texto de introdução do EJA da Proposta Curricular 2020 – Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos <http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/categoria/8/>

Texto: A construção das identidades e a educação escolar - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos <https://drive.google.com/file/d/11a2aU88ltwPvHmfzaolw1YE0m7j-q3PQ5/view?usp=sharing>

Texto: Dez importantes questões a considerar... – Rosaura Soligo <http://www.ocesc.org.br/cooperjovem/arquivos/leitura.pdf#page=1>

Texto: O Programa Saberes em Casa – Eu e o Mundo – Sustentabilidade - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos https://drive.google.com/file/d/1H_53zzpmUMA0VKC7eateJu91XYi3Oysv/view

Texto: O Programa Saberes em Casa e sua articulação com a Proposta Curricular QSN – Quadro de Saberes Necessários – Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos https://drive.google.com/file/d/1s-98_h9tZwocr0WKQ3J9ZT7WQpEMtIED/view?usp=sharing

Texto: Resiliência humana em tempos de crise - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos https://drive.google.com/file/d/1_IH58G-RcHchhJrvoYe-TR6BVcytfo8e/view?usp=sharing

Texto: Roteiros de Estudo e/ou Aprendizagem Orientações aos Educadores - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/11553/mod_resource/content/65/Roteiro_de_Aprendizagem_-_Orientacoes_para_os_Educadores.pdf

The Last Knit - Laura Neuvonem <https://www.youtube.com/watch?v=M6ZjMWLqJvM&feature=youtu.be>

CAPÍTULO II - Em busca da EJA emancipadora: A vez e voz dos estudantes

Texto: Paulo freire e Guarulhos, por Thiago Guerra https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/13457/mod_resource/content/7/3_gru_qsn_stb_m3_u1_peb-eja_paulo_freire.pdf

A trajetória da EJA em Guarulhos: Marcas e Legados, por Thiago Guerra <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2706/pdf%20>

Centro Municipal de Educação Adamastor
<http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/espaco/13241/>

Guarulhos Espaço de Muitos Povos

<http://www.histoecultura.com.br/bibliotecavirtual/05/Livro-Guarulhos-Espa%C3%A7o%20de%20Muitos%20Povos-livro-guarulhos.pdf>

Pesquisa Perfil dos Educandos da EJA
https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/15695/mod_resource/content/78/Perfil_do_educando_EJA.pdf

Frases de Eduardo Galeano <https://www.pensador.com/frase/MTk1NDEyNQ/>

Lei nº 8.069/1990 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069compilado.htm

Indicadores de fluxo escolar na Educação Básica (INEP 2016)
http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206

Síntese de indicadores sociais IBGE 2019
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>

Jogo Mancala
<https://diversa.org.br/relatos-de-experiencia/mancala-inclusao-descolonizacao-curriculo-eja/>

Poésies Pedagógica <https://doi.org/10.5216/rpp.v12i1.31218>

Mova Guarulhos- Um espaço de militância e o perfil do seu educador
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/42/7>

Portaria nº 80/2014 – SE
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=37071-oficio-circular-n80-2014-bpeq-ebtt-pdf&category_slug=abril-2016&Itemid=30192

Portaria nº 36/2018 – SE
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=37071-oficio-circular-n80-2014-bpeq-ebtt-pdf&category_slug=abril-2016&Itemid=30192

Entrevista com a professora Maria Clara de Pierro
<https://anped.org.br/news/entrevista-com-maria-clara-de-pierro-usp-educacao-de-jovens-e-adultos-eja>

Entrevista da professora Jane Paiva, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), sobre o ensino, a aprendizagem e o corpo de conhecimentos da EJA - <https://www.youtube.com/watch?v=MmzfrUtn008>

GUARULHOS (Prefeitura). Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos. Almanaque Mova 10 anos. 2012. <http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/exibir/arquivo/506/inline/>

SABERES EM REDE. Revista. Prefeitura Municipal de Guarulhos. 2016.
<http://educacao.guarulhos.sp.gov.br>

Angicos 50 anos <https://youtu.be/rgcyWqpa0fc>

História da EJA Guarulhos, por Thiago Guerra <https://youtu.be/Pxx94fYPSNY>

Entrevista Miguel Arroyo – Paradigma do Humano https://youtu.be/zs__dIEMq6U

CIEJA aluna Jéssica Nunes Herculano
<https://diversa.org.br/relatos-de-experiencia/volei-para-idosos-praticado-rua-transforma-escola-comunidade/>

Fora de série, bastidores
<https://youtu.be/0lrCTGhnozY>

Fora de série, trecho do filme https://youtu.be/_Ag2tlV5QCg

Territórios – Profa. Francisca Inácia de Alencar Carvalho Barros
https://photos.google.com/share/AF1QipOagQ_0HyN_kLp-6d-OnHYX-J5MEiTd3DVdHLCHvO_9Ea03s8OiTmNKp0ZQedJj-MA?key=NndFdFBieHpZVn-NBS1hIRGc5TFIXa0lxM09pSFJn

Territórios – Prof. Hélio de Souza Reis
https://onedrive.live.com/?authkey=%21AetYUDzkUA-Q_a0&cid=6E7C3158FD281F1A&id=6E7C-3158FD281F1A%21108618&parId=6E7C3158FD281F1A%21108616&o

Territórios - Supervisora Lidiane Siqueira Araújo <https://youtu.be/uVzMJQIQ86E>

Territórios - ex educando da EJA de Guarulhos, Crevanês Raimundo de Oliveira <https://youtu.be/uVzMJQIQ86E>

Territórios - ex educanda da EJA de Guarulhos, Romilda Aparecida Branco de Andrade
<https://youtu.be/yDeWCYuJuOw>

Territórios – Professora Andrea Regina Assad Brandão https://www.youtube.com/watch?v=-1g3x87Rjq1o&list=UUZa_ZXBc3bBmr5TGc2Djn-w&index=1

Territórios – Professora Silvana Maria Barbosa de Santana
https://www.youtube.com/watch?v=yBCTUnjZbOc&list=UUZa_ZXBc3bBmr5TGc2Djn-w&index=2

Territórios – Professora Coordenadora Pedagógica Karla Bianca da Silva
https://www.youtube.com/watch?v=3UEA8Vk9XJY&list=UUZa_ZXBc3bBmr5TGc2Djn-w&index=4

Territórios – Professor Coordenador Pedagógico Rafael Pereira de Souza
https://www.youtube.com/watch?v=SZM05EkZO3E&list=UUZa_ZXBc3bBmr5TGc2Djn-w&index=3

Territórios - Professor Coordenador Pedagógico Anderson Ferreira de Brito
https://www.youtube.com/watch?v=eQj0-yYe-ik&feature=emb_title

Educador Mauro Rosa, ganhador do prêmio nota 10/2018 https://youtu.be/pzGyK47HZ_Y

Curta-metragem Vida Maria https://youtu.be/yFpoG_htum4

Vídeo documentário: por que parou? Parou por que? Evasão na modalidade da EJA https://youtu.be/_39Qbi9HuGw

Música Gabriel Pensador - Até quando? <https://youtu.be/atXuxbc7zZk>

Palestra Miguel Arroyo Escola Currículo e Mudança <https://www.youtube.com/watch?v=S8n3hxG9HxE>

Trecho do filme “Sociedade dos poetas mortos” <https://www.youtube.com/watch?v=fr6pfPmbAtl>

Declamação do poema “Meus medos” <https://www.youtube.com/watch?v=caluF0rD9fQ>

8 perguntas sobre protagonismo estudantil a Doutora Helena Singer
<https://www.youtube.com/watch?v=znjqpGSwLOW&feature=youtu.be>

Experiências de alguns estudantes que passaram pelo PAS

https://www.youtube.com/watch?v=QjQXuV5uL4E&feature=emb_logo

Xilogravura “A professora”

<https://cebi.org.br/noticias/juventudes/raca-genero-e-sexualidade-na-educacao-popular/>

Para criador do Orkut, as redes sociais deixaram de conectar e passaram a gerar solidão e insegurança:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/06/para-criador-do-orkut-as-redes-sociais-deixaram-de-conectar-e-passaram-a-gerar-solidao-e-inseguranca-cjwkwonzs03k301oi0odl-vxrw.html>

CAPÍTULO III - Mundo do trabalho na EJA e o emprego no século XXI

O trabalho em Guarulhos durante o Brasil colônia e império – Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos (Núcleo EJA) https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/20413/mod_resource/content/9/4.%20gru_qsn_m4_u1_atv_1%20a%205_mundo%20do%20trabalho_v2.pdf

SP Arqueologia - Sítio histórico (Guarulhos, SP) - Dra. Cláudia Plens UNIFESP <https://www.youtube.com/watch?v=96ER7jF1rNI>

Texto: AS OLARIAS EM GUARULHOS – Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos (Núcleo EJA) https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/20413/mod_resource/content/9/gru_qsn_m4_u1_atv_1a5_olarias.pdf

Lugares e Memórias de Guarulhos: Trem da Cantareira - AAPAH - Associação Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico <https://www.youtube.com/watch?v=aaeKkwDv8e4&t=136s>

1973 Megalópolis - Leon Hirszman <https://www.youtube.com/watch?v=w0nZqliRldI&t=248s>

Programa Lugares e Memórias sobre a identidade e a história do Taboão - Associação Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico (AAPAH) <https://www.youtube.com/watch?v=TscrqfkAhJ4&t=76s>

Pesquisa: Discriminação afeta saúde e acesso de pessoas LGBTQI+ ao mercado de trabalho - CUT-SC <https://sc.cut.org.br/noticias/as-dificuldades-da-insercao-da-comunidade-lgbti-no-mercado-de-trabalho-1c42>

Matéria: Mulheres ganham 22% menos do que os homens no País, revela DIEESE - Marize Muniz <https://www.cut.org.br/noticias/mulheres-ganham-22-menos-do-que-os-homens-no-pais-revela-dieese-e98d>

Reportagem: Outro Olhar trata de mercado de trabalho de negros e mulheres - Repórter Brasil <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil-noite/episodio/outro-olhar-trata-de-mercado-de-trabalho-de-negros-e-mulheres>

Artigo: “Professores da EJA e alunos infratores: reflexões sobre práticas pedagógicas, trabalho educativo e formação do educador de jovens e adultos” - Ronaldo Revejes Pedroso <http://sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/article/viewFile/151/51>

Pesquisa: Migrantes de outros países às migrações dos estudantes brasileiros - Divisão Técnica de Processamento dos Dados Educacionais do Município de Guarulhos <https://curriculo.guaru->

lhos.sp.gov.br/pluginfile.php/22028/mod_resource/content/7/total_de_alunos_migrantes_por_escola_e_pais.pdf

Migrante, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra deve usar? - Museu da Imigração do Governo do Estado de São Paulo <http://museudaimigracao.org.br/public/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>

Matéria: “Quando o distrito de Cumbica quase virou uma cidade” – Espaço AAPAH. <https://guarulhosweb.com.br/noticia/210164>

Artigo: Uma visão geral sobre a reforma trabalhista - Sandro Sacchet de Carvalho http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8130/1/bmt_63_vis%C3%A3o.pdf

Texto: Previdência social ou seguro social - Documentos e Publicações da Rede Municipal de Guarulhos (Núcleo EJA) https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/22188/mod_resource/content/4/gru_qsn_stb_m4_u3_atv_1a5_EJA_anexo_final.pdf

Artigo: Reabilitação profissional: o que pensa o trabalhador sobre sua reinserção - Elisabete Cestari e Mary Sandra Carlotto <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8307/6085>

Texto: “Nós podemos reinventar o mundo” - Paulo Freire. <https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo>

Entrevista: “Escola vive crise porque não dialoga com seu tempo” - Tião Rocha <https://www.youtube.com/watch?v=KexaPPBnUtE>

O Café de Portinari - Catherine Beltrão <http://artenarede.com.br/blog/index.php/o-cafe-de-portinari/>

Cultura e Reflexão: Conheça o centro de pesquisa, na difusão e produção, na preservação da memória – Centro de Memória Sindical <https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/>

Documentário: “O discurso do educador com os alunos da EJA” – Nova Escola <https://www.youtube.com/watch?v=4FpzrfFwRrM&t=90s>

Texto: Aeroporto Internacional de Guarulhos e os Impactos na Economia da Cidade - Prof. Ms. Tiago C. Guerra https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/pluginfile.php/22424/mod_resource/content/4/4._gru_qsn_m4_u4_atv_1_a_5_aeroporto-h1.pdf

Era assim aeroporto - Canal Guarulhos <https://www.youtube.com/watch?v=ebkExwVLG3A>

Uberização do trabalho: documentário discute a precarização pós reforma – Rede TVT <https://www.youtube.com/watch?v=eZfdM16ORY0>

“A tragédia neoliberal e a meritocracia” - Professora e filósofa Marilena Chauí <https://www.youtube.com/watch?v=5jNea8b3hUE>

“Escravo, nem pensar!” - ONG Repórter Brasil <http://escravonempensar.org.br/livro/>

“Trabalho escravo no Brasil do século XXI” - Organização Internacional do Trabalho https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_227551.pdf

Documentário: “Terminal 3” - Marques Casara e Thomaz Pedro <https://vimeo.com/262263154>

Música: Pedro Pedreiro - Chico Buarque <https://www.youtube.com/watch?v=ukyJzG9lePI>

Letra: Pedro Pedreiro - Chico Buarque <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45160/>

Decreto 5.840/2006 - PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional) https://www.youtube.com/watch?v=gEzU_m9Y7M0

Territórios – Professora Coordenadora Pedagógica Alessandra Rodrigues <https://curriculo.guarulhos.sp.gov.br/mod/resource/view.php?id=541&forceview=1>

Territórios – Supervisora Fernanda Mayumi Garcia Zerbinato <https://www.youtube.com/watch?v=pd11UAUmyD8&feature=youtu.be>

Territórios – Professora Coordenadora Pedagógica Ângela Neves de Carvalho <https://www.youtube.com/watch?v=yrDiwqcXvX8>

Territórios – Coordenador de Programas Educacionais Alexandre Coutinho <https://www.youtube.com/watch?v=-22ApGtgOAo>

Poesia - A Vida é um Trabalho - Victor Lara https://www.youtube.com/watch?v=cDRVC_9FvqQ

Contemplação da pintura “Operários, Tarsila do Amaral” https://www.google.com/search?q=O+Oper%C3%A1rio,+Tarsila+do+Amaral&sxsrf=ALeKk00WLIuhLhdVunHhbWrtHudKlBkP-H-Q:1596143539094&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwif1KGF8vXqAhUEILkGHTKq-Cs4Q_AUoAXoECBoQAw&biw=1366&bih=625

Música: Rap do Ônibus + Letra – Projota https://www.youtube.com/watch?v=oL-MJWj0J_0

Letra da música: Rap do Ônibus – Projota <https://www.lettras.mus.br/projota/1851423/>

Curta metragem: O Emprego – Fondo Nacional de las artes <https://www.youtube.com/watch?v=-CmOkJuhA678>

Nunca é tarde – Bráulio Bressa <https://www.youtube.com/watch?v=motpM5j2vo0>

Imagens de Areia – Roberval Coelho <https://www.youtube.com/watch?v=ttFM7r5L3IU>

Música: Até quando esperar – Plebe Rude <https://www.youtube.com/watch?v=Hau9i7FiVfM>

Poesia: “Perguntas de um trabalhador que lê” - Bertolt Brecht. <https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/bertolt-brecht-e-os-80-anos-do-poema-%c2%93perguntas-de-um-trabalhador-que-le%c2%94/>

CAPÍTULO IV - A tecnologia na Educação de Jovens e Adultos

Revolução Industrial - Me. Cláudio Fernandes
<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/revolucao-industrial.htm>

Eco da Revolução Industrial – Pesquisa Fapesp

<https://revistapesquisa.fapesp.br/eco-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-industrial/>

Projeto Manhattan – Wikipédia
https://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_Manhattan

Artigo: Guerra cirúrgica dos drones: uma quimera – Patrícia Campos Mello
<https://m.folha.uol.com.br/colunas/patriciacamposmello/2015/05/1626225-guerra-cirurgica-dos-drones-uma-quimera.shtml>

Pálido Ponto Azul - Carl Sagan https://www.youtube.com/watch?v=4_tiv9v964k

Como a produção do iPhone explica a globalização - Fabio Sasaki
<https://www.youtube.com/watch?v=VR6JyQD5jrs>

Telefone – Ariano Suassuna <https://www.youtube.com/watch?v=dWkJhZTiquQ>

Diferença entre consumo e consumismo - Jornalismo 8/11/ 2013
https://www.youtube.com/watch?v=t7S4NKNK__g

Você sabe o que significa Xing Ling – Reportagem
<https://www.youtube.com/watch?v=oBveIBclZ5s&feature=youtu.be>

A História das Coisas (versão brasileira) - Documentário
<https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw>

Conferencia: A civilização do espetáculo - Mario Vargas Llosa
<https://www.fronteiras.com/videos/a-civilizacao-do-espetaculo>

Política Nacional de Resíduos Sólidos - Lei 12.305/10
<https://www.youtube.com/watch?v=TPaRa8eruv&t=2s>

Documentário: O que é ser indígena no século 21 - Edson Kayapó
<https://www.youtube.com/watch?v=Q5iajNT3XgE>

Documentário: Povos da Floresta - ISA 25 anos
<https://www.youtube.com/watch?v=AKSgvH0ESH4>

Matéria: Tecnologias indígenas: esplendor e captura - Angela Pappiani
<https://amazonia.org.br/2018/11/tecnologias-indigenas-esplendor-e-captura/>

Texto: O que é permacultura? - Leticia dos Santos e Marcelo Venturi
<https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>

Matéria: O agronegócio consciente e responsável, respeita e preserva o meio ambiente - Aparecido Mostaço - <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/o-agronegocio-consciente-e-responsavel-respeita-e-preserva-o-meio-ambiente.html>

Documentário: A Revolução dos Cocos - A história da primeira revolução ecológica do mundo - National Geographic <https://www.youtube.com/watch?v=UxLO3L4tQ60&t=4s>

Manifesto: “Estética da Fome” - Glauber Rocha
<https://hambrecine.files.wordpress.com/2013/09/eztetyka-da-fome.pdf>

Matéria: Coletivos produzem curtas, longas e webséries em Guarulhos – Folha de SP (Thalita Monte Santo) <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/02/1862301-coletivos-produzem-curtas-longas-e-webseries-em-guarulhos.shtml>

Média Metragem: Isto Não é um Cachimbo vol. 1- Andre Okuma e Reiko Otake
<https://www.youtube.com/watch?v=f8JsMPwuUo4&t=511s>

Territórios – Professora Coordenadora Pedagógica – Martha Aparecida Hollais Santos
https://www.youtube.com/watch?v=Vtnj-cVldR0&feature=emb_title

Territórios - Professor Durval Agra
<https://www.youtube.com/watch?v=7658weGHW4c>

Territórios – Professora Coordenadora Pedagógica – Rita Galdino
<https://www.youtube.com/watch?v=Qmf6ibXx8rY&feature=youtu.be>

Territórios – Professora Thaís Pereira
<https://www.youtube.com/watch?v=UaEmzvvlRtl&feature=youtu.be>

Trecho do filme: Tempos Modernos - Legendado Português – Charlie Chaplin
<https://www.youtube.com/watch?v=XFXg7nEa7vQ>

Filme: Tempos Modernos (Modern Times) - 1936 – Legendado – Charlie Chaplin
<https://www.youtube.com/watch?v=HAPilyrEzC4>

A Canção do Senhor da Guerra (Versão Rádio) - Legião Urbana
<https://www.youtube.com/watch?v=j1qPppubR8w>

Anime retrata a bomba de Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9 de agosto de 1945 – Acervo histórico
https://www.youtube.com/watch?v=b-t4_pUOrYA

Música: Parabolicamará – Gilberto Gil <https://www.youtube.com/watch?v=wEywUJL-iaA>

Letra da música: Parabolicamará – Gilberto Gil <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/46234/>

Curta metragem: O mundo obsoleto e consumista – The Light Bulb Conspiracy
<https://www.youtube.com/watch?v=tjFXVRbVV6A>

Música: 3ª Do Plural – Acústico – Engenheiros do Hawaii
<https://www.youtube.com/watch?v=LeE3NtDUjN4>

Animação: O futuro que queremos - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
<https://www.youtube.com/watch?v=dr5dueiANhl>

Quadrinho: O lixo - Gilmar Machado
<https://www.humropolitico.com.br/gilmar/o-lixo/>

Cinema e Revolução Industrial - Hernani Hefner
<https://www.youtube.com/watch?v=RuSWV6BrQdY>

Matéria: 10 obras para compreender René Magritte - Rebeca Fuks
<https://www.culturagenial.com/obras-magritte/>





EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EJA Caminhos e Possibilidades na Construção dos Currículos



CME Adamastor - Expocriatividade/2019

Foto: Camila Rhodes/PMG-SE

Acesse todos os volumes da
Coleção Formação 2020 em
<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>,
na página de Publicações e Documentos
ou pelo QRCode:

